



Escritos de Colatina, vol 2

Um dia inesquecível em Colatina

Um dia Inesquecível em Colatina

Ficha catalográfica

Um Dia Inesquecível em Colatina / Academia de Letras e Artes de Colatina (org.). - Colatina/ES: Secretaria Municipal de Cultura e Turismo (PMC): 2022.

220p.; 21 cm. - (Escritos de Colatina, 02).

ISBN: XXXXXXXX

1. Um Dia Inesquecível em Colatina - Crônicas, poesias, ensaios, contos - Colatina (ES). 2. Literatura brasileira - Colatina (ES). I. Colatina (ES). Secretaria Municipal de Cultura. II. Academia de Letras e Artes de Colatina. III. Série.

CDD B869.852

Escritos de Colatina
Volume 2
Um dia inesquecível em Colatina



Prefeitura Municipal de Colatina

Prefeito

Guerino Balestrassi

Vice-Prefeito

Rogério Rezende

Secretário Municipal de Cultura e Turismo

Adilson Vilaça

Conselho Editorial e Revisão

Adilson Vilaça

Breno Tardin

Maria Isolina de Castro Soares

Olney Braga

Suely Selvatici Zanotelli

Criação e Edição

Adilson Vilaça

Capa, Projeto Gráfico e Editoração

Juliana Fiorot Ribeiro da Costa

(Secretaria Municipal de Comunicação)

Impresso na

Gráfica Aquarius Ltda.

Sumário

Nota do Editor.....	11
Às margens do rio Doce.....	13
<i>Adelgício Ribeiro de Paula</i>	
Esquecer? Jamais!.....	15
<i>Adilson Vilaça</i>	
A cor da saudade.....	19
<i>Adriana Moulin de Alencar Picoli</i>	
Passeando pelos ares capixabas.....	23
<i>Adriana Pereira Oliveira de Araújo</i>	
A história de repete.....	27
<i>Alcides Scarpatti</i>	
Colatina.....	29
<i>Aldo José Barroca</i>	
Vivendo o dia.....	33
<i>Alex Giacomini Rebonato</i>	

Idas e vindas a Colatina.....	37
<i>Amílcar Cardoso Vilaça de Freitas</i>	
A reinauguração do Cine Gama: luz, câmera e emoção.....	41
<i>Ana Luísa de Castro Soares</i>	
Dias para Guardar.....	45
<i>Ana Paula Barcelo Lizardo</i>	
Foi por pouco!.....	47
<i>Argemiro Balarini</i>	
Reminiscências de um profissional da Educação (Revendo e revivendo o passado).....	51
<i>Arlete Ana Corteletti Pereira</i>	
Sob o olhar do Cristor.....	55
<i>Brendson Segatto Barbosa</i>	
Tudo era rio.....	59
<i>Carlos Pascoal do Nascimento</i>	
O primeiro palco.....	61
<i>Cinthia Mara Cecato da Silva</i>	
No embalo da ciranda da vida: Escritos de amor ao pôr do sol.....	65
<i>Cláudia Fachetti Barros</i>	

Dias inesquecíveis para quem cresceu em São Silvano.....	69
<i>Claudia Rezende Tardin de Castro</i>	
Certa vez.....	73
<i>Dulce Augusta Barbosa Araujo de Castro</i>	
O inesquecível treze.....	77
<i>Elizabeth Gerlânia Caron Sandrini</i>	
Memórias dos outros sobre dias inesquecíveis.....	81
<i>Fernando Achiamé</i>	
Um dia, em Colatina, ou às margens do rio Doce.....	85
<i>Francisco Aurelio Ribeiro</i>	
O inesquecível passeio de ônibus com minha avó em Colatina.....	89
<i>Gabriel Soares de Oliveira Antunes</i>	
Indo ali ao Rio.....	91
<i>Getúlio Marcos Pereira Neves</i>	
Um dia inesquecível em Colatina.....	95
<i>Gislene de Jesus Oliveira</i>	
Confesso que aprendi.....	97
<i>Guerino Balestrassi</i>	
A última curva.....	101
<i>Guido Bonatto Neto</i>	

Assassinaram nosso rio Doce.....	103
<i>Jacimar Berti Boti</i>	
Meu primeiro dia diante do grande rio Doce.....	107
<i>Jose Louiz Nascimento</i>	
Colatina, minha morada.....	111
<i>Lainiki A. de Menezes Camiletti Malikouski</i>	
Colatina – enchente de 1979.....	115
<i>Lilia Márcia de Alvarenga Lourete</i>	
A bicicleta.....	119
<i>Loressa Pagani Campostrini Pretti</i>	
Por um constante bem viver em Colatina.....	123
<i>Luzimara de Souza Cordeiro</i>	
Nasce uma vida em meio aos fogos.....	127
<i>Mara Elizabete Penitente</i>	
Visitando o passado.....	131
<i>Maria Auxiliadora Torezani de Oliveira</i>	
Farofa libertadora.....	133
<i>Maria Emilia dos Santos</i>	
E a Escola Técnica chegou.....	137
<i>Maria Isolina de Castro Soares</i>	

Uma estada inesquecível em Colatina.....	141
<i>Maria Luiza Meirelles</i>	
Um dia azul e branco.....	143
<i>Martinho Raasch Junior</i>	
O elo achado.....	149
<i>Mirtes Favarato Perutti</i>	
Colatina nasceu na praia. E já teve praia.....	153
<i>Nilo José Rezende Tardin</i>	
O dia em que a Guerra acabou.....	157
<i>Olney Braga</i>	
Aniversário poético.....	161
<i>Orlando Marim Neto</i>	
O castelo de barro.....	169
<i>Patricia Ferreira</i>	
A queda.....	173
<i>Ramon Linhalis Guimarães</i>	
Fundamental é ser feliz.....	177
<i>Renata Aparecida dos Santos</i>	
Pra quem ama.....	181
<i>Renato Sabaini</i>	
Cristo Redentor.....	183
<i>Rita De Cassia dos Santos Menezes</i>	

Um dia inesquecível em Colatina.....	185
<i>Rita Silva Rissi</i>	
Um dia inesquecível em Colatina.....	189
<i>Roque Plinio Loss</i>	
Ah! Se teu pôr do sol pudesse falar.....	191
<i>Roseli Ágda de Jesus</i>	
Uma tarde em Colatina.....	195
<i>Simone G. Kobi Santos</i>	
Um dia inesquecível em Colatina.....	197
<i>Sonia Maria Rodrigues Rosseto</i>	
Um dia inesquecível em Colatina.....	201
<i>Suely de Fátima Selvátici Zanotelli</i>	
Meu caro amigo e saudoso Diretor, Caetano Bravin.....	205
<i>Thiago Dadalto Pissimilio</i>	
O sol poente é a cura 2.....	209
<i>Werlen de Oliveira Gon</i>	

NOTA DO EDITOR

Primeiro passo, segundo passo: neste compasso é que, quase sempre, se anuncia uma longa caminhada. A coleção temática Escritos de Colatina novamente recebeu grande número de textos, desta feita para compor seu segundo número. Foram selecionados mais de 50 escritos, entre poemas, crônicas, contos, ensaios, matérias jornalísticos, relatos e depoimentos testemunhais. O livro estampa declarações de amor à cidade e queixumes, comédia e tragédia, reminiscências e atualidades, confissões e lições de vida – em composições que variam desde a urdidura refinada até aquela que se apresenta com a singeleza emocional despida de adornos, porém ornada com o fio do mais genuíno teor emocional.

Outra vez, a coletânea orientou-se pelo crivo da inclusão, contudo desconsiderando para o rol de composições recolhidas aquelas que não se ativeram ao tema, conforme prescrevia o edital público. Por evidente, uma coleção temática é construída por escritas que protagonizam o tema – seja de maneira direta, seja de maneira implícita, à maneira de alguns textos angariados. No caso, é atribuição do Conselho Editorial, além da correção ortográfica,

cuidar da escolha fundamentada de textos a conchegar corpo e alma do livro. Que ora se expõe como admirável documento emocional da cidade, orquestrado coletivamente no arranjo temático de “Um dia inesquecível em Colatina”.

A continuidade do Projeto Escritos de Colatina é mais uma peça a demonstrar a dedicação da equipe da Secretaria de Cultura e Turismo em articular e consolidar um movimento cultural consistente na cidade. Para tanto, constituiu-se a Academia de Letras e Artes de Colatina – Alarc, a Sociedade Fotográfica e Cinematográfica Colatinense – Sofocco, os projetos Quintal Poético, Recanto do Conto e Sexta em Canto, lançou-se já o segundo Concurso Fotográfico de Colatina, iniciaram-se aulas de teatro e de dança – na companhia das já tradicionais aulas de música (violão, percussão, acordeom e teclado) –, deu-se vigor ao Clube de Xadrez Machado de Assis e nova vida ao Coral Municipal de Colatina, como também foram recuperados os festivais “Fenaviola” e “FestCol”, ambos com mais de dez edições. Dos roteiros de agroturismo estreados, a “Rota da Pereveca”, semeada nas cercanias do caminho entre os distritos de Boapaba e Baunilha, tornou-se desde muito logo merecido sucesso.

Ainda para adensar o movimento cultural da cidade, tem-se em perspectiva a construção do Teatro Municipal, com 400 lugares. Está em curso a reconfiguração da Banda de Música Walfredo Rubim e a instalação do núcleo de uma Orquestra Sinfônica em Colatina. A equipe da Secretaria de Cultura e Turismo, com o apoio do prefeito Guerino Balestrassi, trabalha com denodo para que a cidade possa sempre festejar com qualidade o orgulho por sua trajetória em busca da paz, do bem e da prosperidade.

Que o Eterno e as artes protejam e iluminem a nossa cidade!

ÀS MARGENS DO RIO DOCE

ADELGÍCIO RIBEIRO DE PAULA

*Professor da rede pública do estado e da prefeitura de São Paulo;
graduado em Educação Física, Pedagogia e História;
mestrado (Universidade Nove de Julho)
e doutorado (Universidade Federal de São Carlos)
em Educação. Escreve poesias desde os anos escolares iniciais.*

Meu coração ficou em Colatina,
Bem ao lado da linha do trem,
Onde dei um beijo numa menina,
Esperando dela um beijo também.

Aconteceu onde o Rio Doce passa
Deslizando, solene, rumo ao Oceano,
Mas agora, tudo perdeu a graça,
Pois para ela foi tudo um engano.

Mas na saga dessa minha paixão,

Com empenho entreguei o meu coração,
E isso não foi de todo perdido.
Mas a saudade daquela menina,
Que um dia beijei lá em Colatina,
Ainda carrego em meu peito ferido.

ESQUECER? JAMAIS!

ADILSON VILAÇA

*Jornalista. Escritor com mais de 40 títulos publicados. Mestre em Letras/Literatura.
Vice-presidente na Academia ES de Letras e na Comissão ES de Folclore.
Membro da Alarc. Secretário de Cultura e Turismo de Colatina.*

Ah, sim! Claro que tive em Colatina o meu dia para lá de sensacional! Certamente você também teve. Mas você acha que o seu dia foi mais feliz do que este meu a ser revelado? Que nada! Se acaso, depois de minha revelação, você desconfiar que passou por experiência igual, eu o parabenezo! Porém, de maneira muito egoísta, pondero que a sua tentativa continuará aos pés da minha. Pois bem, façamos assim: fique com o seu dia formidável, eu ficarei com o meu fenomenal evento – que teve direito a bis!

Não posso me queixar de dias marcantes em Colatina. Chegamos à cidade no finalzinho de 1969, dezembro infernal. Papai Noel, em seu trenó vindo do Polo Norte, trouxe frescor nenhum; aliás, suas renas devem detestar a passagem por essas bandas do Vale do Rio Doce. É calorão que faz passarinho bater

uma asa e se abanar com a outra; nos meses de janeiro e fevereiro, há pescadores que juram pelo Cristo Redentor da cidade a proeza de que pescaram robalos de cinco, seis quilos já pré-assados! Pois tomara que a mentira não atraia o olhar de censura do Cristo, que lá do alto do morro do bairro Bela Vista, bem avalia presepada de cada vivente.

Em 1969, a cidade não tinha seu Cristo, não. Só mesmo calor infernal! Em Colatina, Jesus Cristo somente brotaria da manjedoura após fadigosa obra, em 1975. Também de maneira lenta, a nossa família foi aprendendo a cidade. Suas tradições, seus bairros, seus segredos, suas ruas, seus becos e sua gente: quanta novidade, quanto sobrenome italiano! O primeiro dia de Santa Luzia, a 13 de dezembro, passou em branco. Ninguém conjecturou botar sob as camas dos mais novos um pratinho com capim para alimentar o tropel do santo cavaleiro cavalgado pela mártir Luzia, a protetora dos olhos – ela teria arrancado os olhos para entregá-los ao carrasco, rejeitando renegar a fé cristã. Bem, as crianças ficaram sem as balinhas e guloseimas que a santa oferta aos devotos.

Quanta novidade para a família com origem em Cuparaque (MG), onde eu e os três mais velhos nascemos. Migramos para Ecoporanga, no Noroeste capixaba, que deu à luz a mais quatro. Ecoporanga, na época, era quase extensão de Minas. Em Colatina, outra vez nos situamos bem nas beiradas do Rio Doce. Fomos nos acostumando ao novo lar, astuciando tudo do jeitinho bem mineiro: devagarinho, porém deixando nada escapar daquilo que a generosa morada nos oferecia. Adolescente, comemorei à beça o Tricampeonato Mundial de 1970, aprendi o primeiro beijo, ganhei medalhas de aluno destaque, marquei gol decisivo no estádio municipal, fiquei mortificado com a morte de minha avó paterna – a materna falecera em Ecoporanga; os vovôs, não os conheci.

Na juventude, fui para o Rio de Janeiro – para dar continuidade a estudos, para inventar insólitas aventuras de minha trajetória. Volta e meia retornava a Colatina para visitar pais, irmãos e parentes: alguns ainda habitam na Princesa do Norte. Retalhando o tempo e os fatos, voltei a Colatina para dar vida ao decantado esplendoroso dia. Era 1982. Ano inteiro de vaivém entre Vitória e consultório médico, tão suave e maciamente como flui o Rio Doce em calmaria. Então, foi como se espocassem – pocassem, diz o vocabulário capixaba – fogos de artifício, morteiros de ensurdecidora alegria, esfuziantes raios navegassem o brejal que alagou meu olhar, até afogar por inteiro as pálpebras!

A 31 de outubro de 1982 nasceu Amílcar, o Amílcar Cardoso Vilaça de Freitas, o Amílcar Freitas, como gosta de assinar. Não sou religioso, a antiga Casa de Saúde São Sebastião ficava na vizinhança da Catedral, mas senti ter ouvido sinos badalarem. O obstetra era o amigo e depois prefeito Dilo Binda, do qual fui secretário municipal em duas gestões – nas décadas de 1980 e 90. Amílcar veio ao mundo para celebrar no nome a luta do glorioso Amílcar Cabral, gênio da humanidade por eleição de historiadores ingleses, libertador da Guiné-Bissau, onde nasceu, e de Cabo Verde. Que dia estonteante aquele 31!

Foi dia tão arrebatador, que eu e a mãe, entusiasmados, decidimos dar um mata-leão na felicidade e sequestrá-la. Quase dois anos depois, nós a libertamos para que a cidade inteira pudesse de novo bailar com ela. Obstetra, Casa de Saúde, Catedral, sinos estilhaçando vitrais: tudo se repetiu a 6 de setembro de 1984. Nasceu o sorriso bailarino de Kênia Cardoso Vilaça de Freitas, a Kênia Freitas, nome que celebra as douradas savanas, os montes e as colinas felinas do bellissimo país africano. Minha menina, minha fabulosa rosa negra.

Ambos voaram do ninho por aí afora, a estudos e a trabalho, tecendo seus caminhos: EUA, França, Rio de Janeiro, São Paulo e muitas Bahias. Amílcar é pós-doutor em Sociologia, leciona em Lajeado, a hora e meia de Porto Alegre. Kênia tem dois pós-doutorados na área de Cinema, é curadora do Centro Cultural Dragão do Mar, em Fortaleza. Ele no Sul, Kênia no Norte: é longo, mas será sempre prazeroso o voo para nossos reencontros. Eles que são meu escancarado riso de felicidade, meus dias inesquecíveis doados por Colatina.

A COR DA SAUDADE

ADRIANA MOULIN DE ALENCAR PICOLI

Colatinense, reside em Imperatriz, MA. Médica, pianista e escritora.

Membro da Academia Imperatrizense de Letras. Possui cinco livros publicados.

Nasci nessa cidade dourada e nela vivi até os dezesseis anos. Precisei rumar para a capital com o objetivo de continuar os estudos e por lá fiquei por mais dez. Quase todos os fins de semana eu voltava a Colatina, principalmente para não perder as minhas interioridades, mas acabei por me mudar para bem longe. Deixei aí um pedaço do meu coração.

Certa vez, eu, com treze anos de idade, logo depois do almoço o telefone tocou. Era o meu pai que, no hospital, prestes a entrar no centro cirúrgico para realizar uma cirurgia, percebeu que havia esquecido seus óculos em casa. Fui então ao encontro dele, apressada como sempre, para entregá-los. Já de volta a casa,

sentei-me à mesa, mas, antes mesmo de iniciar os estudos, o telefone tocou outra vez. Aborrecida, levantei-me para atender. Era uma amiga de minha mãe perguntando se estava tudo bem. Em menos de cinco minutos, o telefone tocou novamente, era a minha tia, perguntando, também, se estava tudo bem com a gente. Pouco tempo depois, alguém tocou a campainha; era a vizinha. Abri a porta, mas ela parou no meio do caminho e voltou para a sua casa. Em seguida, muitas pessoas foram entrando em nossa casa e não falavam nada. Da janela, avistei uma grande amiga de infância e fui ao seu encontro. Ela me contou que a notícia que corria na cidade era que o meu pai – o Dr. Enoch – havia morrido naquela manhã.

E as pessoas não paravam de chegar... A casa já lotada, alguns choravam, muitos elogiavam o “morto” e contavam histórias das cirurgias que ele havia realizado, dos diagnósticos precisos, seus atos de caridade, do grande ser humano que foi em vida – essas coisas edificantes que as pessoas falam dos que morrem... A funcionária da casa já estava distribuindo cafezinhos aos visitantes quando eu disse para minha mãe: – Ele está “Vivinho da Silva”, posso garantir! E lhe falei da cirurgia, dos óculos e tudo mais... Decidi então ir ao encontro do meu pai para informá-lo do furdunço que havia se transformado a sua vida (ou a sua morte, de acordo com o povo). Ao chegar ao hospital, logo o avistei, alegre e falante como sempre, e disse-lhe para se preparar, pois estava todo mundo pensando que ele havia morrido. Ele então arregalou aqueles dois olhos, já grandes, para mim e falou: – Eu morri? Que conversa é essa? Eu tô é vivo, num tô? E se olhou de cima abaixo. Daí pra frente eu só sabia rir.

Ah! Mas o pior ainda estava por vir... Quando chegamos em casa, eu e o “falecido”, foi que a coisa desandou. Era gente chorando, desmaiando, gente rindo, se arregalando... Era pressão

arterial que subia, que caía... O caos! Mas a coisa prosseguiu: foram servidos biscoitinhos de nata, broas de fubá, queijadinhas... e muitas rodadas de café, obviamente. E o meu pai, atordoado, ainda teve que atender e medicar os que passaram mal ao vê-lo adentrar sua própria casa, vivo e feliz.

De noite, antes de se deitar, ele me chamou daquele jeito como sempre fazia: – Adrianaaaaa! Que dia hein, minha filha! Acho que vou dormir. Esse negócio de morrer não é pra qualquer um, não. Só o ensaio já me deu uma canseira danada! E soltou aquela gargalhada sonora que era sua marca registrada.

Ficamos sabendo, depois, que um advogado de uma cidade vizinha, também chamado Enoch, havia realmente falecido, e um carro de som andou pelas ruas convidando parentes e amigos para o velório.

Meu pai ainda viveria muitos verões e pescaríamos um sem-número de arraias no litoral do Espírito Santo. Ele teria bastante tempo para contar as suas histórias intermináveis. Nós dois ainda realizaríamos juntos muitas cirurgias, e eu ouviria a sua gargalhada inconfundível por muitos e muitos anos.

Um dia de janeiro de 2008, recebi a notícia do seu falecimento. Durante as longas horas de voo, na solidão da alma, no abandono de um avião cheio de rostos estranhos, onde ninguém conhece a dor de ninguém, recordei-me de tudo, de uma vida inteira ao lado daquele grande homem, piauiense de nascimento, que eu amei sem medidas e amo, e que me ensinou tanto em vida e ainda depois de sua morte. Foi impossível não me lembrar daquele fatídico dia em que quiseram antecipar a sua senha! E então eu ri e chorei... E contemplei o mundo através da minúscula janela do avião, enquanto o sol se despedia e o céu mudava de cor, assumindo um lindo tom violeta: a cor da saudade! E como desejei – naquele

momento – ser apenas uma menina colatinense, de treze anos de idade, com a vida inteira pela frente, e estar novamente levando os óculos do meu pai ao hospital, para que ele pudesse realizar mais uma cirurgia – sua missão de vida em terras capixabas.

Mas aquele dia foi diferente. Daquela vez não foi assim.

PASSEANDO PELOS ARES CAPIXABAS

ADRIANA PEREIRA OLIVEIRA DE ARAÚJO

Carioca de nascença e itapinense de coração. Formada em Biologia, especialista em insetos, professora de Ciências e Biologia. Mentalmente inquieta e apaixonada por livros e versinhos desde criança. “É com prazer que contribuo para os Escritos de Colatina”.

De mãos dadas, avoados

Despretensiosos a passear

Um casal de namorados

Distraídos a prostrar

O vento de repente soprou

Tirando o casal do chão

Para o alto os levou

Causando grande confusão!

Estavam ali iniciando
Uma jornada de coragem
Unidos no céu e voando
Desfrutariam uma linda viagem

Avistaram Columbia, Bela Vista e Airton Sena
Depois Luiz Iglesias, Honório Fraga e Aeroporto
Viram também Maria Ismênia linda e plena
Giubert Guimarães e também Córrego do Ouro

Também avistaram os santos:
Marcos, Pedro, Silvano, Antônio, Braz e Vicente
Sempre estendendo seus mantos
Protegendo toda essa gente

As santas também estão a abençoar:
Cecília, Mônica, Margarida, Helena e Teresinha
Sempre estão a essa cidade embalar
Nunca desamparam nem a deixam sozinha

Passando ainda por Maria das Graças, Fazenda Vitali e Ipê
Estavam realmente maravilhados
Saindo no Córrego Estrela, Porto Belo e Lacê
Cada vez mais ficavam extasiados

Nunca viram tanta beleza:
Baunilha, São João Grande, Itapina e Porto Belo
Nessas paragens foi gentil a natureza
Pintou-as com muito esmero

Não se pode esquecer Barbados, Moacir Brotas
e Vicente Soela
E tanta gente acolhedora que por lá vimos
Apreciando tanta paisagem bela
Muitas alegrias sentimos

Ainda Riviera, Fioravante Marino e Esplanada
São Domingos, Carlos Germano e São Pedro Frio
Quase terminando o passeio na cidade tão amada
Aterrissaram felizes na Avenida Beira-Rio

Noventa e oito bairros percorreram
E ficaram fascinados!
Com um beijo o passeio selaram
Ainda mais apaixonados

A menina que voava era eu, vos digo agora
O rapaz era ele, meu príncipe encantado.
Esse amor é lindo e de outrora
E sobrevive no meu sonho dourado

Esse dia inesquecível
Se passou em Colatina
Muito mais do que incrível é linda,
menina e sempre presente em nossa retina!

A HISTÓRIA SE REPETE

ALCIDES SCARPATI

Jornaleiro há 50 anos, possuí a banca do Cobrinha, localizada na Avenida Delta, tendo como lemas: “Ontem um mito, hoje uma lenda, amanhã na história. “De gênio e louco todo mundo tem um pouco”. “Não tive infância nem juventude e, quando percebi, já estava na melhor idade”.

Em 1975, foi o trem que tiraram da cidade, levando-me a mudar de emprego porque vendia picolés nele quando ele parava.

Hoje foi o ônibus, porque estou no ponto da Delta há onze anos e agora levaram os ônibus para a antiga estação de trem.

Dizem que o raio não cai no mesmo lugar duas vezes, mas comigo aconteceu de novo. Só que agora já não sei mais o que fazer, porque estou perto dos meus cinquenta anos de trabalho e também da melhor idade.

Ontem eles foram uma alegria para mim.

Hoje é apenas uma garagem...

Hoje já não tenho para onde correr e espero para ver no que vai acontecer.

COLATINA

ALDO JOSÉ BARROCA

*Membro do IHGES, da Academia da Serra e da AEI.
Escritor e jornalista articulista (MTE385-ES).*

Vitória, minha bela ilha com uma orla maravilhosa, sem saber o motivo pedi a meu pai autorização para passar as férias do final de ano na residência de meu tio, em Colatina, no noroeste do Espírito Santo, por mim desconhecida, e lá não tem praia!

Como ele permitiu, no início de janeiro de 1955 fui de trem passar as férias escolares em Colatina, na residência de meu tio Alberto Barroca, mineiro de Resplendor (MG), exercendo a advocacia na cidade. Fomos ao Estádio Justiniano de Melo e Silva, assistimos ao carnaval, perambulei pela cidade. Eu tinha doze anos, fiz amizades com outros garotos. Povo hospitaleiro, comunicativo, cidade bonita. Gostei tanto que ia pedir a meus pais para retornar nas próximas férias. Pediria! Meu tio passou em concurso para Juiz e veio para Vitória.

Adulto, constituí família, responsabilidades assumidas, não tive possibilidades para nova visita à Princesa do Norte. Entretanto, a vontade de retornar não saía do meu pensamento.

Em 2009, divorciado, aposentado e morando sozinho, pude realizar meu sonho de adolescente. Finalmente, retornei à cidade tão quente que é conhecida por “Calortina” e dizem lá só ter duas estações: quente e fervendo. Ora, Vitória também é muito quente, sou acostumado com o calor, e gosto. Jamais me acostumei com o frio.

Tanto que, não mais estudante e, como aposentado podendo ir em qualquer época, fui (novamente) no início de janeiro.

Embora podendo ir de ônibus, por considerar mais romântica a viagem optei pelo trem (como românticos eram os saudosos bondes em Vitória). Orientado por meu pai, fui sentado do lado da janela, querendo apreciar as belas paisagens. Na estação de Colatina, agradável surpresa: os trens não passam mais pelo centro da cidade e um ônibus aguardava os passageiros para levar à cidade. Um casal me explicou que há muitos anos a cidade estava livre desse transtorno. E me indicou um bom hotel.

No hotel, tomei banho e fui andar. Caminhando e conhecendo a “nova” cidade, sorri e pensei: “Como cresceu! Eu e Colatina éramos adolescentes, agora ambos somos adultos! E continua sendo uma formosa cidade”.

À tardinha, assisti ao belo pôr do sol. Logo depois, de ônibus, passei pela Ponte Florentino Avidos. Fui ao bairro Honório Fraga, pois previamente marquei encontro com amigo e colega poeta de Vitória que, concursado, trabalha na cidade. Afirmou estar adaptado, gosta de Colatina e tem muitas amizades. Sendo um dia de domingo, assisti à Missa, antes de voltar ao hotel.

Café da manhã no hotel, almoço e jantar em restaurante, lanches em lanchonete. Bons ambientes, ótimo atendimento.

No dia seguinte, várias visitas, incluindo a Catedral do Sagrado Coração de Jesus, a bem diversificada Biblioteca Municipal,

a Praça Municipal e a Praça Sol Poente. Percorri vários bairros, fui ao Cristo Redentor.

Perambulei pelos lugares por onde passei na adolescência e conheci as (para mim) novidades na cidade: supermercados, loterias, lojas. Como teve melhorias, principalmente no Centro! A Prefeitura e os empreendedores acompanharam o progresso.

Fiz amizades, com destaque para simpáticas atendedoras em um supermercado, na loteria da galeria e em uma loja de informática. Todas formosas. Aliás, não posso me esquecer de destacar como a mulher colatinense é bonita!

À noite, caminhadas pelo Calçadão da Av. Beira-Rio. Assim como na Praia de Camburi em Vitória, muita gente caminhando.

A intenção era visita de uma semana. Era! Fiquei tão satisfeito com o progresso e a beleza da cidade, que permaneci durante quinze dias.

Sem conhecer a cidade, não sabia a razão de, na adolescência, pedir a meu pai para passar as férias escolares em Colatina.

Agora sei: foi intuição, pois gosto de todo nosso Estado do Espírito Santo, porém Vitória, minha linda cidade natal, é a cidade que mais amo, e escolhi Colatina para ser a minha segunda cidade.

Não é à toa que Vitória é a Ilha do Mel e Colatina é a Princesa do Norte.

VIVENDO O DIA

ALEX GIACOMIN REBONATO

*Colatinense, formado em História, Vigilante, RPGista, Aikidoísta, Ásatrú,
leitor compulsivo e escritor nas horas vagas. E-Mail: alexrebonato@gmail.com*

Decidir um único, melhor, mais importante, momento inesquecível pode não ser tão simples.

A vida, por si, não é tão simples. Quando se firma uma escolha, ranqueando o primeiro lugar, deixam-se de lado tantos outros, fadados, então, a posições de menor ordem de importância.

Acredito, e isso é pessoal, que quaisquer momentos inesquecíveis são o resultado de uma sucessão de experiências, pois o que seria da vitória sem o mérito do esforço ou sem a perspectiva da derrota?

Lançando mão de uma espécie quase extinta de analogia metafórica pobre, tendemos a florir as lembranças conforme as recordamos e nem sempre, ou quase nunca, contamos o ocorrido como de fato aconteceu. Como um mentiroso compulsivo que a cada conto inventa e aumenta o caso, tendemos a relembrar só o que favorece nossos interesses.

A memória, essa vaca gorda, pasta no gramado do acaso,

mastigando e engolindo situações e acontecimentos e experiências pessoais, armazenando tudo no bucho da mente, de onde, volta e meia, desprendem-se pequenos bocados pelas vias internas das sinapses, para serem ruminados como lembranças e delas é que retiramos, ou, pelo menos, deveríamos retirar, os nutrientes que constituem a sabedoria.

O dia é como a vida: nascemos ao amanhecer, o crepúsculo da existência, onde a infância é o nascer do sol, quente e agradável, do qual, conforme o dia passa, nos lembramos do saudoso calor aconchegante. Termina no ocaso do fim, a hora inevitável do sono, a morte.

Seguindo esse raciocínio desprezioso, estou, agora, perto do fim da manhã e durante esse dia – essa vida – todo passado em Colatina, minha vaca mental ruma ora por pastos verdejantes de oportunidades ora por solo árido de capim ressequido de dificuldades, lembrando as longas caminhadas noturnas desde a Avenida Beira Rio até o Córrego do Ouro, quando os ônibus, sem concorrência, já se haviam recolhido para dormir. Da fama momentânea do RPG pelos motivos certos e errados; dos saudosos e queridos amigos que tiveram seu dia abreviado, deitaram-se cedo, por vontade própria ou força do destino.

Remoendo e ruminando. Para cada velório há um casamento, nascimento e um novo aniversário. Sinto falta dos bares extintos, do pouco compromisso balanceado com muito álcool. E como é engraçado perceber que, assim como nas ruas apertadas da cidade, a proximidade das calçadas opostas não transmite acolhida, mas sim a sensação de caos claustrofóbico, o distanciamento das pessoas queridas nos enche o peito de saudade orgulhosa pois a prosperidade carece de compromisso constante e me satisfaço contente com as merecidas conquistas de meus antigos comparsas.

Enquanto o dia avança, a vida passa – não pretendo, com essa comparação, diminuir a grandeza da vida, pelo contrário, mas na realidade engrandecer o dia – e aguardo conformado o momento em que minha idade alcançará minha aparência, neste mundo onde é tão difícil saber o que aceitar com gratidão ou negar com orgulho quando há tanta vaidade disfarçada de caridade.

Dizem que a sabedoria vem com o tempo, e já que estamos no campo da comparação, poderíamos afirmar que nos tornamos mais sábios a cada minuto do dia? E como esse grande dia que é a vida passa ligeiro, quem sabe o entardecer não nos reserve grandes arrependimentos.

Fácil é sugerir, recordar as coisas boas e perdoar os erros. Mas alguns bocados de vida lambidos pelo cérebro animal bovino carecem de muita mastigação e ainda assim são difíceis de engolir. O que posso afirmar é que as desventuras são tão nutritivas – se não mais – para o ser, igualmente necessárias, quanto o eventual torrão de açúcar encontrado ao acaso ou cedido por mãos amigas. Avidamente abocanhado, por vezes nem apreciamos o sabor.

De tudo isso todos têm um quinhão por aqui e daqui é possível pesar, avaliar e experimentar de quase tudo e o que não temos, nunca tivemos, não nos faz falta. O que falta mesmo é a sinceridade. Integridade. Valores ultrapassados. A fibra moral hodierna só serve para tecer a corda e o nó na garganta é o que aperta o laço da força.

Tirando isso, em poucas ocasiões estive fora e quase nunca para muito longe e, volta e meia, em meio a estranhos, me perguntam de onde eu venho. Digo que sou de Colatina, e a resposta geralmente é “nunca ouvi falar”.

E eu, tacanho amestrado, penso comigo: “Pois sim, mas Ela fala. E Dela, já tenho saudades”.

IDAS E VINDAS A COLATINA

AMÍLCAR CARDOSO VILAÇA DE FREITAS

*Doutor em sociologia e professor de sociologia do IFSul.
E-mail: amilcarchicago@yahoo.com.br.*

*“Percebo que o tempo já não passa //
Você diz que não tem graça amar assim //
Foi tudo tão bonito, mas voou pro infinito //
Parecido com borboletas de um jardim”
—Victor e Léo, Borboletas.*

Quando eu comecei a dar aula no ensino superior, eu comecei na cidade de Colatina. Eu também fiz estágio numa pesquisa em Colatina. Meu pai trabalhou, em diversos períodos da vida dele, em Colatina; inclusive, trabalha por lá atualmente e também lá passou toda a adolescência dele. Eu tenho dois tios que moram na cidade. E, por conta de um primo obstetra do seu Adilson (meu pai), eu nasci em Colatina.

Quando eu terminei o mestrado em Niterói, tinha uma oferta de emprego em Colatina, que eu aceitei. Eu imaginava que seria o

início de uma longa carreira como professor do ensino superior. Acabei que me mantenho como professor do ensino superior, embora tenha mais cadeiras no ensino médio, como professor de IF que sou atualmente. Ir e vir a Colatina se tornou uma prática diária: a faculdade tinha contratado uma van para levar professores de Vitória todo dia. E assim, atravessando todo dia mais de cem quilômetros, começou minha carreira no ensino superior.

Antes do Victor ser cancelado por violência doméstica, os alunos da faculdade em que eu trabalhava fizeram um churrasco e me convidaram. Todo o pessoal da van para Vitória ficou para o churrasco. Eu achava que eles não gostavam muito de mim, mas me receberam super bem. E tocou Borboletas, de Victor e Léo, cantado a plenos pulmões por todos. Inclusive, uma das rádios do ES se chamava Litoral e colocava uma vinheta que se tornou parte da música no estado. . . . “Não sei dizer o que mudou, // Mas nada está igual [Litoral]” Voltamos todos muito alegres para Vitória; alegres e bêbados – exceção feita ao motorista da van. Mas foi um dia de comunhão com os alunos, rara de se conseguir com alunos adultos.

Apesar da boa recepção dos alunos, a faculdade me dispensou no período de férias. Um semestre depois, me chamaram de volta, mas eu não quis voltar, tive outra proposta em Vila Velha. Passei a oportunidade para um grande amigo, que ficou por lá dez anos.

Recentemente, eu senti muita vontade de ouvir sertanejo universitário. Eu não gosto de sertanejo universitário. Mas me deu uma bruta saudade desse tempo, no qual eu ouvia muito sertanejo universitário por tabela, jamais por vontade. Eu senti saudade do Espírito Santo. Talvez porque eu tenho sentido um estresse enorme. E talvez porque eu não queira mais fingir que está tudo bem. Como um capixaba. O capixaba não se irrita com a situação,

ele já chega na situação irritado. Mas igualmente determinado.

Contudo, a memória mais feliz que eu tenho de Colatina é do tempo que meu pai morava na Avenida Presidente Kennedy, em Maria Ismênia. Ele morava num apartamento sobre algumas lojas. Eu deveria ter cerca de dez anos de idade na época. E tinha liberação para perambular por essa avenida e ir comprar pão ou ir ao fliperama quando estava por lá. Apesar do estresse de ter de ir e voltar nos períodos de trabalho em Colatina (onde eu nunca morei), houve muitos momentos felizes. Mas esse foi o que eu me lembro com mais felicidade. Talvez, porque, nos desafios dos meus dias recentes aqui no Sul, eu tenha tido que resgatar como é viver estressado e, se necessário, agressivo. Eu só queria voltar a ser o menino que perambulava pela rua de Maria Ismênia para ver os outros jogando Street Fighter.

A REINAUGURAÇÃO DO CINE GAMA: LUZ, CÂMERA E EMOÇÃO

ANA LUÍSA DE CASTRO SOARES

*Mestra em Estudos Literários pelo Programa de Pós-Graduação
em Letras da Ufes. É graduada em Letras Inglês, Letras Português
e atua como professora de inglês e tradutora desde 2012.*

É um tanto difícil identificar quando nasceu o meu fascínio pelo mundo do cinema: dentre minhas primeiras memórias, já me lembro que sentar em frente à televisão de casa e descobrir novos mundos dentro de cada VHS era de minhas atividades preferidas. Seja nas coloridas fitas dos estúdios Disney, cujas canções eu consigo recitar de cor até hoje, seja em joias descobertas na coleção de meus pais um pouco mais tarde, a cada filme o deslumbramento pela sétima arte crescia dentro de mim. Nessa época, porém, a única sala de cinema acessível para mim – ao menos sem uma viagem intermunicipal – era em minha própria casa: durante minha infância, Colatina passou alguns anos sem nenhum cinema em funcionamento. Tal fato é especialmente triste se levarmos em conta a tradição das salas de cinema de nossa cidade: o Cine Theatro Ideal, o primeiro cinema colatinense, foi inaugurado em

1921. A ele, seguiram-se outros cinemas, como o Cine Alhambra, o Estrela, o Floresta e o Idelmar – este com incríveis mil lugares.

A grande presença de salas de cinema em Colatina não foi um fenômeno atípico: durante grande parte do século XX, os cinemas atraíam muitos espectadores e possuíam muita força – o período entre 1930 e 1960 é conhecido como a era de ouro dos cinemas de rua. A partir da década de 70, no entanto, primeiro com a popularização dos aparelhos de TV e depois com a chegada dos videocassetes e das locadoras, há um vertiginoso declínio do público das salas de cinema. Os cinemas de rua perdem sua força e, sem conseguir se sustentar, muitos fecham as portas definitivamente. A última sala a funcionar em Colatina depois da época de ouro dos cinemas de rua foi a do histórico Cine Alhambra, que, após um período fechado, voltara rebatizado de Cine Gama. Em 1995, no entanto, o Cine Gama não resistiu e fechou suas portas; seu espaço era agora ocupado por uma igreja – sina comum aos poucos cinemas de rua ainda sobreviventes nos anos 1990. Da outrora imponente sala, restava agora apenas a fachada, ainda preservada, com sua bela frente recortada e o letreiro em tipografia futurista, mas um tanto escondida atrás das placas das lojas da avenida Getúlio Vargas.

Ir ao cinema, portanto, era algo que, por muito tempo, eu só conseguia fazer através de histórias; dessas histórias, as de minha avó Dulce, que cresceu em Colatina, sempre foram as minhas preferidas. Na infância de minha avó, não existia acesso a aparelhos de televisão. Nessa época, os cinemas não projetavam apenas filmes, mas exibiam também notícias – os cinejornais – e seriados. Ah, como eu gostava de ouvir minha avó contar sobre as matinês do Cine Alhambra, nas quais ela assistia a seriados como os do Flash Gordon ou do Fantasma, e onde ela assistiu também a

filmes clássicos, como os musicais da nadadora Esther Williams ou à obra-prima *A Malvada*, com Bette Davis! Minha cinefilia crescia com essas histórias, e eu sonhava com o dia em que uma sala de cinema estivesse ao meu alcance.

Eis que, em 2001, chega a grande notícia: o Cine Gama abriria suas portas novamente! Jamais me esquecerei da euforia com que recebi a novidade e da alegria com que, em dezembro daquele ano, me dirigi ao cinema – um cinema ali, no coração da minha cidade, em plena avenida Getúlio Vargas – para assistir ao primeiro filme exibido em sua reinauguração, a comédia *Legalmente Loira*. Hoje, mais de vinte anos depois, não me recordo bem do enredo do filme estrelado por Reese Witherspoon; já o deslumbramento sentido ao entrar naquela sala escura, escolher a minha poltrona e, de pipoca na mão, observar a tela grande acender, esse será impossível esquecer...

DIAS PARA GUARDAR

ANA PAULA BARCELO LIZARDO

Graduada em Pedagogia e apaixonada por crônicas vivas.

E-mail: paulinhabarcelo@hotmail.com

Você passa um tempo tentando se encaixar de cá pra lá onde os nossos nos colocam e uma hora sempre dá vontade de voltar para onde tudo começou.

Às vezes, essa vontade demora, mas nunca é tarde demais.

Igrejas, escolas, bairros, trabalhos... A cidade onde você nasceu será sempre a sua cidade. Assim é Colatina, talvez porque desde sempre a cantamos com saudade: “Saudade, Colatina, eu terei”.

Foi bonito crescer com o povo gentil e poder escolher por quais caminhos andar. Foi importante ir embora, mas você já experimentou voltar?

Ah, Colatina! Engraçado é encontrar, em outro solo, o seu povo. É tanto calor e empolgação!

Inesquecível mesmo é voltar pra casa, voltar pra Colatina.

Às vezes, não concordo com “se eu partir pra não mais voltar”, pois a gente sempre volta. Nem que seja pra um alô,

para umas férias, para um amor, para uma despedida, para um nascimento ou, quem sabe, para um renascimento.

E hoje, colocando os pensamentos em ordem, nos devaneios das minhas lembranças, tentando lembrar qual momento inesquecível eu tive em Colatina, respirei e lembrei que pude voltar. Estou aqui, passando por outro momento e logo voltei aos capítulos da infância, a dramática adolescência e alguns episódios da vida adulta.

Voltei pra casa, voltei pra Colatina! Vivo recomeçando todos os dias com a certeza de que foi inesquecível poder voltar e não ter apenas um dia, mas ter todos os dias: leves, pesados, cinzas, azuis, com calor e mais calor e sentir-se em casa, aliviada e inesquecivelmente em casa.

FOI POR POUCO!

ARGEMIRO BALARINI

Colatinense, empresário. Secretário de Administração e vice-prefeito de Colatina, na primeira gestão do médico Dilo Binda (1989-1992).

Eu escapei por muito pouco do primeiro acidente envolvendo carro vivenciado por mim. Não fui apenas testemunha: eu estava dentro do veículo, no local do perigo. Tenho agora mais de 90 anos, mas ainda posso sentir e visualizar na memória o ocorrido. Não era comum acidente, aliás, nem carro era coisa comum, era um bem raro, para poucos. O acidente atingiu propriamente um ônibus, que adiante vou descrever melhor, porque nada tem a ver com os ônibus modernos. O fato foi tão incomum a ponto de ser publicado na Revista “O Cruzeiro”, em 30 de abril de 1949. Esta revista era muito importante, sua circulação era nacional. Quem gosta de pesquisar é só procurar na Internet, que vai achar a reportagem!

Eu era rapaz ainda, é só medir pelo meu tempo de vida, já nos 92 anos, com direito a bisnetos. Na época, eu tinha a função importante de ser o cobrador do ônibus, então chamado

de condutor. Já o motorista era o chofer. O ônibus era pequeno, pouco maior que um automóvel desses mais robustos, dos dias de hoje. Dava o comprimento de uma Van, para dizer a verdade. A parte da frente era rebaixada, o sistema de ignição à base de manivela, cabendo ao condutor – no caso, eu – gastar a força da munheca para o bicho pegar no tranco. Era tudo muito diferente!

Pois bem: o chofer, Miguel Alves Martins, agora com 94 anos, vinha dirigindo a uns 40 Km por hora. O proprietário do ônibus era Wilson de Souza Monteiro. As estradas eram todas de terra, ainda com tocos das árvores arrancadas há pouco tempo provocando solavancos nos passageiros. De maneira que o Chevrolet Ano 1937 não estava habilitado – nem pela pista, nem pelos mais de 20 anos de uso – a andar mais do que isso. Era uma velocidade boa, e a frenagem não era tão firme como a atual. A linha percorria de Colatina a Patrão-Mor, vila hoje situada no município de Marilândia, que se emancipou de Colatina. O percurso passava bem na propriedade em que morava a família do atual prefeito Guerino Balestrassi, que cumpre o seu terceiro mandato. Onze passageiros estavam embarcados!

De supetão, apareceu um rapaz correndo pela estrada. A condução estava cruzando ali pelo aeroporto, bem no chapadão, era o tempo em que havia árvore para todo lado. As estradas cruzavam o sombreamento das matas, às vezes eram trilhas abertas em dias recentes. Por elas passavam pessoas montadas em animais e gente a pé em muito maior número do que o de veículos, ainda minguaados. O homem pulava e gritava um aviso, assinalava com a voz e com os gestos... Mas não deu tempo!

Uma árvore, madeira de lei troncada e bem espichada, desabou sobre o ônibus. Acontece, por sorte e graça de Deus, que a fatalidade foi reduzida dado o sistema tosco de transporte de

passageiros, que hoje nem se pode imaginar a sua permissão: os passageiros não tinham proteção de portas nem nada, sentavam-se em bancos abertos, somente cobertos por cima, para proteção de sol e chuva. Ao ouvirem o estardalhaço do mensageiro na estrada, pularam a tempo, de menos um. Também eu e o motorista nos safamos, mas uma boa alma foi para o céu dois dias depois. Internado em Colatina em estado grave, Marcelo Denicole Cassani não resistiu. Foi uma tristeza só, muito lamentável.

A dita árvore estava sendo cortada por dois homens da família Rodrigues, na propriedade do senhor Paulo Ferrão, então com 96 anos, adoentado e acamado fazia já algum tempo. Que fatalidade! O corte da madeira de lei era na capoeira, a uns cinco metros da estrada, mas tudo estava encapuzado pela copa das árvores, de modo que ninguém viu o risco iminente. Não se sabe se o corte foi mal direcionado ou se foi apenas o imprevisível. Na revista “O Cruzeiro” chegou a ser citado que o tronco da madeira de lei foi doado para cobrir prejuízos. Depois do conserto, o ônibus voltou a rodar, porém logo depois virou um caminhãozinho para transporte de cargas; mas também de passageiros.

Vivi muitas coisas, conforme a vida e Deus permitiram. Mas este acidente, do qual eu e outros escapamos por pouco, ainda me vem à mente com imagens muito nítidas. Hoje há mais segurança na condução de passageiros, as estradas de rodagem são melhores, quase sempre pavimentadas com asfalto. Porém, como aumentou o número de veículos, além da imprudência de muitos motoristas, acidente de trânsito virou coisa banal. Uma ocorrência de trânsito no interior de Colatina, mesmo com fatalidade, não vai jamais parar em revista de circulação nacional. A notícia vai ficar presa por aqui, na localidade. Espero que ninguém passe por nenhuma tragédia dessas: eu tive a minha, mas consegui escapar. Foi por pouco!

REMINISCÊNCIAS DE UM PROFISSIONAL DA EDUCAÇÃO (Revedo e revivendo o passado)

ARLETE ANA CORTELETTI PEREIRA

*Especialista em Psicologia da Educação, professora fundadora da FAFIC,
ex-professora, por 43 anos consecutivos, da FAFIC e ex-diretora da instituição.*

Tinha eu 27 anos. Era uma jovem da década de 60, muito privilegiada, com curso superior concluído aos 22 anos, concursada e muito feliz na profissão que exercia – professora de Psicologia Educacional no ensino de 2º grau (magistério) e no 3º grau, na mesma disciplina.

Fisicamente, diziam que eu era muito linda! Toda jovem tem a graça da idade.

Colaborava para isso também a meiguice, resultante da simplicidade e inocência, comum à mocidade que viveu e conviveu numa época em que conquistar um marido e ser MÃE era o principal objetivo.

Casar era, sem dúvida, o sonho de toda menina-moça.

O meu, com certeza, não era diferente.

Pois bem, mas ao lado de tudo isso tão maravilhoso: fisicamente bem agraciada, intelectual e socialmente bem desenvolvida e profissionalmente bem situada, alguns aspectos da minha personalidade careciam de mais maturidade e experiência de vida, para ser mais compreensiva.

Com certeza, a compreensão vai-se desenvolvendo mesmo à medida que vamos amadurecendo.

Com a Maternidade, ela (a compreensão) aflora mais natural e espontaneamente.

Através da Maternidade desenvolvemos muita empatia. Conseguimos nos colocar no lugar do outro, tomar decisões e tratar o próximo com mais equidade.

A racionalidade em interação com os aspectos emocionais torna mais sensatas as nossas atitudes e decisões.

Pois é, mas na época, com 27 anos, eu ainda não tinha adquirido e/ou desenvolvido os requisitos necessários a uma compreensão empática, indispensável a um melhor atendimento das necessidades alheias.

É bem verdade que ninguém consegue maturidade absoluta e conseqüentemente compreensão em toda e qualquer situação. É um processo que vai se desenvolvendo gradativamente.

Hoje, com 84 anos, ainda guardo nitidamente os detalhes de uma atitude que tive em relação a uma aluna da FAFIC.

Exigia- se, na época, 75% de frequência para fazer prova de 1ª época e 50% para prova de 2ª época.

A faculdade funcionava mais em regime de final de semana, para permitir àqueles que frequentavam apenas no final de semana a obtenção do mínimo de 50% de frequência.

Naquele fatídico dia, depois de fazer a chamada nominal, chamei particular e reservadamente uma aluna e lhe falei que, se

continuasse faltando, estaria, de antemão, reprovada.

Ela, com voz embargada e pouco audível, falou que tinha um irmão inválido que precisava de cuidados constantes e que a mãe estivera internada por um período, ficando só ela para assumir o irmão.

Revedo e rememorando a situação citada, me reporto àquele dia e me pergunto: Por que não questionei eu a causa de tantas faltas?

Apenas usei minha autoridade de professor e segui, à risca, as normas disciplinares e regulamentares (regimentais). Até hoje, após 57 anos do ocorrido, eu me penitencio.

A aluna, naquele momento, precisava é de compreensão e apoio e não daquelas palavras minhas tão insensíveis.

Eu tinha 27 anos. Não era MÃE e não tinha desenvolvido a compreensão empática.

Hoje, com 84 anos, não tenho mais os encantos físicos, tão admirados, daquela época; também não exerço tanto, em meus relacionamentos, a autoridade, porque reconheço que a hierarquia deve se basear no respeito e na compreensão.

E citando Almir Sater, na música “Tocando em frente”, cuja letra me desperta sensações e sentimentos mais elevados: “Hoje me sinto mais forte, mais feliz quem sabe?”.

Realmente, “cada um de nós compõe a sua história, [...] carrega o dom de ser capaz de ser FELIZ...”.

Nessa transitoriedade da vida em que “uns chegam e outros vão embora”, quero deixar a você, minha querida ex-aluna, minha retratação e meu profundo agradecimento: saiba que você, com sua voz mansa, sincera e delicada, contribuiu muito para a minha reflexão e tomada de decisões. Hoje reconheço que a bondade e a compreensão são valores que se sobrepõem à racionalidade fria,

insensível e impessoal das normas disciplinares, regulamentares e regimentais.

Um grande abraço, querida ex-aluna.

Colatina (ES), 20 de julho de 2022.

SOB O OLHAR DO CRISTO

BRENDSON SEGATTO BARBOSA

Colatinense, biólogo, administrador e empresário.

A segunda-feira amanhece com o Sol sorrindo para o colatinense, aquecendo os filhos da princesinha e lembrando-lhes que o reino que herdaram precisa ser cuidado.

Os olhos se abrem, os braços se desdobram e as pernas se apressam. O desafio diário é iniciado com os ponteiros do relógio correndo como as águas do Doce ao encontro do mar.

A neblina matinal encobre a ponte sobre o grande rio, não se pode ver além do alcance dos olhos daqueles que, muito cedo, já sentem o aroma do café plantado, colhido, moído e coado neste solo abençoado.

Logo o calor que emana do coração desta terra movimenta a locomotiva dos afazeres cotidianos.

As donas de casa zelam pelo bem-estar familiar ao mesmo tempo em que as crianças uniformizadas, ainda sem compreenderem, já traçam seu futuro na rotina escolar.

Jovens e adultos se empenham no labor diário e na expectativa de alcançarem suas metas de trabalho, estudo e vida.

Senhores aposentados saboreiam as boas amizades construídas ao longo de uma vida, sentados em uma praça, rodeados por um bom baralho e muitos causos.

A Princesinha amanhece com a movimentação agitada do trânsito, e segue nas primeiras horas do dia como quem já entendeu a importância e o valor do tempo.

O comércio se abre a toda região, almejando atender de forma cordial as buscas e demandas individuais e coletivas.

Ao findar do dia, fecham-se os olhos, e quando se percebe, a noite de sexta-feira se apresenta com o luar cintilante. A movimentação agora beira o rio, faróis automotivos e a iluminação da ponte trazem o brilho necessário para o início do final de semana.

O sábado surge na alegria da feira livre. Produtos da terra como frutas, verduras, amizades e prosas enchem as sacolas de cada coração.

O calor da tarde é recebido com churrasqueiras em brasa, acompanhadas de muita risada, música e futebol.

No domingo, os corações se refugiam na fé, em que recebem conforto e encontram a esperança e a coragem de acreditar que se pode construir uma sociedade mais justa e comprometida com o bem de todos.

A alvorada dominical nos presenteia com o pôr do sol adocicado que perpassa pelas colinas que margeiam as águas do Rio Doce. No badalar dos sinos, maritacas acompanhadas pela sua companhia de vida voam e cantam, saudando as luzes que se põem e a noite que se aproxima.

Sob o olhar do Cristo, a cidade respira o fim de mais uma

jornada e suspira pelo início de uma nova semana. Pessoas, carros e luzes, ora apressados, agora caminham com suavidade como quem saboreia a vida na forma de uma deliciosa sobremesa. E o colatinense, sempre grato por viver aqui, descansa num sono tranquilo na segurança de que, daqui de cima, os braços sempre estarão abertos para todos.

TUDO ERA RIO

CARLOS PASCOAL DO NASCIMENTO

Colatinense, servidor público municipal, participa na coordenação de diversos eventos culturais da cidade, tais como festivais de música, carnaval, festa de emancipação. É fotógrafo hobbyista e arrisca escrever umas mal traçadas linhas. cpdngm@gmail.com

Lembro que este dia começou na noite anterior...

Estava escuro, não somente por ser noite. A chuva açoitava a cidade há dias, ocasionando muitos cortes de energia, deixando Colatina sob um manto negro, amenizado apenas pelas luzes de velas e lampiões.

Estava na casa de Marcos, meu irmão, ouvindo o rádio com as notícias e uma delas chamou minha atenção.

O locutor dizia que as comportas da represa de Mascarenhas haviam sido abertas em sua totalidade e que em poucas horas as águas tomariam a cidade de Colatina...

Pela manhã, Dona Martha, minha mãe, reuniu a trupe da família e nos levou à Rua Adalberto Ribeiro.

A atmosfera estava pesada, tanto por causa das nuvens e da

umidade quanto pela apreensão das pessoas que, do alto do morro, podiam ver Colatina tomada pelo Rio Doce.

Em primeiro plano, a ponte Florentino Avidos se contrapunha imponente ao enorme fluxo do rio, represando uma grande massa de água. Lembro de observar que o rio tocava a parte inferior da ponte e como a água era desviada para dentro da cidade, especialmente no abrigo dos ônibus, sendo escoada com velocidade.

As margens do grande rio se estendiam para o interior da cidade, alcançando a Avenida Getúlio Vargas. Tudo era rio...

A praça submersa.

No antigo abrigo de ônibus, apenas a cobertura e uma pequena parte das colunas sobressaíam das águas...

Os bancos, as lojas de comércio...

Os hotéis...

Tudo era do Doce que, como uma linha, cortava Colatina, reclamando para si as margens ocupadas...

Lembro também do silêncio...

Da cidade muda, da cena gravada em minha memória,

Das pessoas à minha volta, mudas, observando tal como eu

A grande enchente de 1979...

O PRIMEIRO PALCO

CINTHIA MARA CECATO DA SILVA

*Nasceu em Colatina/ES, em 1974. Doutora e mestra em Letras pela Ufes.
Professora de Língua Portuguesa. Autora da obra
“O hospício de outrora sob o juízo de Lima Barreto”(2021).*

Segunda da fila, bem testemunha dos professores. Posicionamento artilioso: no centro e próxima a eles! Estado de prontidão ansiando por ser protegida. Havia tensão constante e a estratégia de luta dava-se por meio da camuflagem e da busca por transparência. O protocolo rezava cabeça constantemente abaixada – escrevendo ou fazendo de conta que – e olhar furtivo. Apesar da uniformização determinada por blusa azul-clara de manga curta com bolsinho lateral com o nome Sedu impresso e qualquer calça jeans, a etiqueta era individual. Cada um batizado a partir de suas ousadias; como não as tinha, restavam poucas referências acerca do meu eu, apavorado e oculto. Em contrapartida, dentre os quarenta partícipes, celebridades marcantes. Da plateia, contemplava as apresentações diárias no palco sala de aula, fazendo-as reverberar num silêncio de reflexão, espécie de leitura. Nunca conseguiria

protagonizar algo próximo àqueles despojamentos: pedir para ir ao banheiro ou beber água, solicitar nova explicação, ler em voz alta, oferecer-se para entregar o livro ou dar um recado, dirigir-se ao professor, gargalhar, fazer piada, ler em voz alta... Quanta coragem jorrava daquele grupo de “Polivalentes”! O encolhimento tornava-se a melhor tática de fuga. Talvez existissem outros na mesma condição de anonimato, mas com tanto medo e tamanha timidez, ninguém do 8º ano “B”.

A entrega das provas corrigidas trazia um momento de tensão extremada: nome pronunciado aos berros. Alguém daquele elenco já havia lido meu manual de instrução interno e, antes que ocorresse o colapso, dirigia-se à mesa e resgatava o exame, entregando-me posteriormente, na surdina. Gratidão eterna a tamanha sensibilidade! E quando me sentia desprotegida, percebendo qualquer sinal de ameaça, por menor que fosse, segurava firme no lápis e caprichava ainda mais na letra. Se houvesse acabado a atividade e todos estivessem ainda concentrados, apagava e bordava tudo novamente. Relia o texto silenciosamente quantas vezes fossem necessárias para garantir invisibilidade e segurança. Movia até os lábios encenando o balbucio das sílabas. As dúvidas surgidas eram abafadas a galope, antes que o dedo emergisse procurando entendimento.

No recreio, o tempo passava contabilizado em outra dimensão, configurando-se como os vinte minutos mais morosos do dia. Jamais me dirigia à fila de merenda por medo de ser atingida e, geralmente, preenchia locais ermos, sem nenhum trânsito que ocasionasse um possível esbarramento. A timidez me esfriava, apesar do rubor da face em meio a qualquer ameaça de aproximação. Cada dia com seu vencimento. Notas estratosféricas, sede de aprendizagem, admiração pelos mestres, valorização de

cada explicação, contudo, a participação era nula. Por opção, registro. Por excesso, hoje diagnostico. Venho cá pensar: como sobrevivia àquele estado de iminente estresse àquela época em que a doença não era nem modinha? Era judiada pelo medo de ser. Alguns se aproximavam, mas não havia troca, só acato. Migalhas de amizade me saciavam. Diante dos pares, conduzida também pela mãe-natureza da vida, ia, muito vagarosamente, desviando-me dos empecilhos da terra para surgir como broto. Atropelando cada obstáculo, mesmo que em minúcias, avanços acanhados me soerguiam.

E o momento derradeiro visitou-me. Ocaso ou subterfúgio divino? Quinta-feira. Professora Teresinha de Língua Portuguesa. Falou meu nome. Antes contextualizou: “lembram do concurso de frases sobre o meio ambiente da semana passada? Temos uma vencedora nesta turma!” Os uivos foram ensurdecadores e as mesas praticamente saíram do chão após os tapas ritmados em suas superfícies lisas e rabiscadas. Todos os olhos ampliaram-se em resposta à surpresa. A vencedora integraria uma comitiva de estudantes que plantariam árvores na recém-inaugurada Praça do Sol Poente. Iria com a diretora, em data agendada, transportada por um ônibus da prefeitura, que passaria recolhendo todos os premiados do lado norte, um de cada escola participante. Posaria para fotos com o prefeito e também na justa hora do plantio da árvore, na cova anteriormente preparada. Em minhas mãos, descobri que era uma mangueira após a leitura da etiqueta presa ao ingênuo caule. Não me lembro da frase, porém, desde então, encontro-me em estado de avanço: ora timidez, ora coragem. Impulsos compulsórios da vida.

NO EMBALO DA CIRANDA DA VIDA: ESCRITOS DE AMOR AO PÔR DO SOL

CLÁUDIA FACHETTI BARROS

*Colatinense. Professora de História e advogada. Membro da ALARC.
Mestra e Doutora em Letras/Estudos Literários pela UFES.
E-mail: cfachettibarros@hotmail.com*

*Conhece-te a ti mesmo.
Sócrates*

O aforismo socrático “conhece-te a ti mesmo”, inscrição esculpida na entrada do Oráculo de Delfos, é estranhamente o que me ocorre ao meditar sobre “um dia inesquecível em Colatina”. Reflito: Um alerta? Um conselho? Sei que revolver a memória também significa me preparar para uma verdadeira jornada interior. Na dúvida se será uma viagem rápida ou uma peregrinação rumo a um eu blindado, quase inexplorado, preparo-me, escolhendo cuidadosamente a roupagem perfeita para levar na bagagem: flashes de lembranças que vão aparecendo e desaparecendo ao sabor do barulhinho do teclado do computador ao compor este escrito.

Embalada pela cantiga de tic-tocs, temo ser traída pelas recordações, transformando este retrato da memória em autoficção, apresentando uma narrativa que rascunhe o real e, em alguns momentos, chegue a rasurá-lo.

Conscientemente, não me detenho ao puramente vivido. Prossigo embalada pelas emoções que vão fluindo lentamente como se estivesse em uma cabine escura, impaciente, à espera da revelação de uma fotografia preciosa. O retrato vai se delineando, caprichosamente, pouco a pouco. Nas primeiras imagens, vejo-me com um grupo de amigos – meninos e meninas da “rua de cima” e da “rua de baixo”. O cenário expande-se e reconheço as queridas cercanias de Maria das Graças. Inebriada pelo ir e vir da memória – em um cantinho que denomino “baú de tesouros intocados” – chego ao destino. Antes, preciso explicar melhor o cenário: o bairro em que vivi toda a infância e a adolescência mistura-se à história/memória da família Fachetti, a começar pelo nome da escola de Ensino Fundamental da localidade, que homenageia meu bisavô – Joseph Fachetti, conhecido como José Fachetti. Ao longo de sua história, o local recebeu, primeiramente (por volta dos anos 30 e 40), a denominação de “Fachetti”. Após o nascimento da filha de Felismino Fachetti, herdeiro de Joseph, o bairro teve seu registro alterado, agora homenageando a criança que acabara de nascer (por volta do ano de 1948) – Maria das Graças Fachetti.

Com a devida apresentação do cenário, somado a um céu rajado de cores deslumbrantes – um misto de amarelo e laranja amarronzado, salpicado de raios brilhantes cor de prata, volto a uma tarde de calor intenso, em que aguardávamos, ansiosamente, o magnífico pôr do sol para reunir os(as) garotos(as) da vizinhança que se ajuntavam, espontaneamente, na “rua de trás”, próxima à casa em que morei, buscando unir brincadeiras e amizade. O

ponto alto era “passar o anel”.

Na busca do resgate e manutenção dessas lembranças, tenho a sensação de poder ver no já visto o não visto, no já vivido o não vivido. Em um ritmo de brincadeira levada a sério, escrevo sobre esse entardecer em tempos de infância e das sensações de plenitude que mesclavam, de forma pulsante, alegria, contentamento e inocência, como em uma brincadeira de roda. De mãos dadas, estabelecíamos uma circulação de energia contagiante, deixando fluir inúmeras sensações – uma verdadeira conexão com um mundo paralelo – o “faz de conta”, em que cada um de nós podia expressar sua emoção livremente.

“Pera, uva, maçã ou salada mista?” Essa era a sentença gritada pelo “chefe” da brincadeira, que nos fazia tremer. O coração acelerava no girar e parar da ciranda, prenunciando o anúncio de um veredicto: escolher um par e entregar-lhe a prenda: pera (abraço); uva (aperto de mão); maçã – fruto proibido e delicioso (beijo no rosto). Se o par escolhido/sorteado fosse o “dono” do meu coração, a melhor opção certamente seria unir as três. E assim, um tanto tímida e, ao mesmo tempo, audaciosa, anunciava, sem hesitar: “salada mista”!

A salada mista remetia a um sentimento de prazer indescritível. Na brincadeira, a sensação de retorno e recomeço invade a alma. No caminho de sendas circulares, não só o eu criança interagia, mas também o eu adulto. Na ciranda dessa escritura, em uma atividade prazerosa, a pena deixa registrada a livre expressão do amor embalada por um pôr do sol fantástico – ainda existente, porém em um lugar imaginário que busco incessantemente reencontrar dentro do coração.

A sensação revelada durante esta escrita é a própria vida fluindo. Neste processo criativo (escrevendo, brincando, jogando),

redescoberta e reconhecimento invadem a alma. No modo do jogo/brincadeira, a memória da ciranda possibilita-me estabelecer pontos de aproximação com a saudosa infância. Reencontre-me, redescubro-me.

Redescobrir ou buscar uma revelação? Verdades sempre plurais! Nunca um final, mas, muitos finais! Ambas, brincadeira e escrita inscrevem-se em um jogo. Nelas, o imaginário somado a inúmeros sentimentos de naturezas tão diversas, possibilitam buscar compreender a construção do meu próprio “modo de brincar”, que ainda reverbera intensamente no agora.

DIAS INESQUECÍVEIS PARA QUEM CRESCER EM SÃO SILVANO

CLAUDIA REZENDE TARDIN DE CASTRO

*Colatinense. Professora. Pedagoga. Arte-educadora. Escritora.
Contadora de histórias. Palestrante. Apreciadora da cultura popular.
Membro da Alarc. E-mail: tardenclaudia@yahoo.com.br*

*“Os cientistas dizem que somos feitos de
átomos. Mas um passarinho me contou que
somos feitos de histórias” – Eduardo Galeano*

Se tem algo bom
Que enche a vida da gente
É ter muitas memórias
Guardadas dentro da mente.

As lembranças ficam quietinhas
Em segredo adormecidas,

Mas quando resolvem acordar
Vão surgindo enlouquecidas.

Enquanto este texto vai nascendo
Tomando forma devagar
De dias inesquecíveis em Colatina
Eu começo a me lembrar.

Da criança e da jovem em São Silvano
Das brincadeiras na Avenida Silvio Avidos
Que preencheram minha existência
De momentos bem vividos...

No Bar do Paulo Tardin
Comer sonho recheado de goiabada,
Contar e ouvir histórias de assombro
Sentadinha naquela calçada.

Estudar no “Jardim de Infância Menegatti”
Reconhecer os sons das letrinhas
Ganhar o sonhado diploma
Na “Festa da Abelhinha”.

Ir às matinês no Cine Floresta
No quintal, brincar de ser artista

Dançar sempre com o mesmo vestido
Nas quadrilhas do Colégio Passionista.

Acordar com a voz do Zé de Almeida
Batendo panelas na Rádio Difusora
Juntar a turma e jogar queimada
No pátio da recauchutadora.

Para comprar leite na Merceria do “Piquim”
Tinha que atravessar uma pontezinha
Sobre o Córrego São Silvano
Tudo parecia mais longe quando eu era menininha.

Participar das quermesses da Igreja
Na praça da matriz de São Silvano
Encontrar os amigos na missa do domingo
Além da irmã Rafaela me abraçando.

Ganhar uma roupinha nova
Comprada na Casa Nogueira
Para ir ao Clube ACD curtir os bailes
E as famosas domingueiras.

Ouvir serestas na Pizzaria Fonte Viva
Bater papo no Restaurante Sobradinho

Dias felizes e inesquecíveis
Recordados com carinho.

Eu cresci em São Silvano
Um cantinho de coisas incríveis
Cercada dos melhores vizinhos
Vivi dias inesquecíveis!

Da infância à adolescência,
Experiências inspiradoras.
O bairro foi testemunha
De minha essência sonhadora.

Um só dia inesquecível,
Não consegui descrever.
Foram muitos, foram vários,
Todos partes do meu viver.

São Silvano, testemunha fiel
De tudo o que vivi.
Gratidão ao saudoso e nobre bairro.
Que muito me fez sorrir!

CERTA VEZ ...

DULCE AUGUSTA BARBOSA ARAUJO DE CASTRO

*Leitora. Nasceu em Itaguaçu em 11 de junho de 1933
e aos 4 anos de idade veio para Colatina,
de onde saiu na década de 1950 e retornou em 2021.*

Meu Deus! Como não ter tantas recordações de Colatina, esta cidade abençoada, se aqui cheguei com quatro anos de idade, vivi minha infância, adolescência e parte da fase adulta! Casei-me na Catedral Sagrado Coração de Jesus, em 1951, com Romildo Ribeiro de Castro, farmacêutico e de família de Mimoso do Sul. Tivemos nove filhos. Em 1954, já com três filhos, fomos fazer caminhadas para outros lugares. Hoje, viúva, retornei ao “lar paterno” onde moram seis dos filhos.

Quando ando pelas ruas desta cidade, agora populosa, iluminada, moderna, me pergunto: Cadê aqueles morros com suas matas, pastos, e aquele onde eu escorregava em cima de uma tábua ou sobre a cabeça da folha do coqueiro?

Vejo a Esplanada, que nasceu de um aterro resultante do trabalho de possantes máquinas que deitaram o Morro das Cabritas,

que ficava dentro do rio Santa Maria, espalhando todo o seu corpo vigoroso, compacto.

Meu pensamento volta-se agora ao nosso rio Doce, com vários canoieiros pescando... O Doce, com suas águas caudalosas, fundo, navegável pelo vaporzinho Juparanã até Regência... Suas águas passavam beirando a Rua da Lama e perto do muro do Colégio Aristides Freire e no final do pátio do Ginásio Conde de Linhares, seguindo o seu curso majestoso.

O Conde de Linhares foi o nosso primeiro ginásio. Era uma escola particular, que oferecia internato masculino e feminino. O dono foi um cearense destemido, o professor Aloísio Barros Leal. Além do curso ginásial, da Habilitação para o Magistério, o chamado curso Normal, e do científico, a escola oferecia variados esportes, como basquete, voleibol e pingue-pongue. Eu fui campeã de pingue-pongue feminino na disputa entre as alunas da escola e depois também campeã para o ginásio, disputando com o Colégio Pan-americano, de Vitória. Dentre as matérias que estudávamos havia Desenho, Latim, Francês, Inglês, Música. Ao cearense empreendedor, agradeço o avanço que proporcionou à cidade. Obrigada, professor Aloísio!

Não se pode falar de Colatina sem lembrar o sol abrasador, o tão comentado calor da cidade. Saíamos de casa protegidos, as mulheres com sombrinhas e os homens com chapéus e guarda-sóis.

Como eram maravilhosos os bailes de gala no Clube Recreativo Colatinense! Havia disputa entre casais, em alguns bailes de fins de semana, para ver quem dançava melhor o tango. Nos réveillons o clube ficava cheio de pessoas elegantes, as mulheres em vestidos longos e os homens trajando ternos, esperando a chegada do Ano Novo para saudá-lo.

Como ali se festejava o Carnaval! As matinês eram para os menores de 15 anos e o baile à noite para os adultos. Os foliões faziam cordões, pulando e cantando as marchinhas carnavalescas. Confetes e serpentinas voavam pelo salão.

Os desfiles de comemoração do Sete de Setembro eram realizados por todos os colégios. Cantávamos nossos hinos patrióticos e marchávamos com garbo pela cidade. Falando em patriotismo, me veio à mente a lembrança de brasileiros colatinenses passando pelas ruas da cidade segurando aberta a bandeira nacional e arrecadando utensílios de alumínio para ajudar na fabricação de artefatos bélicos, na época da Segunda Guerra Mundial.

Hoje a velhice chegou. Vieram os tempos modernos, com seus avanços, e Colatina está oferecendo ajuda a todos os seus habitantes, no sentido material e espiritual. Eu a admiro, respeito e aplaudo.

E assim, com o pensamento que viaja rápido ao passado e traz velhas lembranças, o que mais me marcou e impressionou foi ...

Certa vez, eu tinha apenas 14 anos de idade e morava no bairro Santa Cecília, quando, após o almoço, fui até a uma cantoneira, na varanda, aguar uns junquinhos. Quando olhei para o céu com o sol forte, vi três discos voadores! ... um seguindo o outro, passando acima de nossa casa. Os dois da frente tinham o tamanho de um prato de refeição e o terceiro o dobro dos dois. Pareciam de alumínio, não brilhavam e eram redondos. Gritei para minha mãe: Discos voadores, mãe, vem ver! Ela chegou à janela do quarto onde estava e ainda viu o último desaparecendo no alto do morro atrás da mata. Não propalamos o que vimos, pois quem visse discos voadores era tido como visionário ou maluco. Hoje

há pessoas importantes no estudo desses objetos voadores e dos extraterrestres seus tripulantes. Estimo que consigam decifrar essa tão perturbadora incógnita.

E para meus companheiros de jornada, a proteção de Deus. Com um abraço de agradecimento, ofereço esta colcha de retalhos que, embora tão antiga, ainda trabalha, exibindo alguns pedaços do passado e do presente unidos à nossa Princesa do Norte.

O INESQUECÍVEL TREZE

ELIZABETE GERLÂNIA CARON SANDRINI

Nasceu em Linhares/ES, em 1970. Doutora e mestra em Letras pela Ufes. Servidora do Ifes/Campus Colatina, atualmente na Direção de Ensino. Autora das obras Entrelaçamento de vozes em Vidas secas, de Graciliano Ramos (2019) e A escrita de Graciliano Ramos: o juízo e o não juízo de Deus –Vol.I (2021).

Parecia um dia comum. Era outono. Folhas secas cobriam as ruas em longo tapete, enquanto tantas outras farfalhavam nas copas das árvores, ao sabor do vento. O sol surgia tímido no quente vale do Rio Doce. A princesinha do norte acordava. De repente, no tranquilo e aconchegante lar, as primeiras dores começavam a despontar. Eram os estágios iniciais. A jovem e inocente senhora, naquele momento, tinha outras prioridades. O desjejum estava mais interessante e convidativo. O aroma do café fresco, o pão quentinho e crocante e a geleia de pimenta. A deliciosa geleia, uma forte vontade surgida meses antes, quase uma compulsão. Esgotado o último gole de café, as dores nas costas, antes insignificantes, tornaram-se mais fortes e frequentes.

Não havia dúvidas. Tinha findado a trigésima sétima semana e chegado a hora. O bebê estava a termo. Malas prontas. Bastava partir rumo ao hospital Santa Luzia. O trajeto de carro, feito paralelamente ao rio, que corria em direção contrária à tomada pelo casal, revelava, pela avenida estreita, ladeada de árvores, cujas sombras se alongavam pelas calçadas envoltas pelo sol, o bairro Maria das Graças, repleto de fábricas e poucas casas. O ar era puro e cheio de vento. O cheiro da manhã, agradável. As contrações uterinas ritmadas seguiram-se em todo o percurso de travessia da linda e longa ponte Florentino Avidos. Dela, além das águas serenas que corriam em busca da imensidão do mar, a parturiente vislumbrava a cidade que se elevava em torno. Ao erguer os olhos para o céu claro e aberto, estando em profundo momento de oração, percebeu que não estava só. Não precisou esperar uma resposta às suas preces, pois, de braços abertos, o Cristo Redentor a saudava, enquanto os passarinhos voavam alegremente. Um sentimento de plenitude a envolveu porque seu corpo era berço de uma vida, de uma graça divina, prestes a estar no mundo. A chegada à Santa Luzia prenunciava maiores surpresas. O dia seria, realmente, recheado de bençãos. Pouco importava que a sexta-feira fosse treze. Superstições não a abalavam. O tempo transcorria devagar. O caminhar pelos corredores para chegar ao quarto parecia interminável. A ansiedade tomava-lhe corpo e espírito. Defronte à porta do quarto, o número cardinal se fazia notar: “13”. Extraordinariamente feliz, em meio ao misto das demais emoções, desconsiderou a sugestão da enfermeira de ser acomodada no quarto ao lado, para ser desviada do azar, especialmente naquele dia da semana. Feito os preparativos e chegada a hora para ir para o centro cirúrgico, o relógio da Igreja Matriz bateu doze badaladas. Misturando-se à delicadeza e à plenitude daqueles instantes, o

som aconchegante trouxe serenidade. No decorrer do parto, entre conversas, risos e diálogos clínicos incompreensíveis da equipe médica, a mãe ouviu um som ainda mais tocante que o do da igreja: o choro espontâneo de seu rebento. Os pulmões do novo e pequeno ser estavam abertos. O líquido de dentro deles expulsado, trocado pela essência da vida, o oxigênio. “Não poderia haver som mais agradável aos ouvidos”. Mal acabara de pensar isso, a mãe escutou, novamente, misturando-se à doçura do choro do bebê, o soar solene das treze badalas do relógio da matriz. Em uma rápida emoção, uma criaturinha com olhos de jabuticaba, muito atentos, cabelos grossos e escuros, rostinho ingênuo, angelical e de atenção doce, lhe fora apresentada. No centro do contentamento, fios de água salgada, com sabor de vida, escorreram pela face da jovem mãe, findando em seus lábios, que só proferiam palavras de agradecimento. Excessivamente tranquila, percebeu que aquele momento inesquecível era real. A criança não receberia o nome do Santo do dia nem o da Santa que dava nome ao hospital e possuía, para mais uma incrível coincidência, o dia treze para seus festejos. Não. O bebê não seria Antônio tampouco Luzia, mas receberia sim o nome de um santo, Pedro. Maktub, ou seja, estava escrito, tinha de acontecer. No centro do júbilo, o principal acontecimento daquela sexta-feira treze, dia de Santo Antônio, às treze horas da tarde, com internação direcionada para o quarto de número treze, no ano de dois mil e três, no hospital Santa Luzia, em Colatina, no Espírito Santo, a mãe entendeu que já estava tudo anunciado. A cidadezinha, nesse dia inesquecível, encontrava-se milagrosamente abençoada, afinal, o número treze jamais desentoeiria dos valiosos desígnios de Deus.

MEMÓRIAS DOS OUTROS SOBRE DIAS INESQUECÍVEIS

FERNANDO ACHIAMÉ

*Nasceu em Colatina, 1950. Poeta e historiador. Sócio efetivo
do Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo
e ocupante da Cadeira 17 na Academia Espírito-santense de Letras.*

É impressionante, apesar de natural, ter consciência de que as memórias dos outros sobre dias inesquecíveis se agregam às nossas formando um todo complexo. No caso, o outro é meu pai Ceney Júdice Achiamé. Os casos que contou e recontou da sua vida também integram a minha, claro. Ele nasceu em 1914 em São Felipe, depois Marapé, atual município de Atílio Vivacqua. Seus pais: o libanês Calil Oazem Achiamé e Maria Catarina Júdice Achiamé.

Fez os estudos primários em Marapé e no Rio. Aos onze anos ficou órfão de pai. Com a mãe e irmãos, já rapaz, mudou-se para Vitória, onde trabalhou por certo tempo como conferente de carga no porto. Talvez dessa época tenha vindo o seu fascínio pelo mar e por navios. O pai dele tinha um amigo ou parente, também libanês, que era comerciante em Colatina, Jorge Elias

Hitte. E em 1937 ou 1938 lá foi papai para Colatina à procura de um futuro melhor. O Seu Jorge era casado com a polonesa Casemira Boguscho Hitte, ou Caja, e o casal morara na Colônia de Águia Branca. Tiveram sete filhos: Jorgete, Rosete, Marinete, Janete, Fuad, Farid e o caçula Jorge Luiz Hitte. O jovem Ceny foi encaminhado à localidade de Águia Branca, então fazendo parte do município colatinense, para ser tropeiro. E o foi por alguns anos.

Desse tempo guardava imensa saudade. Contava que seguia por trilhas e caminhos naquele noroeste capixaba dos anos 1930 ainda composto por matas fechadas. Certa vez, ele e seus companheiros de tropa se atrasaram num trajeto e ficaram sem mantimentos. Já com bastante fome, chegaram a um rancho, onde a dona de casa somente tinha para oferecer arroz, banana frita e pimenta, que devoraram com muito gosto e gratidão. Em outra ocasião, um companheiro foi ferido na barriga por violento coice de animal que lhe abriu o ventre. Naquela época e naquela lonjura não havia recursos para salvá-lo e ao pobre homem somente restou agonizar. Quando já estava mal, pediu para ser levado à janela para ver pela última vez o pasto verdinho. Meu pai sempre que contava esse episódio se emocionava, o que não era para menos.

Depois de algum tempo, ele já era dono de uma tropa e depois de duas. Sabia tudo dos trabalhos de arreeiro, até mesmo como tratar os animais doentes. Parte de seus conhecimentos sobre o tema foi registrada no livro “Por serras e vales do Espírito Santo – a epopeia das tropas e dos tropeiros” de Ormando Moraes. Em seguida, Seu Ceny se estabeleceu com uma venda em Águia Branca, além de comprar café. Eram tempos difíceis aqueles. Perto da venda dele havia a pequena farmácia do Seu Aylton Villaschi, onde caixas vazias de remédios ficavam expostas nas prateleiras para fingir que havia estoque no estabelecimento... O capital inicial

da firma de papai foi conseguido em Colatina graças ao lendário comerciante, religioso e mais tarde Comendador José Pagani, de quem ele se tornou muito amigo e compadre.

Da época de Águia Branca papai contava muitas histórias. Uma ocasião ele brigou com um sujeito, que o jurou de morte. Minha avó Maria, sabendo do ocorrido, para lá se dirigiu, procurou o cara e lhe disse: – Se alguma coisa acontecer ao meu filho, você pode até entrar de novo dentro (ela usou o nome chulo mesmo) de sua mãe que eu vou lá e lhe pego. Depois dessa conversa, os adversários se entenderam e ficou tudo bem. Naquele tempo de faroeste, de fronteira agrícola em expansão, as coisas eram tratadas desse jeito. Outra história: ele soube que um filhote de harpia, a famosa águia real comedora de macaco, tinha sido ferido na asa pelo tiro de um caçador. Pegou a ave, colocou-a no galinheiro de sua casa e a tratou bem. Levava comida e brincava com ela. O animal selvagem se recuperou. Um belo dia ao entrar no galinheiro para alimentá-la, ela o atacou e transpassou sua enorme garra no muque dele, que não teve alternativa senão agarrá-la com a outra mão no gasganete (expressão dele) e sufocá-la.

Em 1943, papai ficou noivo de mamãe, professora de educação física em Vitória. Como a noiva não queria residir na incipiente Águia Branca, ele transferiu seu comércio para a avenida Getúlio Vargas em Colatina. Eles se casaram em 1944, e foram morar na rua Alexandre Calmon. Logo depois, o governo do estado abriu uma estrada ligando Colatina a Águia Branca. Seu Ceny então comprou um loteação e ganhou a concessão para fazer o serviço de transporte rodoviário entre as duas localidades. Assim nasceu a Empresa de Ônibus Águia Branca, em 1945. Ele acabou com a venda e se dedicou a adquirir ônibus e expandir a pequena empresa, com linhas para localidades do noroeste do estado e para

Linhares. O vapor “Juparanã” não aguentou a concorrência com os ônibus e encerrou seus serviços em 1955.

As histórias dele como empresário de ônibus e cidadão em Colatina são muitas, mas o espaço aqui é limitado e, se Deus quiser, as contarei em outro texto. O importante é saber que as memórias dos outros sobre dias inesquecíveis também fazem parte das nossas. E como!

UM DIA, EM COLATINA, OU ÀS MARGENS DO RIO DOCE

FRANCISCO AURELIO RIBEIRO

Professor e escritor. Presidente de Honra da AEL.

Eu, menino das montanhas do Caparaó, acostumado a pescar lambaris em ribeirões e a nadar no pequeno rio que banhava minha aldeia, achava que nenhum rio pudesse ser maior que o Itapemirim, que conheci ao visitar meus avós, em Muqui, e passar por Cachoeiro. Muitos anos depois, já adulto, atravessei o rio Doce e me admirei com suas águas vermelhas, a largura do rio, as ilhas, tudo que encantou a tantos viajantes do passado. Já não existiam mais a mata exuberante, a malária, nem os “selvagens cruéis”, exterminados por gerações. Esses foram mortos pelos “cristãos” que lhes roubaram a madeira das matas, as terras e as vidas. Já encontrei o rio Doce assoreado, a água poluída por pesticidas e dejetos de toda espécie; não se podia mais percorrer o seu leito em barcos, como o fizeram os viajantes do passado e nem peixes mais havia em abundância. Só me restava contemplá-lo do alto,

suspirar por sua agonia, lenta e inexorável, e sonhar com um Rio Doce e suas florestas do passado que só conheci nos livros que leio na minha biblioteca.

Encontro nas estantes dos meus velhos livros, textos de caminhantes históricos, de épocas diversas, que passaram pelo Rio Doce e deixaram seus escritos. Desde o bispo do Rio, D. José Caetano, que escreveu, em 1812: “A primeira coisa que se oferece a quem chega a este rio é o fenômeno de suas águas vermelhas, quer venha vazio ou cheio, e em qualquer estação. A segunda coisa espectável são as formosíssimas ilhas de todos os tamanhos e figuras, de todo que ele está semeado, e que não alteram a forma majestosa e igual, em que placidamente correm as águas deste grande rio, maior sem dúvida que o Paraíba; e que tem além disso sobre ele as vantagens: de ter mais espessos e viçosos arvoredos, mais férteis, e externos, e enxutos terrenos e planícies; e correr muito aprazível e docemente, por onde justiça lhe compete o nome de rio Doce”.

Bela sacada a do bispo! Doce, para ele, é advérbio, ou seja, o modo como correm as águas do rio, e não o adjetivo que se opõe a salgado. Mais tarde, em 1819, o bispo voltou e viu tartarugas, uma onça negra e, “no espaço de mais de vinte léguas não encontrei um só regato, nem árvore frondosa, nenhuma casa, nenhum homem, e só areias soltas e intratáveis, monstros do mar, e feras do mato, e perigo de selvagens cruéis e sanguinários”.

Saint-Hilaire, o famoso botânico, também passou por aqui, em 1816. Seu relato é precioso em detalhes, como este: “Talvez, não exista região mais favorável aos estabelecimentos da agricultura que a parte das margens do Rio Doce vizinha ao mar. Efetivamente, a terra produz, com igual fecundidade, milho, feijão, arroz, cana-de-açúcar, algodão, mandioca; de todos os lados se erguem matas magníficas e o rio fornece um meio fácil

de exportação. Entretanto, dois motivos concorriam para afastar dessa região aos que desejassem estabelecer-se nela: o pavor das doenças e dos botocudos”. Naquela época, a malária era endêmica, nas matas do rio Doce, por isso, afirma que “em qualquer estação é perigoso subir ou descer o rio”.

Também encontro outro relato do século XIX, do Monsenhor Pedrinha, capixaba nascido em Vila do Riacho, em 1864, num texto que escreveu sobre o rio Doce, onde nasceu, publicado em 1896: “Vem seu nome de alguns navegantes portugueses, que, encontrando no mar água doce defronte deste rio, a 6 milhas da barra, deram-lhe o nome de Doce, que mais diz braveza, que doçura”. Não sei em quem mais acreditar: no bispo ou no monsenhor. Talvez, ambos estivessem certos. Doce no correr, doce no beber, são as águas desse imenso rio que separa o Espírito Santo em norte e sul. Tão grande que só foi conquistado 400 anos depois da chegada dos portugueses.

Esse ‘mar dulce’ viu nascer às suas margens uma das mais prósperas cidades capixabas, Colatina, a Princesa do Norte, fruto do trabalho de imigrantes de várias partes do mundo, mas, sobretudo, de italianos, que transformaram a região em pouco tempo, cerca de meio século, no maior produtor mundial de café. Hoje, Colatina se destaca como polo têxtil nacional e, graças à conscientização ambiental dos novos tempos, o reflorestamento em suas margens, a despoluição de suas águas, poder-se-á ver renascer, no futuro, o mesmo Rio Doce que tanta riqueza e deslumbramento provocou no passado.

O INESQUECÍVEL PASSEIO DE ÔNIBUS COM MINHA AVÓ EM COLATINA

GABRIEL SOARES DE OLIVEIRA ANTUNES

*Estudante do 4º ano do curso TIMA do Ifes – campus Colatina.
Músico, escritor de prosa e poesia. gsoaresano2021@gmail.com*

As pessoas esperavam atentas no ponto de ônibus. Quando o veículo chegou, a avó e o netinho embarcaram. O transporte coletivo do bairro Gordiano Guimarães com destino ao centro de Colatina carregava não só o povo simples e simpático dentro de si, mas também memórias de uma infância nostálgica.

Pela janela ambos observavam a paisagem trivial dos pastos e casinhas dos bairros Quinze de Outubro e Carlos Germano Naumann como se fossem reinos encantados típicos de um conto de fadas. O neto empolgado com toda aquela magia dizia:

- Olha lá o boi, vovó!

E com um sorriso ingênuo e franco a avó respondia:

- A vovó está vendo, meu filho lindo. A vovó está vendo...

Aos poucos o ônibus, que andava a passos lentos, adentrava o bairro São Silvano, o que era um prenúncio para o trunfo da

viagem – a ponte Florentino Avidos, de onde havia uma vista privilegiada para a maior das fantasias da inocência de um garoto de cinco anos de idade – o Cristo Redentor:

- Olha o Cristo, vovó! Ele é tão grandão! Que lindo...

- Você sabia, meu filho, que existe um Cristo Redentor igualzinho a esse no Rio de Janeiro?

Apesar de a vovó não saber que a réplica era alguns metros menor em relação à estátua carioca e que tampouco havia um conhecimento internacional sobre aquela imitação de uma das sete maravilhas do mundo moderno que sequer se comparasse ao tamanho da fama da arte original, o Cristo Redentor colatinense era para a avó e o menino a maior de todas as maravilhas mundanas de todos os tempos que foram criadas por seres humanos por causa do significado simbólico que os dois atribuíam a ele – o afeto de uma avó por seu neto.

Algo só é uma maravilha quando é inesquecível por quem o experimenta, vivencia. As coisas simples como um passeio de ônibus numa linha municipal podem ser comparadas à experiência de estar no céu.

Hoje o garoto cresceu, e se podem somar catorze anos aos cinco iniciais. Atualmente a avó não se faz presente. Por isso, sozinho dentro de um ônibus, o jovem segue o seu próprio caminho. Não há mais reinos encantados, apenas o verde do pasto e as casas dos cidadãos normais. Contudo, ainda resta um brilho de mágica guardado carinhosamente dentro do coração. Esse brilho é uma mulher que mudou a vida de uma criança, mulher que era capaz de transformar coisas banais em extraordinárias e que fizeram momentos da vida de um menino inesquecíveis.

INDO ALI AO RIO

GETÚLIO MARCOS PEREIRA NEVES

Magistrado e escritor.

Presidente Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo

e membro da Academia Espírito-santense de Letras.

Viveu em Colatina até os 15 anos de idade.

Um dia eu saí de casa para ir pescar no rio Santa Maria. Na “minha” época, o rio Santa Maria ainda tinha que dizer a crianças e a pescadores. Descíamos até o seu leito raso por uma trilha entre o mato rasteiro que chamávamos de “caminho dos elefantes”, porque os paquidermes desciam por ali para se refrescar no rio, quando algum circo bom visitava a cidade. E na época havia circos bons, com elefantes, e leões também. Cristalizavam nossas fantasias com a África, as estepes africanas, e zebras e leões, que víamos nos filmes que às vezes entravam em cartaz no Cine Gama ou no Cine Idelmar.

A Colatina dos anos 70 era para mim grande à beça, e os cines Gama e Idelmar ficavam muito longe, depois da praça da igreja – ou seja, lá no fim da cidade (lembrar que, aos quatorze anos, meu senso de proporção não era o que é hoje). Hoje vou aos mesmos lugares a que ia naquele tempo e, assaltado por severa

nostalgia, não acredito em como o espaço por onde se distribuía o meu mundo apequenou-se tanto, devido a tantos prédios e tantas edificações. Prédios e edificações que pouco ou nada me dizem, a mim que deixei há tantos anos a cidade onde passei a meninice.

Mas estava eu indo ao rio Santa Maria, vindo de casa. Minha rua, então uma rua imponente, com postes e vizinhança de um lado e outro da minha casa, era ocupada na outra calçada pela Associação Atlética Banco do Brasil, que tomava toda a quadra. Indo rua da Força e Luz acima, depois da avenida estava a estação ferroviária desativada, e na frente a banca de revistas onde eu me munia de fascículos colecionáveis e de quadrinhos. Mas já me desvio de novo do rumo; a antiga estação ferroviária, onde hoje se situa a Biblioteca Pública, dava as costas para o rio Doce, e eu me dirigia ao rio Santa Maria, afluyente dele. E o “frequentava” quase na foz, onde o Santa Maria tributava ao rio Doce as águas que vinham do interior e serviram de caminho para que do sul os imigrantes que fizeram a cidade chegassem ao lugar que elegeram. Porque os caminhos de penetração sul-norte no Espírito Santo, rumo a uma região que até meados do século XX não tinha sido ocupada, eram os rios. No caso, desceram os mananciais, procurando um bom sítio para se instalar, e acabaram se detendo na margem sul do rio Doce. Claro que essa narrativa é genérica, e os vários bons historiadores e conhecedores da História local haverão de contestar, referir detalhes, interpretar. Não importa, vale a provocação.

E me encaminhando de casa até o rio Santa Maria eu atravessava um terreno baldio, começado onde acabava o muro da AABB, cercando a quadra de futebol de salão. A quadra de futebol de salão da AABB era onde eu me metia quase toda tarde para desenvolver minhas habilidades futebolísticas – no que, tenho consciência, não fui bem-sucedido. Em compensação, os banhos na

piscina do clube, então um perigo para as crianças, dariam frutos futuros na forma de filiação a um clube de natação (o Libanês, da Praia da Costa), e de treinamentos em outros (o Flamengo, o Botafogo e o Guanabara, no Rio de Janeiro, na época de estudante de Engenharia).

Mas não se chega a esse rio? É que percorrer agora, quarenta anos depois, o caminho que fazia em menino, e não mais com os pés descalços, mas nas asas da memória, é perder-se por atalhos mentais e enviar-me por lembranças adormecidas, que só precisam de um pretexto para aflorar. Pois eu atravessava o tal terreno e a rua de paralelepípedos, e logo adiante estava a margem do rio, de onde se descia até o seu leito, metros abaixo.

Nesse dia vinha eu aventureiramente munido de vara de pesca, linha e anzol. Comprados na venda do seu Darci Valbuza, que ficava depois do prédio do INPS, indo para o Marista. Ora, indo para o Marista por esse caminho era forçoso passar pela ponte de ferro sobre o rio Santa Maria, ponte que se via de lá adiante, rio abaixo, de onde eu descia ao seu leito. Mas vinha eu. A cozinheira lá de casa me falara de peixes e me ensinara a amarrar o anzol na vara e a iscar, iscava-se com minhocas. Pois tirei umas minhocas ali na margem mesmo, junto às águas, e preendi a primeira delas no anzol e lancei a linha na água. Bom, todo o procedimento de pesca foi realizado, e naquele dia eu acabei bem-sucedido. E ao final da tarde, levava umas piabinhas para casa, na mesma lata em que tinham estado as minhocas (detalhe que entra aí só para dar ideia do improvisado do equipamento).

É óbvio que tive objeções em casa: meu pai ria, minha mãe ralhava. Como eu iria comer aqueles peixinhos miúdos, tirados de águas de cuja impureza já se suspeitava (penso que hoje não mais, infelizmente)? E ia eu vendo o produto de toda uma tarde

de trabalho descer lata de lixo abaixo. Acabei sendo salvo pela cozinheira, a “mentora”, que se adiantou e recolheu o produto da pesca.

Mais tarde, meus pais e irmã recolhidos ao segundo andar de casa, o cheiro bom de peixe frito me atraiu até a cozinha. Porta cuidadosamente fechada atrás de mim, uma piscadela da danada e nos entendemos, de garfos na mão.

UM DIA INESQUECÍVEL EM COLATINA

GISLENE DE JESUS OLIVEIRA

*Graduada em Serviço Social – Especialista em Filosofia e Psicanálise – UFES.
Gestão Social: Políticas Públicas, Rede e Defesa de Direitos – UNOPAR.
Psicopedagogia Institucional e Gestão Educacional Integrada – CESAP.
“Amante da transformação que a Arte é capaz de fazer”.*

Manhã de sol nada belo enquanto olhar
A beleza que encanta se exala pelo ar
Possível não perceber lindeza em todo lugar
Cidade inesquecível pode se falar.

A um dia em Colatina nada se pode comparar
Mesmo com correria é possível notar
Pessoas humildes com brilho no olhar.
Inesquecível não se apaixonar.

Aquele pôr do sol para sempre vou lembrar

Os olhares encantados vão além da imaginação
O amor em todas as palavras em forma de canção.
Oh bela cidade em que vim morar!

Os dias se passam e só quero em ti ficar
Os momentos simples em instantes inesquecíveis
Quero compartilhar muita esperança acreditar
Paz e harmonia no caminho sempre vão encontrar.

CONFESSO QUE APRENDI

GUERINO BALESTRASSI

Colatinense, engenheiro civil, empresário. Foi presidente do Banded, Secretário Estadual de Planejamento, Secretário Estadual de Ciência e Tecnologia. Prefeito de Colatina, terceira gestão.

Veza vez, minha memória se ocupa em cantarolar uma canção. É uma música suave, espécie de saudade compassada, que chega com seus acordes macios e se instala na nossa rotina; fica ali, profunda recordação, a ir e vir, às vezes cantando dentro de mim até por um dia inteiro. Tal canção me reconduz a um dia muito, muito especial. Longo dia, que também teria a mania de se repetir.

Da nossa safra etária, quem nunca ouviu “Meus tempos de criança”, do Ataulfo Alves? Para quem titubeia em se lembrar, ofereço o verso mais famoso, tido por muitos como o próprio título da cantiga: “Que saudade da professorinha...”, aquela figura inesquecível que nos ensinou o beabá. Pois é, meu dia inesquecível tem começo e recomeços, induzindo-me a refazer em novos contextos o amanhecer da experiência escolar.

Sempre carrego a certeza do papel fundamental que a Educação exerce no aprimoramento da civilização, de maneira a

tornar a ação humana prática, racional, efetiva e mais prazerosa nessa prodigiosa aventura que Deus nos concedeu. Para sintetizar o que penso, recorro a palavras do educador Paulo Freire: “Educação não transforma o mundo. Educação muda as pessoas. Pessoas transformam o mundo”. Eu sei o quanto a escola significou para a minha vida!

Menino da roça, tímido, aguardava alguém que me desse acesso à chave para eu vislumbrar a luz do mundo. Tal expectativa marcou a chegada à escola como meu dia inesquecível. Minha primeira professora foi dona Walkyria Medeiros Bastos da Rosa. Pessoa extraordinária, que professora proficiente! Ela mudou a minha vida, deu-me autoestima e me certificou do poder do ser humano de transformar o mundo, como tão bem pontuou Paulo Freire. Dona Walkyria me iniciou na jornada do conhecimento. Até a conclusão do curso de Engenharia, eu conheci educadores formidáveis.

Alguns eram divertidos, outros mais introspectivos – mas o comprometimento foi marca a sobressair do rol de docentes com os quais convivi. Perscrutava-os com atenção além da sintonia necessária ao aprendizado curricular. Não deixava escapar um trejeito, uma mania, uma fala renitente: nada permitia escapular do meu radar. Qual a razão dessa pesquisa de observação?

Eu queria ser professor – fui no Ensino Médio e no Superior –, e matutava como agir no magistério. Se havia a oportunidade, por que não aprender com os melhores? Noutros casos, eu apenas queria guardar lembrança que, mais dia, seria soterrada pela passagem inexorável da vida. Como pérolas, farei a citação de recordações do baú de minhas reminiscências. Vamos a elas:

A educação e o respeito pela professora Nilceia Ricatto era tão grande que a turma até parava de jogar bola quando ela passava.

Por falar em disciplina, minhas primeiras noções de competir e cooperar foram emanadas pelas aulas de Física do meu amigo de caminhada Lezio Sathler, o “Teoria”, e pelo professor Erwin Egbert.

Aulas também podem ser criativas! A maneira como Jaime Nonato, Nery Rodrigues, Josué e Paulo Stefenoni resolviam as questões de matemática me motivava. O gosto pela cultura veio com as claves de Walfredo Rubim, as pinturas, causos e cenografias do Filogônio, os livros do Adilson Vilaça e a poesia da mestra eterna Dinah Henrique Rosário. Que bonito lembrar dela recitando “e o urucongo a gemer na cadência do jongo”.

Conheci o mundo pela geografia e história! As irmãs Ivete, Lizete e Zilnete Martinelli, junto com a espontaneidade do Diná Gonçalves Correia, a mãezona Carmem Schifler e o meu querido amigo do andar de cima Caetano Bravim criaram um universo de imagens na minha mente, tal qual o metaverso digital dos dias de hoje.

A professora Mariah, além das aulas de História Antiga, pautou em mim valores e espiritualidade que procuro preservar. A importância dela em minha vida fez com que eu a acompanhasse até os momentos finais de sua vida. Já a disciplina do Teteu, a criatividade do Carlão Davi e a estratégia do Marcão Ceotto são técnicas que aplico diariamente.

Marcas e valores são legados do ambiente educacional: a postura ética, firmeza e humor inteligente da Eliete Roldi, a cultura e habilidade no trato da Jussara Richa, a empatia e o carisma do José Edss, o método e a busca por resultado do meu grande amigo Marco Fontana.

A convivência com grandes mestres que conheci e convivi me tornou um ser humano melhor. Obrigado, Ademir Mendonça,

Altair Malacarne, Altamira, Arnaldo Vasconcelos, Belmiro Teixeira Pimenta, Celi Rocha, Danuta Zbysynski, Dirceu Pagani, Fausto Mascarello, Geraldo Fabris, Irmão Gava, João Elias Pancotto, Kleber Bussinger, Olnei Braga, Ralph Lievore do Rego, Sálua Asbua Linhalis, Sérgio Moraes, Sylvio Vitalli, Wallace Pimentel, Wanildo Janes, Wieslau Ignatovsk, Wilson Haese, Zita Botelho e muitos outros.

Tão importante quanto os professores foram os coordenadores, competentes para colocar a casa em ordem! Muitos foram marcantes, mas fica a minha homenagem a todos em nome da amiga e correta Dona Wilma.

Estas passagens valorizei sempre contando em forma de história para meus filhos Glícia, João Vitor, Júlia e Darah. E eles adoraram.

Ataulfo Alves diz em sua letra que não sabe por que a gente deixa de ser criança: “Eu não sei pra que que a gente cresce / Se não sai da gente essa lembrança”. Dona Walkyria criou o meu dia inesquecível em Colatina desde nosso primeiro encontro. E me ensinou o milagre de multiplicar aquele dia durante a vida escolar. Evocando o nome dela, agradeço a todos os meus mestres e mestras, com todo o meu carinho!

A ÚLTIMA CURVA

GUIDO BONATTO NETO

Nasceu em Colatina, casado e pai. Engenheiro Civil. Viveu fora para conclusão dos estudos, o que fortaleceu sua conexão com esta cidade. Coleciona escritos de sua autoria e apresenta texto memorialístico sobre sua volta pra casa e o quanto essa experiência impactou sua vida.

Ele fechava os olhos, e mesmo assim já sabia o cenário que se formava a sua frente, tamanha frequência que suas memórias haviam percorrido aquele caminho nos últimos anos. Árvores, pastos, casebres, curvas e mais curvas. A estrada seguia espremendo-se para vencer o relevo irregular até desembocar em um grande vale. Quantas vezes percorrera aquele caminho, saindo bem cedo para estudar em outra cidade? Passava a semana em meio a trabalhos e provas, esperando ansioso pelo retorno aos finais de semana. Queria ver sua família, seu amor, seu lugar.

Muitos não entendiam porque ele queria voltar, sempre. Muitos questionavam-no se ele não preferiria a capital com o passar do tempo. Ele sabia que o destino o levaria a outros lugares, mas sempre haveria uma terra em seus pés, uma ponta daquela raiz

que o conectaria a sua origem, e isso o fazia se sentir bem.

O balanço do ônibus poderia dar sono em qualquer um, mas ele não conseguia repousar visto a ansiedade crescente a cada quilometro que se aproximava daquele lugar. Não saberia dizer se as outras pessoas que estavam no ônibus conseguiam sentir o mesmo que ele: essa vontade crescente de voltar, aquela saudade cantada em hino que ele próprio não explicaria, mas sentia e vivia.

Quando saiu de casa naquela semana, com a bênção de sua mãe levava um pedaço de cada coisa que existia ali, no seu modo de falar, de se portar, nas suas memórias. Cultura enraizada e influenciada pelas suas origens italianas, africanas, indígenas, miscigenadas. Que lugar! É 'logo ali' que quero chegar!

O cheiro dos cafés secando, da poeira da estrada, dos eucaliptos, tudo parecia estar ativando suas memórias mais confortantes. Esperava pra ver o que tanto ansiava, estava quase chegando o momento. Esticou o pescoço para ver pelo corredor lá na frente do ônibus, pelo para-brisa, a última curva ali estava, e depois... o rio se abria, enorme rasgo no vale, dançante como as curvas da estrada.

Estrada e rio finalmente se uniram. Um sinal no peito em agradecimento pela chegada! Brilhavam suavemente em tons laranja com as primeiras luzes do sol que nascia pelas montanhas e refletia o calor nas águas do rio. O mesmo calor daquele lugar que emanava de dentro dele, sua confiança havia voltado. Começava mais um dia inesquecível em Colatina. Cheguei!

ASSASSINARAM NOSSO RIO DOCE

JACIMAR BERTI BOTI

*Biólogo. Mestre em Biologia Animal pela Universidade Federal de Viçosa-MG.
Professor de Biologia do Ifes, campus Santa Teresa-ES (aposentado).
Escritor com diversos trabalhos de pesquisa publicados. Autor de 4 livros
de poesias, contos, crônicas e causos. Acadêmico da ALARC e da ACLAPT-ES.*

Um dia inesquecível que tive em Colatina foi em 19 de novembro de 2015, uma quinta-feira. Esse dia jamais se apagará da mente de qualquer poeta que ama a natureza, pois o verde ribeirinho do rio Doce se tornou amarelado devido à lama química da Samarco, que sufocou sua beleza.

Acordei com uma notícia assassina. Estava preparando as armas do conhecimento para pegar a estrada, pois justamente naquele dia estaria ministrando uma palestra sobre a degradação ambiental nos últimos anos, em Santa Teresa-ES. No rádio, eu ouvia que a lama da barragem da empresa Samarco estava chegando a Colatina.

No dia 19 de novembro de 2015, a nossa bandeira nacional estava sendo manchada de poluentes amarelos nas águas do rio

Doce, devido à ganância do homem, atrás de dinheiro e sucesso, destruindo tudo em nome de um falso progresso.

Naquele dia, ao atravessar a ponte Florentino Avidos, eu parei do outro lado para ver aquela tragédia anunciada. As duas cores na água, que estava tomando cada vez mais dimensão, destruindo tudo, sem perdão. Observavam-se alguns peixes pulando, pedindo socorro e morrendo sufocados nas margens do rio.

Algumas pessoas simplesmente olhavam e ficavam perguntando: por que destroem tanto o meio ambiente? Agora quem vai pagar a conta é o pobre pescador, que do rio tira o seu sustento, pois além de poluir tudo, destroem também a vida da gente, disse uma senhora que passava na avenida Beira Rio. Muitas pessoas paradas, ali na beira do rio, observavam toda aquela situação, enquanto no peito do poeta pulsava mais forte o coração. Alguns perguntavam: onde estão os culpados? Outros, indignados, falavam da ganância do homem e também dessas grandes empresas destruidoras, que devem ser responsabilizadas.

Não demorou muito e o leito do rio estava repleto de lama carregada de resíduos químicos maléficos à saúde. Ao olhar na margem do rio, um lindo peixe dava o seu último suspiro, sufocado pela falta de oxigênio na água e muitos metais pesados trazidos da barragem rompida em Mariana-MG.

Nos dias seguintes, as pessoas corriam atrás de água para beber e preparar seus alimentos, pois tudo estava poluído. Havia até brigas nas filas para pegar alguns galões de água. Algumas Igrejas diziam que o Apocalipse bíblico estava acontecendo em Colatina. Essa tragédia foi inesquecível para todo o Vale do Rio Doce, pois até hoje todos sofrem com a contaminação da água. Resumindo tudo, escrevi este poema:

Aqui passava um rio exuberante, majestoso...
Nas manhãs serenas, muitos pássaros a cantar,
Pescadores felizes remando em suas canoas,
Um rio extenso com vasta vegetação ciliar.

Muitas espécies de plantas e animais,
Intensa alegria dos moradores ribeirinhos,
Assim era nosso manancial amigo rio Doce,
Alegravam-se com o canto dos passarinhos.

Desde a sua nascente em Minas Gerais,
Vem passando por várias cidades,
Fornecendo água para a população
Mesmo sofrendo com tantas agressividades.

Descendo com remanso lento em reboços suaves,
Vem desenhando um lindo perfil nesse ecossistema.
Uma tragédia provocada pela ganância do homem,
Produzindo riquezas que é a chave do problema.

Nossos peixes sufocados morreram na lama,
A vegetação outrora verde, agora lamacenta,
Os olhos do poeta estão ardendo de vermelhos,
Com essa água repleta de produtos químicos e nojenta.

Essa ação de homens gananciosos na contramão,
Sangrando o coração do campo e de muitas cidades,
Por um falso progresso, depredando o meio ambiente,
Destruíram espécies que eram elos da sustentabilidade.

Contaminaram o nosso manancial verde azulado,
Agora com um leite turvo, lamacento e envenenado,
Com dejetos químicos dessa mineração gananciosa,
Somente Deus pode recuperar o rio Doce danificado.

MEU PRIMEIRO DIA DIANTE DO GRANDE RIO DOCE

JOSE LOUIZ NASCIMENTO

*Psicanalista Clínico; Hipnólogo Clínico; Especialista em Educ. e Saúde Mental
pelo Inst. de Ciências Soc. e Humanas ICSH/Valparaíso de Goiás;
Radialista (Locutor – Apres. – Animador); Administrador Escolar – Universidade
Salgado Oliveira/UNIVERSO; Licenciatura em Letras/FAFIC – Colatina-ES.*

Eu era um garotinho de apenas quatro anos de idade quando minha família se mudou de São Silvano, não muito distante da cabeça da ponte Florentino Avidos, para uma casa na Travessa Rio Doce (hoje rua Elza Benetti Machado), ao lado do Conde de Linhares, que passava por reconstrução e nas proximidades do, então famoso, Cine Idelmar.

Logo ao amanhecer, meus pais, Mário e Alcenia, e meus irmãos mais velhos me levaram à beira do Rio Doce, bem perto de casa, num lugar que convencionamos chamar de prainha, com areia branquinha e alguns tufo de gramas aqui e ali.

Pela primeira vez, em toda a minha vida, nos altos de meus quatro anos de idade, tinha visto uma infinidade de água à minha

frente como aquela! Então, meu irmão César Antônio, segurando minha mão esquerda, me apresentou ao rio Doce, dizendo: Este é o grande rio Doce! Tem muito peixe aqui. Você, em breve, vai pescar muitos peixes para nós comermos.

Eu me lembro muito bem! Era uma manhã gostosamente cheirosa e um vento fresco batia em meu rosto e balançava a minha roupa levemente. Coloquei meus pés na beirinha da fria e acariciante água da prainha e fiquei como que hipnotizado pelos barrigudinhos nadando ao redor de meus pés, enquanto que, ao mesmo tempo, sentia os grãos de areia saindo debaixo de meus pés, pelo movimento da água transparente do grande rio Doce. Minha primeira reação foi tentar pegar, com as mãos em concha, alguns daqueles peixinhos. Meus irmãos mais velhos riram a valer ao ver a minha determinada obstinação em capturar alguns daqueles barrigudinhos. Não consegui! Meu irmão César Antônio, como que me consolando, disse que eu e os barrigudinhos éramos pequenos demais. À medida que eu fosse crescendo, eu iria, aos poucos, aprendendo a pescar de verdade.

Essas lembranças de meu primeiro dia diante do grande rio Doce foram gravadas em minha mente tão profundamente, que consigo revivê-las com imensa nitidez!

Se o impacto desse dia não fosse, de tal forma forte e encantador, as imagens da apresentação do rio Doce a mim teriam se perdido no tempo e nas profundezas de minha mente. E, lamentavelmente, eu não poderia estar registrando agora, aqui, este momento mágico em que o menino, hoje sexagenário, não entendeu a magnitude do rio Doce, mas sentiu, de alguma forma, o milagre da vida que o curso do rio Doce representa neste vasto Universo.

É como se uma conexão humanamente inexplicável entre

o rio Doce, a cidade de Colatina e o Universo em toda a sua magnitude tivesse falado ao coração daquele meu “Eu menino”: Muito prazer em receber você entre nós!

Sempre que eu vou a Colatina faço uma parada contemplativa na antiga Travessa Rio Doce, onde morei até meus oito anos de idade, para reabastecer as minhas baterias psicológicas. É como se nesse local existisse um posto de reabastecimento de Energia Cósmica personalizado com o meu nome, onde eu pudesse reencontrar, sempre, aquele encantado meu “Eu menino”. Só depois vou ao Bairro Operários, onde morei até os meus vinte e seis anos de idade e a outros logradouros de Colatina.

COLATINA, MINHA MORADA

LAINIKI A. DE MENEZES CAMILETTI MALIKOUSKI

Bióloga. Técnica em Agente de Projetos Sociais. Membro da Cia Teatral Art'Manha, com atuação em várias peças. Membro da Alarc. Servidora Municipal da Secretaria de Cultura e Turismo de Colatina. E-mail: lainiki@hotmail.com

Decidir sobre um dia inesquecível em Colatina é uma verdadeira missão, porque esta é uma cidade calorosa em todos os sentidos. Senti-me acolhida e descobri aqui uma Lainiki que jamais teria conhecido em outro lugar. Esta é minha cidade maravilhosa, cheia de vida, cheia de amor, cheia de talentos, de oportunidades e de possibilidades.

Quem me dera poder contar todos os dias inesquecíveis que vivi aqui. No entanto, para muitos dias inesquecíveis, precisaria o primeiro acontecer.

Mudei-me para Colatina em março de 2018, iniciava aqui uma nova vida, cheia de esperança e de possibilidades, vontade de recomeçar. Mas não foi bem assim que aconteceu. Pouco tempo após estar morando nesta linda cidade, sem conseguir nenhuma renda e vendo o meu brilho sumindo aos poucos, minha saúde psicológica não estava bem. Embora muito envolvida com meus

trabalhos da igreja, eu queria mais: queria uma oportunidade de emprego, queria realizar sonhos, construir coisas, brilhar profissionalmente.

O tempo foi passando e fui perdendo a esperança de ter tudo novo, comecei a pensar que aqui não era exatamente o meu lugar. Onde estavam meus amigos? Longe! Eu começava do zero, sem conhecer pessoas, sem influência, sem nada. Mas um belo dia tudo mudou, e hoje eu posso dizer que não ter ninguém aqui era a coisa mais linda, pois isso me fez descobrir quem eu era de verdade. Era hora de finalmente realizar sonhos, os meus sonhos, que por anos andaram guardados em caixinhas do nunca.

Colatina era realmente para ser minha morada.

Um belo dia, minha mãe veio me visitar e queria muito conhecer a cidade, andar pelas ruas e saber dessa tão famosa Colatina. Então, saímos de minha casa no Bairro Operário e viemos ao centro. Ao passarmos pela calçada da rua Santa Maria, minha mãe avistou uma placa que estampava: “Casa da Cultura”. Curiosa, ela pergunta se eu sabia o que era – e, acreditem, eu nunca tinha ouvido falar (risos). Então entramos e ela descobriu a mina do tesouro perdida aos meus olhos, onde tudo começaria a fazer muito sentido na minha vida.

Descobrimos ali oficinas de música, instrumentos e teatro. Lembro-me bem o primeiro contato com a Marlene, as primeiras informações, e minha mãe insistindo para eu me inscrever no teatro; dizia: Vai te fazer bem e ocupar tua mente. Apesar de querer ser atriz, em algum dia um sonho de infância, nesta altura do campeonato eu não sabia mais se isso faria sentido. Porém, por muita insistência de minha mãe, eu me inscrevi.

Lembro-me das primeiras aulas, de todos os mistos de emoção, lembro até hoje quem eram meus colegas de turma e da

professora maravilhosa, Karina. Então eu estava ali, com a cara e a coragem e muita vergonha. Foram algumas oficinas, lanches e trocas, até que iniciamos um processo de montagem de uma peça para culminância da oficina.

Tudo bem, já estava na loucura mesmo, e nem acreditando que ali já fazia novos amigos, e que meus caminhos sigilosamente tomavam um novo rumo. No dia da apresentação, não consigo me recordar se a professora convidou ou se ele simplesmente foi prestigiar esse momento, lá estava o Diretor Kaio Henrique – que, naquela época, tinha já quatro anos na direção da Cia de Teatro Art’Manha, fundada por ele. Gente, eu nunca imaginei que viveria essa cena bem cinematográfica, estava ali o famoso olheiro, o Kaio, em busca de atores para sua peça; e, no fim da apresentação, eu vivi um momento mágico: ele se apresentou e me fez o convite.

Mas, na verdade, anos mais tarde descobri que eu era a menos pior (pode rir, porque isso nos faz rir até hoje). Talvez você pense: poxa, descobrir que foi escolhida por ser a menos pior? Acontece que eu fui escolhida, porque mesmo não apresentando todos e os melhores dons artísticos, aquele diretor viu em mim algum potencial, e que poderia me ajudar a desenvolvê-los. Muitos foram os ensaios, o teatro agora fazia parte da minha rotina, meu hobby e meu novo amor. Fiz a primeira apresentação como a Fada açucarada, do espetáculo “O encantado mundo das fadas”.

Eu passei de dias escuros e tristes para dias cheios de imaginação, criatividade e experiências incríveis. Hoje colho frutos daquela aposta louca do Kaio, do convite mais inesperado e incrível da minha vida. Pasmem, mas além de atriz, hoje posso contribuir como maquiadora e, inclusive, trabalho também com pintura facial. De vez em quando me arrisco escrevendo pequenos roteiros e participo de diversas atividades relacionadas à cultura. Eu

amo ser atriz, amo o teatro, amo fazer parte da família Art'manha e sou muito feliz por ter conhecido tantas pessoas, em especial o Kaio e a Fernanda, esposa dele, que se tornaram amigos e meus apoiadores.

O passeio pelas ruas me levou à cultura, a cultura me levou ao teatro, o teatro me levou a descobertas e as descobertas a novos caminhos e esses novos caminhos me tornaram grande quando eu me sentia tão pequena.

De uma coisa eu posso ter certeza: meus sonhos nunca foram insignificantes ou pequenos para Deus. Olha onde ele me colocou!

COLATINA – ENCHENTE DE 1979

LILIA MÁRCIA DE ALVARENGA LOURETE

Doutora em Educação pela Uninorte, Assunção, Paraguai e Universidade Católica de Petrópolis, RJ. Mestre em Educação pela UFES. Geógrafa e Professora de Geografia do Instituto Federal do Espírito Santo, Ifes, campus Colatina. Coordenadora adjunta do Núcleo de Arte e Cultura do Ifes, campus Colatina.

O dia 03 de fevereiro de 1979 amanheceu diferente

Depois de muitos dias de intensas chuvas

As águas do Rio Doce subiram de repente

O que se temia aconteceu

Nas ruas, muita gente

A rádio Difusora anunciou

O Rio transbordou!

Ônibus parados

Trânsito tumultuado

Do alto dos bairros se via

Ponte interdita
Centro alagado
Canoas por todo lado
A cidade em um tumulto generalizado.

A correnteza era grande
Materiais de vários tipos e tamanhos as águas arrastavam
Nas lojas, mercadorias para cima eram colocadas
E o medo da ponte se romper pairava.

Nos dias que se seguiram
Faltaram gás, combustível e água potável
Alimentos e luz elétrica findavam
Também a comunicação ficou prejudicada
Nessa situação
O rádio de pilha foi a salvação.

À medida que a água baixava
A lama avolumada era avistada
Marcas da enchente por todo lado restavam
Entraram em cena tratores e caçambas
Rodos, mangueiras, vassouras e enxadas
Trabalhadores civis e militares
E voluntários solidários.

Nas calçadas e ruas, mercadorias e mobílias amontoadas
Saqueadores por todo lado
Dezenas de desabrigados
Flagelados
Perdas incalculáveis
A economia maculada
Esfrega, lava, enxuga
Raspa, carrega, recicla, descarta
Trabalha...trabalha...trabalha
Lava, esfrega e seca.

Com os dias que passavam
As águas do Rio para o seu leito voltavam
Esse mesmo Rio, vitimado
Do descaso do campo e da cidade
Do seu leito assoreado
De suas margens ocupadas
De suas matas ciliares retiradas
De esgotos e lixos ali jogados
E agrotóxicos nele depositados.

Os anos se passaram
A economia ajustada
A população de risco realocada
Mas o Rio não foi devidamente cuidado

Outras enchentes vieram

O Rio deu seu recado

O recado está dado!

A BICICLETA

LORESSA PAGANI CAMPOSTRINI PRETTI

Professora de Educação Infantil e escritora. Sua grande paixão é escrever para gente pequena e abordar temas ambientais de forma legal e divertida. Autora de “Catarina Cata-Treco”, “A lenda de Estampado”, “Colorindo Colatina”, “O segredo de Serena” e “Os retalhos de Luma”.

O caso que conto aqui, relembrando e me fazendo voltar no tempo, não tem nada de inverdades, não que eu me lembre ou que faça isso com alguma intenção. Eu, menina pequena, pernas compridas, short curto e meus inseparáveis óculos de grau, pele bronzeada pelo sol, moradora do distrito de Baunilha...bichinho criado livre, solto. Menina cheia de cachorros, gatos, cães, sabiás, de cavalos, de bicicletas, como macaco nos galhos das árvores, como peixe nas águas do Rio Baunilha, veterana em andar grudada em carrocerias de caminhão, ora do meu pai, ora do caminhão de leite dirigido pela família Martinelli.

Apesar de toda essa vida feliz e agitada, dormir na casa da minha tia Toninha, que morava na Rua Germano Naumann Filho, em Colatina, era algo incrível e sempre que era convidada eu o

fazia com muita alegria. A casa tinha piscina e alguns brinquedos com os quais eu não estava acostumada: Atari, Genius da Estrela, Barbies, brinquedos de tabuleiros. Na mesma rua, a fábrica de picolé do Lindório e muitas outras coisas. Era tudo diferente, isso me encantava e meus sentidos ficavam aguçados para tudo e todos ali. Eu sempre me perguntava por que os cachorros da cidade latiam diferente daqueles lá da roça e só mais tarde descobri que a diferença era o eco dos latidos entre casas e prédios. Eu achava muito legal ir à escola de carro, porque eu morava ao lado da minha escola, em Baunilha, era sair de um portão, passar por uma casa e já estava na escola. Eu me encantei com o colégio Marista quando acompanhei minhas primas a uma aula especial em que era permitido levar um convidado. Eu achava a ponte Florentino Avidos a coisa mais gigantesca do mundo, e mais proibida também. Cheguei a planejar um dia atravessá-la de bicicleta, mas isso só aconteceu na vida adulta. Tenho muitas memórias da casa da minha avó paterna, que ficava sobre a casa da minha tia Toninha. Lembro dos vizinhos mais adoráveis e dos menos amigáveis, está tudo aqui, guardadinho na minha memória antiga.

Tive minha primeira experiência de amor, e acredito eu, eterna e marcante com a cidade de Colatina em 1985, durante as comemorações de 64 anos de emancipação política da cidade. Um dos eventos no cronograma da festa era uma corrida de bicicleta. Minhas primas já estavam com as bicicletas todas paramentadas quando cheguei para passar uns dias na casa delas. Lamentei-me porque ali, naquela ocasião, eu não tinha nada e não tinha nenhuma chance de participar do evento. Minha inquietude e animação logo foram notadas, ficava pensando na minha bicicletinha, empoeirada, cansada, superpoderosa, que tinha ficado lá em Baunilha, no quintal do Bixiga. Ahh se eu soubesse dessa corrida!

Foi aí que minha tia foi ao porão, resgatou uma bicicleta velha, nos colocou a lavá-la e levou-a à esquina da Rua da Lama onde tinha uma pequena oficina. Seus pneus foram reparados para que aguentassem pelo menos uma única volta. Minha velha bicicleta recebeu flores e um laço de papel crepom rosa, bem grande, e isso me bastava. Fomos nós: eu, ela e toda a meninada para a Avenida Getúlio Vargas aguardar a chamada. Eu, meu short de tacetel preto de viés branco, meus óculos de grau, meus chinelos Havaianas e meu cabelo lambido, com corte Chanel, fui à luta. Posicionei-me como se eu estivesse no meu ninho, no meu lugar, agitada, eufórica, furiosa como uma leoa faminta, entre muitos ciclistas, extremante competitiva, como sempre. Menina criada em quintal, tomando banho de rio, andando a cavalo, voando pelos galhos das árvores, acostumada com bicicleta desde o nascimento. Aquele era meu mundo, mesmo estando em outro mundo.

Bicicleta balançando de um lado para o outro, pequeno vasto lateral em evidência e cambitos a todo vapor, cruzei a linha de chegada.

Pelas mãos do então diretor geral do Departamento Estadual de Trânsito do Espírito Santo, Lézio Sathler, recebi a medalha de primeiro lugar. A felicidade da Loressa criança teve dois motivos: a medalha e o contato com alguém que pra mim era muito famoso. Esse acontecido nunca mais saiu da minha cabeça e sempre que eu olhava a única foto que tenho desse dia, os detalhes brotavam espontaneamente nas minhas lembranças, eram tão reais! Anos depois tive a oportunidade de contar isso ao Lézio, que nem vagamente se lembrou do fato, ficando muito surpreso com a minha história.

Memórias de criança podem ser eternas, um grande baú... cheio de mistérios.

POR UM CONSTANTE BEM VIVER EM COLATINA

LUZIMARA DE SOUZA CORDEIRO

*Servidora do Instituto Federal do Espírito Santo – campus Colatina.
Doutoranda em Letras pela Ufes. Já atuou como docente
de Língua Portuguesa e Literatura, como Pedagoga e como Designer Instrucional.*

Nós, escritores, almejamos uma escrita viva, nova. Contudo, não nos confundamos, “O Novo não é uma moda, é um valor”, conforme teorizou o semiólogo Roland Barthes. Não estamos, dessa forma, discutindo modismos, mas a preciosidade de uma escrita que tenha uma íntima relação com a vida, com os sentimentos, pois, conforme afirma Mia Couto, “Só se escreve com intensidade se vivermos intensamente. Não se trata apenas de viver sentimentos, mas de ser vivido por sentimentos”. E “ser vivido por sentimentos” torna-se sinônimo de desfrutar da experiência vivida, que será sempre inacabada, um constante devir para o escritor. Inclusive, o filósofo búlgaro Tzvetan Todorov já afirmava que a escrita literária em lugar de excluir as experiências vividas, faz descobrir mundos que se colocam em continuidade

com essas experiências e permite, assim, melhor compreendê-las.

Almejo, nestas breves linhas aqui depositadas, relatar sobre um singelo, porém inesquecível dia de férias, em que resolvi fazer uma “viagem” dentro do meu próprio município de Colatina. Na transposição dessa experiência vivida, posso optar por inflar estas páginas de pura ficção ou ficar presa aos dados empíricos. Assim, ao recordar esse dia inesquecível, em que este texto gravitará em torno dos encantos de Colatina, anseio pelo hibridismo das autoficções. Quero revisitar o passado e relatá-lo por meio de uma projeção criativa, em um movimento pendular entre distância e proximidade, entre ficção e realidade, entre vivido e sentido. Desejo, como descreve Alfredo Bosi, em *O ser e o tempo da poesia*, deixar que o agora refaça o passado e conviva com ele.

Embora, caro leitor, possa transparecer para você que esta escrita seja umbiguista, uma narrativa em que só minha voz se faça ouvir, não será! Eu representarei, mesmo em uma constante monofonia, as tantas vozes colatinenses que têm, diariamente, dias inesquecíveis neste majestoso município. Minha voz, aqui, fala sozinha, porém testemunha um encantamento coletivo deste bem viver na Princesa do Norte Capixaba.

O que seria esse bem viver? Isso me recorda Aristóteles, que já se questionava o que significaria uma “vida boa” e, muitos, não só pensadores, ainda refletem, sob diversos prismas, essa indagação. Ao me interrogar sobre isso, vislumbro um bem viver que seja contra-hegemônico, que não seja sinônimo de um crescimento com metas meramente capitalistas. Por isso, tamanha admiração por minha amada Colatina, em que o desenvolvimento econômico caminha junto com o bem-estar social e cultural. Eis o florescimento do viver efetivamente bem.

Deixei esse bem viver brotar, também, em mim e, assim,

dediquei um dos momentos de descanso de minhas férias, de 2022, para melhor sentir um dia inesquecível em minha cidade. Ratifico: SENTIR este dia, percebê-lo inesquecível, pois em todos os outros há, igualmente, algo de especial, porém, a constante correria do cotidiano impede-nos de perceber o encantamento diário e, assim, tornamos o dia “esquecível”.

Convido você, leitor, a rememorar essa “viagem” comigo e, destarte, experienciar o quanto há de inesquecível no bem viver em Colatina. Iniciemos?

Atravessei a ponte Florentino Avidos. Caminhando, pude observar a calma do rio Doce, sentir o ar interiorano, até chegar à simpática praça municipal. Andei pelo comércio local, em que percebi a grandeza do setor de vestuário do município. Uma sensação dos grandes centros, mas com o conforto de conviver sem o temor da violência.

Caminhei até a Praça Sol Poente, movida por todo o bucolismo presente. Ao final da praça, deparei-me com a charmosa Biblioteca Municipal Thelmo Motta Costa. Como está renovada! Um ambiente que chega a receber cerca de 1,5 mil leitores por mês em seu espaço climatizado e com um aumento louvável em seu acervo.

Infelizmente, tive que ser breve, pois queria adentrar outro ponto marcante desta cidade: a Catedral do Sagrado Coração de Jesus, com seus belíssimos vitrais e uma paz que transborda para dentro de nossa alma. Ao sair da catedral, já era final de tarde. Visitei o Cristo Redentor, que está, novamente, de braços abertos para nos receber. Quanta memória afetiva dos passeios que ali fiz em minha infância! Do alto dessa estátua pude avistar o belíssimo pôr do sol, considerado um dos mais lindos do mundo, e me deliciar com o toque do vento. Que sinestesia envolvente!

Voltei ao centro da cidade e, para melhor contemplar a beleza do entardecer, caminhei pela Avenida Senador Moacyr Dalla, popularmente chamada de Beira-rio, que se tornou o novo point gastronômico e de efervescência cultural da cidade.

Encerro aqui a viagem pela Princesa do Norte Capixaba. Fiz trajetos que eu e você talvez já realizemos diariamente, porém não notamos. Façamos diferente! Merecemos valorizar mais nossa Princesa e o nosso “viver bem”. Então, por que tornar apenas um dia inesquecível em Colatina e deixar todos os outros esquecidos? Não! Que nossa estada nesta cidade seja de um eterno bem viver inesquecível.

NASCE UMA VIDA EM MEIO AOS FOGOS

MARA ELIZABETE PENITENTE

Artista plástica, fotógrafa e poetisa descreve de retalhos em retalho os capítulos de sua vida e os momentos que registra em suas fotos. Mulher forte e guerreira, cai, mas levanta. Luta para o bem da igualdade. É contra qualquer tipo de racismo ou desprezo ao ser humano.

No mês de fevereiro de 1983, descobri que estava grávida. Eu já tinha duas filhas: Mariana e Juliana, com pouca diferença de idade. Depois de quatro anos de Juliana, até então a mais nova, ter nascido, veio a surpresa maravilhosa de uma gravidez.

Nessa época minha mãe morava comigo, pois havia se separado do meu pai. Fui ao meu obstetra, Dr. Renato Pagani Soares, e foi confirmado que o bebê nasceria no mês de outubro. Fui para casa muito feliz!

Naquela época não havia tecnologia como hoje, então ficava o suspense... Seria menina ou menino? Mas isso não importava... desde que viesse perfeito (a) e com saúde. Eu, com uma grande intuição, disse à minha mãe e ao meu marido: “Nascerá no dia da padroeira do Brasil, Nossa Senhora Aparecida!” E ninguém levava

a sério quando eu dizia isso. Eu era devota dessa Santa, assim como minha mãe, então ela nunca discordou de mim. Eu torcia para que realmente acontecesse, todos os dias eu pedia a Deus que me desse esse presente.

Quando fui ao meu obstetra, disse o mesmo para ele, que olhou para mim com um sorriso e um ar de descrente, como quem pensasse: “Só poderíamos ter certeza se marcássemos uma cesariana”. Como na primeira gravidez havia sido cesariana e eu havia sentido muita dor, e a segunda nasceu muito rápido sem dor, e de parto normal, eu quis que a terceira fosse dessa forma também.

Os meses foram passando e eu ficando ansiosa, porém feliz com a vinda de mais uma vida. Comecei a fazer o enxoval com cores neutras que serviria para os dois sexos, mas sempre prevalecia a cor branca, um enxoval simples, mas bordado a mão e, lógico, aproveitei algumas peças das outras gestações.

O tempo foi passando e tudo foi ficando ajustado para a espera do bebê. Mas minha intuição e minha fé nunca se apagaram dentro de mim. Cada chute, cada batida do coração que eu ouvia, meu amor só aumentava por essa iluminada criança que já fazia parte de mim e já era muito amada! O coração acelerava a cada momento que se aproximava do mês de outubro.

Eis que exatamente no dia 12 de outubro estavam, em minha casa, meu irmão Marcos, meu marido e minha mãe, que sempre foi meu porto seguro. Logo ao acordar, depois do café, senti algo estranho, fui ao banheiro e... O sinal! Saí às pressas e com muita alegria já fui dizendo: “Mamãe, vai nascer hoje!”. Foi quando meu marido disse: “Como pode? Você falou a gravidez inteira sobre esse dia!”. E eu baixinho respondi: “Nada é impossível para Deus e Nossa Senhora quando temos fé!”.

As dores iam aumentando e assim fomos para o hospital Santa Maria. Meu marido ligou para Dr. Renato, o mesmo estava na fazenda, claro que não esperava o acontecido. Ele disse para aguardar, pois ele já estava vindo, só precisava tomar um banho. As dores foram só aumentando e, cada vez que volta, diminuía o tempo. Muita dor, mas ao mesmo tempo muita felicidade. Enquanto o médico não chegava, outro fez o exame local e o bebê já estava encaixado para nascer. O coração começou a disparar na emoção de saber que minha intuição não falhara. Comecei a agradecer a Deus.

Levaram-me para a sala de parto, e ela nasceu justamente no dia 12 de outubro de 1983, às 12h00. O céu estava em festa, com muitos fogos, pois era tradição nessa época. Assim, nascia minha Luinha! Hoje eu a chamo por esse nome carinhoso, mas o nome dela é Luciana, foi escolhido pelo meu irmão Mario Penitente (in memoriam). Hoje ela é mãe de três crianças lindas: Valentina, Helinho e Antonella e é uma profissional que muito me orgulha na área da educação.

Para quem acredita no poder de uma mãe, deixo aqui um versinho:

Em meio a tanta dor
Havia também alegria
O céu em festa ficou
Enquanto você nascia

Minha menina tão linda
Seu nome veio concretizar
Pois Luciana tem um significado

Que você iria sempre brilhar.

MaraEliza

Simples assim

VISITANDO O PASSADO

MARIA AUXILIADORA TOREZANI DE OLIVEIRA

*Mais conhecida como Dora, é nascida e criada em Colatina.
Professora da rede municipal e estadual, atualmente funcionária
da Biblioteca Pública Municipal. Coordenadora do clube de leitura
Recanto do Conto e Membro da Academia de Letras
e Artes de Colatina (ALARC).*

Com o olhar perdido no tempo, ela olhava para trás e via pegadas na terra avermelhada. Pensava na trajetória que fizera ao longo de sua vida. Vivera muitos anos naquela região de Colatina.

De repente levou a mão ao rosto, enxugou uma lágrima, depois outra, que caíam de sua face já marcada pelo tempo. Não sei se eram de tristeza ou alegria, mas percebi que ela via nos passos a imagem de sua vida.

Parou em frente a uma casa branca de dois andares, janelas e portas marrons, rodeada por uma larga varanda, com um enorme pé de manga no fundo do quintal.

Abriu o portão já enferrujado pelo tempo, deu alguns passos e sentou no velho banco de peroba. Esticou as pernas lentamente e passou a mão nos cabelos como se tivesse sido transportada

para uma outra dimensão. Voltara a sentar naquele banco que fora testemunha de tantas histórias e momentos inesquecíveis.

Abriu uma bolsa de couro e retirou um antigo álbum vermelho, aveludado, e começou a folheá-lo, extasiada com cada imagem que surgia à sua frente; sorriu, com doçura.

Apertou o álbum contra o peito, respirou profundamente como se estivesse vivendo a plenitude de um sagrado momento.

O barulho forte do motor de um carro a trouxe de volta à realidade. Olhou para os lados e viu que não estava sozinha.

Duas crianças correram ao seu encontro. Ela as abraçou fortemente com um largo sorriso. Levou-as para o velho banco e mostrou aos netos as fotos de uma menininha linda de olhos pretos e cachos dourados em um bercinho branco, em um quarto de hospital.

Esta foto é do dia mais incrível que a vovó viveu em Colatina.

FAROFA LIBERTADORA

MARIA EMILIA DOS SANTOS

Formada em Pedagogia pela antiga Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Colatina, atual Faculdade Castelo Branco; pós-graduada em Planejamento Educacional. Professora de Educação Infantil da rede Municipal. Contadora de Histórias. Atua como Auxiliar de Biblioteca.

Sinal da cruz, um pai nosso e uma ave Maria, bença pai, bença mãe. Pronto, o dia já podia começar.

Aos 8 anos eu já me incomodava com alguns sim que sempre tinha que dar, não entendia direito as coisas, mas era assim e pronto.

Oito irmãos e oito irmãs. Morávamos num sítio que ainda está na família, às margens da BR 259, nas imediações dos armazéns do IBC. Minha mãe pariu 17 vezes e meu pai fez 19 filhos, 17 no Espírito Santo e dois no norte do país, em Sergipe, donde partiu ainda jovem como tropeiro, no lombo de um burro xucro.

Éramos felizes, e, claro, brigas sempre existiram. Quando eram feias, papai resolvia com um prolongado psiuuu, ou dizia: “Eu vou aí!”. Logo tudo se resolvia.

Quando meu irmão mais velho, José Carlos (Perfumado era o apelido dele), foi para a Marinha no Rio de Janeiro, eu ainda não havia nascido, mas adoro essa história da família ter sido separada pela primeira vez.

Vi minhas irmãs casarem uma a uma, aliás, eu já nasci tia. Na ordem de nascimento, eu fiquei entre 4 homens, sou a caçula.

Meus irmãos podiam tudo. Eu, não. Sempre aquela história: Senta direito! Penteie os cabelos! Fecha as penas! Vá brincar com os seus brinquedos! Menina não sobe em árvore! Eu só queria brincar como os meninos, até porque não morava nenhuma menina ali por perto; e o pior dessa história é que meus irmãos sempre mandavam em mim e eu tinha que obedecer. Por que eu tinha que arrumar o quarto deles e catar aquelas cuecas espalhadas? Minha mãe mandava e eu obedecia.

Até que fiz 10 anos. Na minha época, aos 10 anos a gente continuava criança. Lembro como se fosse hoje, foi no mês de novembro e havia chovido dias antes. Ouvi os meninos gritarem: “Tá caindo tanajura”! E passaram correndo por mim a galope. Pegaram latas e garrafas e partiram entre as árvores. Eu já ia correndo atrás, mas minha mãe disse: Você não vai!

Todo ano a mesma coisa. Eu fiquei parada na porta da cozinha, ouvindo eles cantarem “cai, cai tanajura na panela de gordura”. Estava farta, sempre a mesma história de menina não pode! Feche as penas! Deixe de ser assanhada! Vá arrumar os cabelos! Eu só queria brincar, correr como eles, ter os mesmos direitos deles de caçar passarinhos e calangos, subir nas árvores, pegar ponga no trem de minério quando parava e fugir para tomar banho no rio Doce. Cheguei a pensar que alguém havia cometido um terrível erro, pois eu tinha que ter nascido menino como eles. Eu gostava de ser menina, não havia nenhum problema nisso, as

coisas estabelecidas para meninos e meninas é que me chateavam. Então naquele dia me enchi de coragem e desobedeci à minha mãe feio. Saí correndo, enfiando o pé no barro, pisando no capim molhado, me esquivando entre os galhos das árvores e me juntei a eles. Foi libertador gritar “cai, cai tanajura na panela de gordura!” Peguei centenas delas! Corria, subia e descia nos barrancos, tirava as tanajuras dos buracos, colocava na lata, me sentindo livre sendo simplesmente uma menina catando tanajuras com seus irmãos. A sensação de correr ao vento, ao sol, dos pés descalços cheios de barro foi libertadora. Os meninos tiraram a camisa para jogar nas bundudas que voavam mais alto, eu até pensei em fazer o mesmo, mas eu usava vestido e seria um pouco demais. Enchemos várias latas, e o cheiro que as tanajuras exalavam se espalhava no ar.

Hora de voltar pra casa, me arrepiava só de imaginar a surra que ia tomar, mas estava feito e para minha surpresa minha mãe não estava com a bainha de facão na mão. Minha alma voltou para o corpo; acho que, pela primeira vez, ela nos viu naturalmente só como crianças.

Separamos as cabeças das bundas, entregamos a ela e fomos tomar banho de mangueira juntos, pela primeira vez.

O cheirinho do alho frito invadiu a casa toda! Como eu estava feliz! Desobedeci à minha mãe, fiz as coisas que os meninos fazem e não havia desabado um pedaço do céu. Nos sentamos em baixo do pé de castanha, recebemos nossos pratos de farofa de bundas de tanajuras e comemos em silêncio. Foi uma tarde inesquecível e libertadora, eu e meus irmãos, juntos, sendo somente crianças.

E A ESCOLA TÉCNICA CHEGOU...

MARIA ISOLINA DE CASTRO SOARES

Doutora em Letras, professora aposentada do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Espírito Santo campus Colatina e membro da Academia de Letras e Artes de Colatina (ALARC). E-mail: isolinacastro@gmail.com.

Colatina é uma cidade que sempre esteve na vanguarda da educação. Em 1895 foi instalada sua primeira instituição educacional, as Escolas Reunidas de Colatina, no bairro Colatina Velha. Mais tarde, em 1924, essa escola foi transferida para a Praça Municipal e passou a se chamar Grupo Escolar Aristides Freire. A edificação em estilo colonial que abrigou a escola no centro de Colatina foi demolida em 1936 e, em 1938, novo prédio foi inaugurado, onde funciona, até hoje, o velho colégio que deu instrução a tantos colatinenses.

Em 1939, o Ginásio Conde de Linhares trouxe para a cidade o curso ginasial e, logo depois, o ensino de segundo grau e a formação de professores para a educação infantil.

A partir dessas iniciativas pioneiras, outras escolas surgiram, inclusive instituições particulares de ensino superior em diversas

áreas, como Direito, Contabilidade, Letras, História, Geografia, Medicina, Fisioterapia, Enfermagem... Por um convênio firmado entre os governos estadual e federal, de 15 de novembro de 1949, lançou-se o projeto de construção de uma escola de iniciação agrícola no município, na margem esquerda do rio Doce. Surgiu, assim, a Escola de Iniciação Agrícola de Colatina, oficializada em 28 de abril de 1956 e transformada em Escola Agrotécnica Federal de Colatina em 1979.

A cidade, no entanto, sonhava com uma escola federal com ofertas mais abrangentes de cursos, ensino público, gratuito e de qualidade para estudantes que ansiavam por profissionalização na área tecnológica. E esse sonho se realizou. Em um dia inesquecível para os colatinenses, a sonhada escola federal abriu as portas para os jovens de nossa cidade: a Unidade de Ensino Descentralizada (UnED) da Escola Técnica Federal do Espírito Santo, hoje o campus Colatina do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Espírito Santo (Ifes).

A construção da UnED Colatina iniciou-se em dezembro de 1989 e concluiu-se em maio de 1992. A Portaria nº 1531, de 1º de outubro de 1992, do Ministério da Educação e do Desporto, autorizou o seu funcionamento. Em novembro de 1992 foi publicado o edital do primeiro concurso público para contratação de pessoal. A nomeação dos primeiros funcionários ocorreu em 26 de fevereiro de 1993. A cerimônia de inauguração aconteceu no dia 13 de março do mesmo ano e no dia 15 a escola, localizada na Avenida Arino Gomes Leal, 1700, Bairro Santa Margarida, Colatina, ES, entrou em funcionamento, oferecendo à comunidade colatinense os cursos de Edificações e Processamento de Dados, ambos integrados ao Ensino Médio.

A Lei nº 8.948, de 08 de dezembro de 1994, dispôs sobre a

transformação gradativa das Escolas Técnicas Federais em Centros Federais de Educação Tecnológica. Obedecendo a critérios estabelecidos pelo Ministério da Educação e do Desporto e pelo Conselho Nacional de Educação Tecnológica, a Escola Técnica Federal do Espírito Santo passou a ser, a partir de março de 1999, um Centro Federal de Educação Tecnológica (CEFET), assim como suas unidades descentralizadas de ensino.

Com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação, LDB 9.394/1996, as escolas técnicas passaram a oferecer também o Ensino Médio propedêutico.

A Lei nº 11.892, de 29 de dezembro de 2008, instituiu a Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica e criou os Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia. A partir de então, a unidade de Colatina passou a ser um dos campi do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Espírito Santo.

Crescendo com a cidade e com os investimentos em uma educação pública, gratuita e de qualidade, o campus Colatina oferece, neste ano de 2022, cursos técnicos, de graduação e de pós-graduação.

Os cursos técnicos são os de Administração, Edificações, Informática, Informática para Internet, Manutenção e Suporte em Informática, Meio Ambiente e Segurança do Trabalho. Na Graduação, a escola oferece Administração, Arquitetura e Urbanismo e Sistemas de Informação. Na pós-graduação lato sensu, Administração Pública, Conectividade e Tecnologias da Informação, Educação Profissional e Tecnológica, Ensino de Ciências da Natureza, Gestão Pública, Sustentabilidade no Ambiente Construído e Especialização em Docência para a Educação Profissional e Tecnológica.

Em mais um avanço na educação ofertada por Colatina, a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), fundação vinculada ao Ministério da Educação e que atua na expansão e consolidação da pós-graduação stricto sensu em todos os estados brasileiros, autorizou o campus Colatina a ofertar Mestrado Profissional. Essa boa notícia chegou agorinha, no ofício nº 16/2022-CAA II/CAPES, datado de 08 de julho de 2022.

Neste 2022, a centenária cidade tem mais uma vitória a comemorar: a consolidação do Instituto Federal do Espírito Santo campus Colatina na oferta de educação de qualidade, em vários níveis e diferentes modalidades, integrando ensino, pesquisa e extensão e visando a uma sociedade democrática, equânime e promotora da justiça social.

UMA ESTADA INESQUECÍVEL EM COLATINA

MARIA LUIZA MEIRELLES

Colatinense de coração, graduada em Letras pela UFES, mestrado em Letras na UFES e, atualmente, professora de Língua Portuguesa e Literatura Brasileira no Instituto Federal do Espírito Santo – Campus Colatina.

Colatina é a cidade da beleza e da alegria. Era dezembro de 1987, quando lá fomos nós, minha mãe e eu, para a formatura de meu irmão em Direito na FADIC, atualmente a bem-conceituada UNESC.

A cerimônia, muito bem conduzida pelos organizadores do evento, tinha para mim um significado especial: a coroação da vida acadêmica de meu querido irmão. E, após a cerimônia, o momento mais esperado: a festa no tradicionalíssimo clube da ACD. Sentamo-nos à beira da piscina e curtimos cada detalhe. Que ornamentação! Que drinks e quitutes apetitosos! Não nos escapou também o esplendor e a elegância das mulheres colatinenses que adentravam o local. Que luxo! A animação ficou por conta de uma banda que tocava sucessos internacionais e nacionais dos anos 80, como “Another brick in the wall” - Pink Floyd, “Take on me” –

A-Ha, “With or Without you” – U2, “Menina veneno” – Richie, “Lança perfume” – Rita Lee, entre outras músicas de rock and roll que marcaram a década e se fazem presentes ainda hoje em shows aqui e acolá. O momento de maior êxtase aconteceu quando o grupo musical tocou o mais badalado sucesso da década: a música “Thriller”, de Michael Jackson. Nessa hora, quem estava na pista de dança continuou e quem estava sentado levantou-se para se juntar aos dançarinos que imitavam a exótica coreografia criada para a produção musical.

Quando saímos do clube, por volta das 02h00 da manhã, a lua se escondia atrás de uma pesada nuvem que logo molharia as ruas e a nós também. Chegamos à casa de meu irmão encharcados e felizes. No dia seguinte, o sol abriu e sua luz, refletida nas gotas de água deixadas pela chuva caída na madrugada, formou um arco-íris deslumbrante. Saímos pela manhã para visitar o monumento que constitui o cartão postal da cidade – o Cristo Redentor que, do alto de seus 35,5 metros, oferece uma visão magnífica da cidade e, de braços abertos, recepciona os visitantes.

Quando descemos, o sol estava escaldante. Experimentamos, então, o famigerado calor colatinense. Escolhemos para almoçar o requintado restaurante Drink, onde comemos uma inesquecível lagosta, sentados na varanda externa de onde, enquanto saboreávamos o delicioso prato, contemplávamos o rio Doce que, na época, estava cheio e lindo.

Ao retornarmos para Vitória, o sol já estava se pondo e, na saída da cidade, mais uma visão esplêndida se abria no horizonte composto pelo rio e montanhas: era o pôr do sol, avermelhado e brilhante, que deixava o convite para o retorno que se daria após minha aposentadoria, quando fiz da cidade meu refúgio e onde moro até hoje.

UM DIA AZUL E BRANCO

MARTINHO RAASCH JUNIOR

Graduado em Letras, tem três livros publicados e participações nos Escritos de Colatina Vol. 1, na antologia de contos Histórias ao Sol Poente e biografia resumida na obra Colatina: Hoje e Sempre, no Meu Coração, do prof. Olney Braga. É membro da Academia de Letras e Artes de Colatina (ALARC).

A tarde de domingo de 03/06/1990 foi um dia inesquecível para os colatinenses, principalmente para os apreciadores do futebol.

Naquele dia, a Associação Atlética Colatina conquistava o seu primeiro e único título de campeão do Campeonato Capixaba de Futebol da 1ª Divisão.

O jogo decisivo foi contra o Guarapari, na cidade homônima. Os anfitriões precisavam vencer para erguer a taça, ao passo que, aos visitantes, bastava o empate.

Participaram daquele certame dez clubes, que jogaram entre si em turno e retorno, totalizando 18 partidas para cada equipe. Segundo o regulamento, os três primeiros colocados disputariam o título em turno único. Além da AA Colatina e do Guarapari, a

Desportiva Ferroviária também disputaria aquele triangular final.

Ocorreria, no domingo anterior (27 de maio), a abertura da fase decisiva. Atuando em casa, no estádio Justiniano de Mello e Silva, a AA Colatina superou a Desportiva por 1X0, gol no segundo tempo do artilheiro Arildo Ratão.

A estreia do Guarapari aconteceria no meado daquela semana contra a Desportiva, em Cariacica, no estádio Kleber Andrade. Houve empate sem gols, que alçou a AA Colatina à liderança do triangular com dois pontos, haja vista que, naquele tempo, a vitória ainda só valia dois pontos. O resultado deixou a Desportiva fora da disputa da competição.

Com o estádio integralmente lotado, o Guarapari, campeão em 1987, tentaria repetir o feito para alcançar o bicampeonato.

O time colatinense, entretanto, suportou bem a pressão inicial e, aos 31 minutos do primeiro tempo, fez 1X0 com o centroavante Arildo Ratão, jogador com passagens pelo próprio Colatina, Rio Branco (ES) e Cruzeiro (MG), dentre outros times.

Na etapa complementar, aos 43 minutos, a equipe da casa chegaria ao empate com um gol contra do zagueiro Cacau. Mas era demasiado tarde para o Guarapari impedir que AA Colatina erguesse o troféu de Campeão Capixaba pela primeira e única vez.

O título, anteriormente, batera na trave em duas oportunidades, com os vice-campeonatos de 1981 e 1989.

O Colatina, na primeira fase, no primeiro turno, fizera uma excelente campanha, alcançando seis triunfos nos nove jogos disputados. Uma queda brusca de rendimento viria no segundo turno, o que, porém, não seria suficiente para tirar a equipe azul e branca do Triangular Final.

Houve um detalhe nessa conquista que merece relevo. Arildo Ratão, no primeiro duelo do Triangular, contra a Desportiva, não

estava atuando bem, e a solução seria substituí-lo, no segundo tempo, pelo reserva Elias, jogador rápido e habilidoso, que sempre marcava gols quando entrava. O técnico Zuza, todavia, colocou Elias em campo, mas não tirou Arildo. A atitude gerou protestos dos torcedores, que vaiaram o treinador com o corinho de “burro, burro”!

A resposta não poderia ter vindo de forma melhor, haja vista que seria dada pelo próprio Arildo, que, minutos depois, assinalaria o gol daquela magra vitória de 1X0, mas que se tornaria importantíssima para o desfecho do título.

Na maioria dos confrontos, a escalação da AA Colatina foi esta: Sandro, Jacimar, Cacau, Pádua e Wallace; Garrafa, Japonês e Hamilton; Carlos Mantenópolis, Wellington e Arildo Ratão.

Todos os jogos da jornada vitoriosa:

1º TURNO					
01	AA Colatina	2	x	1	Castelo
02	Vitória	0	x	1	AA Colatina
03	AA Colatina	1	x	0	Guarapari
04	AA Colatina	2	x	1	Estrela do Norte
05	Ibiraçu	1	x	0	AA Colatina
06	AA Colatina	1	x	0	Rio Branco
07	Ordem e Progresso	1	x	1	AA Colatina
08	AA Colatina	1	x	1	Desportiva
09	Muniz Freire	1	x	5	AA Colatina

CAMPANHA						
JOGOS	VITÓRIAS	EMPATES	DERROTAS	GOLS PRÓ	GOLS CONTRA	SALDO
09	06	02	01	14	06	08

2º TURNO					
01	Castelo	0	x	2	AA Colatina
02	AA Colatina	1	x	1	Vitória
03	Guarapari	2	x	1	AA Colatina
04	Estrela do Norte	1	x	0	AA Colatina
05	AA Colatina	1	x	1	Ibiraçu
06	Rio Branco	1	x	0	AA Colatina
07	AA Colatina	1	x	1	Ordem e Progresso
08	Desportiva	1	x	0	AA Colatina
09	AA Colatina	1	x	4	Muniz Freire

CAMPANHA						
JOGOS	VITÓRIAS	EMPATES	DERROTAS	GOLS PRÓ	GOLS CONTRA	SALDO
09	01	03	05	07	12	-05

TRIANGULAR FINAL					
01	AA Colatina	1	X	0	Desportiva
02	Guarapari	1	X	1	AA Colatina

CAMPANHA						
JOGOS	VITÓRIAS	EMPATES	DERROTAS	GOLS PRÓ	GOLS CONTRA	SALDO
02	01	01	-	02	01	01

CAMPANHA GERAL						
JOGOS	VITÓRIAS	EMPATES	DERROTAS	GOLS PRÓ	GOLS CONTRA	SALDO
20	08	06	06	23	19	04

AA Colatina foi fundada em 13 de maio de 1978. Disputou, no ano seguinte, o Campeonato Brasileiro da Série A, sendo o único clube do interior do Espírito Santo a conseguir esse feito

até hoje.

Aquele certame reuniu 94 participantes, e a AA Colatina ficou no Grupo B, juntamente com outros nove integrantes. A campanha, porém, seria ruim, terminando em penúltimo lugar, vencendo apenas uma partida (1X0) contra o Criciúma (SC), fora de casa.

O resultado mais expressivo da equipe colatinense, em competições nacionais, ocorreu na Taça de Prata de 1982, quando, em 28 de janeiro, empatou com o Corinthians em 1X1, atuando na capital paulista.

Infelizmente, em 1996, a heroica AA Colatina foi extinta.

Entre os jogadores que mais se destacaram na história do clube, pode-se citar Kinkas, Baiano, Arildo Ratão, Pádua e Edmilson Ratinho, que atuou em tradicionais clubes da Europa, como Porto, Sporting e Paris Saint-Germain.

O ELO ACHADO

MIRTES FAVARATO PERUTTI

*Formada em Letras, Inglês e Português (FAFIC)
e Pós-Graduada em Planejamento Educacional (A.S.O.E.C.).*

E como de praxe, nos finais de semana, Johnny chegava à casa tarde - costumava frequentar os bailes do Clube Recreativo e para isso usava o terninho preto, brilhantina Glostora nos cabelos... Depois ia para o Big Bar, na avenida Getúlio Vargas, a principal da cidade natal, Colatina, junto dos amigos, onde bebiam chope, comiam petiscos e também saboreavam o famoso risoto, que era a especialidade da casa.

Johnny era o rei das serenatas; gostava de dedilhar no violão as músicas românticas da época, como: “Al di lá”, “Moon River”, “A casa D’Irene”, “Gatinha Manhosa” e outras. As garotas suspiravam e também preparavam as “batidas” para os rapazes – tudo era festa.

Mais de uma vez, após ingerirem bebidas, tentavam se equilibrar nos dormentes dos trilhos de trens que passavam no centro da cidade. Quando ouviam uma buzina forte, um deles

gritava:

– Olhem o trem!

Logo saíam cambaleantes dos trilhos para a rua de paralelepípedos. E enquanto a gigante cobra mecânica passava fazendo aquele estriduloso ruído, os rapazes gritavam bem alto como se estivessem libertando todos os sofrimentos e amarguras sufocados dentro do peito. Depois se abraçavam e gargalhavam. E foi em uma dessas noites que Johnny esqueceu o violão encostado no meio-fio.

Na madrugada do outro dia, o comércio fechado, ainda um pouco escuro, Adriano, um jovem funcionário de uma confecção, viu o instrumento, pegou-o, olhou à sua volta, e levou-o consigo.

E no bairro Vila Nova, exasperada estava Rose, pois o filho não conseguia nem abrir os olhos.

– Vamos, levante-se, Johnny! É a sua segunda semana de trabalho... Não me diga que já quer faltar! – De repente, ela o viu andando rápido para o banheiro, se ajoelhando em frente ao vaso sanitário a vomitar. Irritada, questionou:

– Que vida está semeando? Vamos, vá tomar um banho! Diga-me, onde está o seu violão?

O rapaz levantou a cabeça, ficou de súbito preocupado – não lembrava onde o teria colocado. Coçou a cabeça, na tentativa de recordar o que havia acontecido na noite anterior. Saiu, nauseado, em direção ao bar e perguntou a alguns comerciantes próximos se por acaso o tinham encontrado. Ninguém sabia nada. Com isso, já esperava pelos sermões que a mãe lhe faria.

À noite, Adriano, no bairro Perpétuo Socorro, no conforto do lar, tomou banho, vestiu-se, jantou e pegou o violão, tentando ensaiar algumas notas. Estava tão interessado... Possuía uma voz bonita. E sem técnica, notou que tinha habilidade com as cordas

do pinho. Parou um pouco e disse para o pai:

– Logo que tiver uma folga, vou perguntar aos donos das lojas lá do centro se eles sabem se alguém reclamou por este instrumento. Enquanto estiver aqui, não vou perder tempo, vou estudar e me esforçar para aprender música...

Pediu ajuda a um amigo, Luís, da comunidade, e as aulas aconteciam depois do trabalho, de vento em popa.

– Você é um fenômeno! – dizia Luís. – Como aprender tanto em tão pouco tempo... Caramba!

Tal como falou para o pai, Adriano, quando teve a possibilidade, deixou seu nome e endereço para os comerciantes entregarem ao dono do violão, caso o vissem outra vez, pois soubera por eles que alguém já estava à procura.

Agora, ele estava reunindo as famílias vizinhas para os saraus e, claro, estas acompanhavam sem dificuldade o talentoso violonista. Entoavam músicas antigas, religiosas, marchinhas... O rádio perdeu o encanto perto daqueles encontros deleitosos.

Certa manhã, Johnny estava passando cabisbaixo pela Avenida Getúlio Vargas, quando alguém o chamou:

– Ei, você! Não é o rapaz que perdeu o violão?

– Eu mesmo...

– Tenho aqui o nome e endereço da pessoa que o achou.

– Nossa! É um milagre, obrigado!

Naquela mesma noite, ansioso, foi ele em busca do seu “tesouro” – já não ia para os bares com os amigos, pois sem música não tinha graça. Achou a rua e foi seguindo adiante, quando ouviu um som conhecido de violão e suaves vozes. Estavam cantando “Tão Grande És Tu”. Johnny estremeceu, aproximou-se mais e viu um rapaz tocando afoito, sorrindo. Sentiu ali uma atmosfera sui generis. Estava inebriado por aquela paz, quando alguém bateu-lhe

de leve no ombro, dizendo:

– Está procurando alguém? – Era Luís.

– Sim! – Respondeu assustado. – Um rapaz chamado Adriano...

– É aquele ali que está tocando.

– Nossa, ele é bom...

– É incrível, nunca havia nem segurado um instrumento.

Ensinei-lhe o pouco que sabia nestes últimos dias e agora pode até fazer shows... Com licença, vou me juntar a eles.

Johnny ficou impressionado com tudo o que estava vendo. Todos estavam felizes e até as crianças se entusiasmavam. O violão era um elo perdido que as pessoas daquele lugar resgataram. Johnny jamais iria tirá-lo dali. Permaneceu mais um pouco, deu meia-volta e retornou à casa. A mãe o recebeu perguntando:

– Estou curiosa, e então, meu filho?

– Bem, vou trabalhar duro para comprar outro violão; e tem mais, este dia foi inesquecível! Mãe, pode esperar o melhor de mim daqui para frente.

COLATINA NASCEU NA PRAIA. E JÁ TEVE PRAIA

NILO JOSÉ REZENDE TARDIN

*Jornalista Profissional. Chefe de Reportagem do
Diário Digital Capixaba – DDC – News.
66 Anos. Formado em Comunicação Social pela Ufes em 1982.*

Está explicado o fascínio que o colatinense tem pela secular Nova Almeida, distrito histórico da orla do município da Serra, no litoral norte do Espírito Santo.

Colatina nasceu na praia. A lei que criou a Vila de Linhares na inexplorada área onde está situada hoje a icônica Colatina, foi promulgada a 22 de agosto de 1833, na Igreja dos Reis Magos, no balneário de Nova Almeida.

De arquitetura primorosa, a Igreja dos Reis Magos na Velha Nova Almeida abrigava a Câmara e Cadeia na Era Imperial. Foi inaugurada em 1580.

Depois de empossada perante a Câmara dos Reis Magos, era realizada a sua primeira sessão. Daí o início da vida político-

administrativa de Linhares. Abrangia o município todo o Rio Doce, de Guandu a Regência, relata o advogado Xenócrates Calmon, no artigo “O Centenário de Colatina”.

Por isso, 22 de agosto é um dia inesquecível para Colatina. Também justifica por que Colatina e Linhares celebram a Festa da Cidade na mesma data.

O artigo dele foi publicado no Boletim Número 7 do Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo (IHGES), de 1933. Comprova que Colatina nasceu na praia. E já foi banhada pelo mar. Xenócrates Calmon D’Águiar esteve à frente da política colatinense de 1914 a 1939.

Pela lei 1.037, publicada em 30 de dezembro de 1921, a Vila de Linhares passou a se chamar Colatina; ou seja, Linhares foi extinto e, até a recriação de Linhares em 31 de dezembro de 1943, Colatina nadou de braçada à beira-mar durante 22 anos.

As sete esplendorosas praias linharenses eram nossas: Regência, Urussuquara, Pontal do Ipiranga, Barra Seca, Degredo, Povoação, Cacimbas e Monsarás.

O prefeito da época, Paulo Teixeira Leite de Vasconcelos (1943 a 1945), pelo visto deixou de lado ou não quis mexer no caso de salvar uma saída para o mar. Mas o troco foi dado. Os colatinenses invadiram Nova Almeida.

O quiprocó entre Linhares e Colatina era antigo. Em 1906, o coronel Alexandre Calmon, o Xandoca, mudou na marra a sede de Linhares para Colatina.

É que Colatina avançava a passo gigantesco com a chegada da estrada de ferro. A galera do legislativo, judiciário e executivo veio junto como pôde. De navio, tropa de burro ou a pé pela mata.

O crescimento foi tão expressivo que, no início do Século

20, a administração, sob a competência de Linhares, passou de vez para Colatina. Foi uma época marcada por conspirações, lutas e revoltas pelo domínio político de ¼ do território capixaba.

O colatinense Fernando Achiamé também confirma que uma sessão solene na Câmara dos Reis Magos, em Nova Almeida, bateu o martelo para criar o território de Linhares em 1833.

Doutor em História, Achiamé revela que nos últimos 100 anos, os fatores essenciais no crescimento de Colatina foram a madeira, farta naquela imensidão verde, a navegação do rio Doce, a estrada de ferro e o café.

Em 1933, Colatina parou para celebrar o centenário de criação do município na presença das mais altas autoridades civis, militares e eclesiásticas. O então prefeito Ademar Távora (1933 a 1934) fez um festão para comemorar a fundação da Princesa do Norte. No discurso de abertura dos festejos na Praça 22 de Agosto, Távora recordou o esforço do desbravamento do território de Colatina.

“Vencendo corredeiras impetuosas, rompendo a mata densa onde a morte por toda parte os espreitava, enfrentando a ferocidade dos índios, lutando contra doenças insidiosas, eles nos deram um exemplo de abnegação e de coragem que mal poderá ser compreendido pelo espírito utilitário de nossa época. A História esqueceu-lhes os nomes, mas a obra que deixaram aí está desafiando a ação do tempo”. O discurso foi registrado pelo jornal Diário da Manhã de 28 de agosto de 1833, edição 2.392.

Hoje, um gramado espremido na confluência das avenidas Getúlio Vargas e Ângelo Giuberti foi batizado de Ademar Nascimento Fernandes Távora, em homenagem ao 5º prefeito de Colatina.

Os quartéis militares erguidos às margens do rio Doce são

mencionados como as primeiras ocupações da região de Colatina. Os núcleos soldadescos eram pontos de moradia, provisões de alimentos e abrigo contra os ferozes botocudos.

A saga dos militares na defesa contra o tráfico de ouro e proteção dos imigrantes no desbravamento do Rio Doce foi esmiuçada no trabalho de pós-graduação em história de Francieli Aparecida Marinato, em 2007, na Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes). Em todo o estudo ficou muito claro que o indígena não deixou de guerrear, sendo dizimado pela superioridade do armamento.

O Quartel de Anadia ficava instalado nas imediações do atual bairro de Maria Ortiz. Pelo registro, deve ter durado de 1800 a 1840.

O médico e historiador colatinense José Luiz Pizzol revela que as ruínas do Quartel de Anadia, em Colatina, foram registradas por Nicolau Rodrigues França Leite ao subir o Rio Doce num navio a vela com 48 colonos, em 1857.

“Havia apenas destroços, algumas plantações assim que passou de barco para fundar a colônia de Francilvância, que fracassou devido a doenças e ataques dos botocudos”, afirmou Pizzol.

O DIA EM QUE A GUERRA ACABOU

OLNEY BRAGA

Da Academia de Letras e Artes de Colatina – ALARC e do Instituto Histórico e Geográfico ES – IHGES. Bancário aposentado e ex-professor; quatro livros publicados. Formado em Direito, Letras (Português / Inglês / Francês) e Administração; especialista em Língua Portuguesa; mestre em Engenharia de Produção.

A Segunda Guerra Mundial nos trouxe de presente o bairro Esplanada e o Hospital Sílvio Avidos, graças à exigência dos americanos à Vale do Rio Doce, para que fossem encurtadas as distâncias da linha férrea, uma estrada cheia de sinuosidade, o que também ocorria dentro da própria cidade, tendo em vista o então caudaloso Santa Maria do Doce, que inundava parte de Vila Nova e todo o espaço onde hoje se encontra o bairro Esplanada, provocando o desvio da linha. O trem saía da estação, no centro da cidade, e, ainda na Getúlio Vargas, bem abaixo da Catedral, costeando as últimas casas da Rua Santa Maria, subia vertiginosamente até a Rua Bartouvino Costa, seguindo dali o seu destino. Houve, pois, necessidade premente de aterrjá-lo, pois tinham os americanos grande necessidade do nosso minério. Da mesma forma, o famoso

Morro das Cabritas, que era circundado pelo Santa Maria, deveria ser desmoronado. Ali surgiu o hospital, construído pelo Estado e inaugurado em setembro de 1949, pelo então presidente Eurico Gaspar Dutra.

Por outro lado, sabe-se que o comércio internacional foi responsável pela escassez de produtos, mas a razão principal dessa escassez residiu no bombardeamento de 34 navios brasileiros, por parte dos alemães, em águas nacionais, navios que transportavam os mais diversos produtos, inclusive gêneros alimentícios, para todo o país. A farinha de trigo e seus derivados, leite e seus derivados, além das carnes, foram produtos com uma alta absurda de preços, ocasionando filas intermináveis, pois, de repente, estariam em falta.

Meu pai era funcionário municipal, mais precisamente tesoureiro da Prefeitura, quando do seu falecimento (05-06-37), ocasião em que eu tinha tão somente cinco meses e cinco dias. Por aqueles tempos, as viúvas não recebiam qualquer pensão por ocasião da morte do chefe da casa. Esse problema só foi resolvido em 1982, graças ao projeto do vereador Luiz Antônio Polese.

A família ficaria ao deus-dará, se não tivesse estrutura suficiente para suportar a falta de tudo. A minha era determinada: minha pranteada mãe, trabalhando diuturnamente nos bordados para fora e na produção de geleia de mocotó, e minha irmã, com apenas 8 anos de idade, vendendo, de porta em porta, esse produto. Aos 14 anos, minha querida e hoje saudosa irmã era considerada a melhor datilógrafa da cidade. Trabalhar num Cartório e depois ser contratada por uma agência bancária foram passos rápidos em meio a tantos transtornos. Dessa forma, como ela nos ajudou! E eu, aquele pingote de gente, nas filas do terror e do medo, implantadas pela guerra.

É evidente que os aspectos altamente negativos da guerra foram sentidos por todos. Um deles foi a prisão de imigrantes italianos, alemães e japoneses, pelo simples fato de eles serem naturais dos países adversários no conflito. Coisas provocadas por uma ditadura inconsequente. Há ditadura que não seja inconsequente? Das filas intermináveis, eu nunca me esqueço. Eu sempre estive nelas.

Melhor que o conflito terminasse logo.

No dia 08 de maio de 1945, descia eu o meu bairro Santa Cecília, quando ouvi um contínuo e surpreendente espocar de fogos. Estava me encaminhando para o meu querido Aristides Freire. À proporção que caminhava em direção à escola, os foguetes continuavam de modo ensurdecedor, e a gritaria das pessoas não me deixava entender o que se passava. Quando lá cheguei, era só festa. Não houve aulas. Quando os foguetes pararam de espocar, houve um momento solene, com cantos, discursos e declamações.

Lembro-me de que as professoras puseram-me em cima de uma mesa, onde, com a minha voz fina e aguda, cantei a música “Terra Virgem”, do grande tenor e compositor brasileiro Vicente Celestino, uma linda canção que falava das belezas do nosso país. Vai aí o trecho final desse verdadeiro hino ao Brasil: “Oh, meu Brasil, quando contemplo o teu passado, sinto em minh’alma a ressonância de um clarim, que descortino do teu povo, deslumbrado, porque não vejo outro país tão grande assim. Berço de heróis, terra de luz e de bondade, a natureza é um hino verde em teu louvor, noutra nação não há tanta liberdade, tanta fartura, tanta paz e tanto amor!”

É bom esclarecer que existem duas datas comemorativas do término da Segunda Guerra Mundial: a celebrada pelos países aliados (08-05-1945) e a oficial (02-09-1945).

A nossa comemoração foi, pois, antecipada, e que

comemoração! Como nos divertimos e nos emocionamos naquele 08 de maio! Um dia realmente emocionante e inesquecível em Colatina!

...ANIVERSÁRIO POÉTICO...

ORMANDO MARIM NETO

Ormando “zhiOmn” Marim Neto nasceu em Colatina (ES), no ano de 1990.

É poeta, designer, editor e gosta de dançar. Autor das obras “Entre Pontas e Portais”, “Entre Mundos e Visões”, “Entre Mortes e Passagens” e “Entre Ventos e Elementos”. Fundou e conduz a Entre Editora.

...nesta vida, até agora, não fui muito de comemorar meus aniversários... apesar de adorar lembrar de aniversários de nascimentos e mortes de artistas que admiro, a minha própria data de nascimento era comemorada com uma certa timidez... ~.~

...até que, em 2022, aconteceram duas (ou mais) coisas legais... :) ...meu nivercaiu numa sexta-feira (que não era 13, porque nasci no dia 20) ... e nesse dia teve um Quintal Poético especial na Biblioteca Pública de Colatina... com presença de poetas e slammers que vieram do Rio de Janeiro, de São Paulo e de Minas Gerais para participar da segunda edição do Slam da Princesa (que foi ótima e eu também participei)... ~.~

...na biblioteca, cada poeta recitou um poema que havia escrito... até mesmo a anfitriã do Quintal, Rosiane, escreveu

versos próprios e leu-os para nós na abertura do evento... ~.~

...gostei muito de ouvir também poemas sobre amor... as poesias dos Slamstrazem questionamentos e protestos... contra desigualdades, preconceitos, coisas erradas... isso é muito bom... porque essas coisas precisam mesmo mudar... ao mesmo tempo, o amor no coração fortalece a coragem pra mudança... eu acho... ~.~

...foi divertido conhecer o “Credo”, com aquela energia única... ~.~

...emocionante ouvir as Minas... ~.~

...aprender com as vivências e as artes das pessoas... ~.~

...a poeta Gênesis e seu poema me inspiraram... ~.~

...no outro dia, no Slam, conversamos mais... ~.~

...escrevi uma poesia inspirada nela na semana seguinte ao evento... ~.~

“GenElipse”

...o início...

...cabelo, pele, pano

tranças, marrom, amarelo...

...ouço seu poema na biblioteca

acerta a flecha com palavra aberta...

...quando não temos nada

escrever ainda resta

e resiste...

...o fim...

...não teve...

...saí sem me despedir
queria te dar meu livro
mas fui levar meu filho
quando voltei todos tinham ido...

...os meios...
...são tudo, e
neles quero
entrar e estar
viver e passar...

...”Marte em Peixes deve ser uma loucura”...
...são várias...
...como as emoções
e devires
multiplicidades...

...não binariedade
pansexualidade
liberdades!
individuais
e coletivas!...

...a voz solta
das bocas

das minas!...

...corpos fluindo
no cosmo infinito
luz do sorriso
na “boca abismo”
eu vou e voo
na onda lírica
do verso e do avesso
chegada e partida...
(zhiOmn, maio de 2022)

...na sexta 20, quando fiz 32 voltas ao redor do sol, cantaram
“Parabéns pra você” para mim na biblioteca... ~.~
...dancei e bati palmas... ~.~
...foi divertido... ~.~
...li meu poema “Imanifesto”, do livro “Entre Ventos e
Elementos”...

“Imanifesto”
...não faço manifestos,
faço imanifestos...

...entre linhas e palavras
surgem assim versos...

...inventando relações
encontros de sinais...
...dizendo para quem
de me ler for capaz...

...primeiro é ao caderno
que a tinta conta texto...
...e meus olhos boquiabertos
leem enquanto surge
pensamento por escrito...
(zhiOmn, sem data)

...e cantei “TroVoador”, que escrevi inspirada no amigo
músico (e muso) André Prando... ~.~

“TroVoador”

...trovador
nesta canção que foi feita com calçada
de pés descalços que é para não perder nada
dançando além da terra, no espaço a voar...
...sem dó
diz para o sol que a estrela à noite vai brilhar
espalha rimas e melodias no ar
dobra linguagem e solta tom atemporal...

...queima os olhos dos pudores

faz da tua luz tua guia e teu compasso
voa no cosmos que é estar na consciência
sem começo nem fim...

(zhiOmn, agosto de 2018)

...e ainda vendi uma cópia do livro-zine pra Rosiane... o
que garantiu algumas doses de Gengibre (com Cachaça e Leite
Condensado) lá no bar perto do rio Doce... ~.~

...Adilson Vilaça caminhou comigo e com as duas amigas até
o bar, e lá conversamos... sorrimos e cantei... ele não se demorou,
pois já é jovem há mais tempo... risos... ~.~

...acompanhando ele até a sua morada (que fica em frente
à praça perto da ponte de ferro) cantei “Ode Gauche” (uma
letra inspirada no Juliano Gauche, que Adilson conheceu em
Ecoporanga, Espírito Santo)... ~.~

“Ode Gauche”

...ele já é gauche
antes de ser Juliano
através da forma-téria
pelo espaço além do éter do vazio...

...caminhante das madrugadas da vida
que tempo pode medir-lhe torto?...

...feito a natureza,
diverso múltiplo e aberto à criação...

...ele vê Deus no mundo
e vê isso melhor
do que aqueles que gritam
fé e paranoia...

...seu silêncio é denso
quando deixa o ar falar
flutuando entre ideias
corpos de carne e de som...

...a vista que também
surge de dentro faz
da luz deleite
e num prisma multiplica
raios, cores, sensações...
(zhiOmn, julho de 2018)

...no bar perto do rio (que foi onde alguns meses antes
conheci o Adilson e a Rosiane, dançando e cantando em um show
do Edinho Castro) encontrei meu amigo Catito, outro ser que me
inspirou a escrever versos e cantar...

“Iririu Catito”

...pra fazer o brilho mesmo
deixar a arte acontecer
vamos chamar o Catito

ou ir lá ele ver...

...o Catito faz o verde
e também dá gargalhada
ele surfa pelo rio
e é nosso camarada...

...iririu Catito!
essa canção eu te dedico...

...cantar no cais
dançar na praça
essa é a vida inspirada...

...iririu Catito!
essa canção eu te dedico...
(zhiOmn, março de 2022)

...foi um aniversário poético... e senti alegria de comemorar
o dia do meu nascimento acompanhado de artistas e da arte... :)
...iririu!...

O CASTELO DE BARRO

PATRICIA FERREIRA

*Graduada em Letras e pós-graduada em Planejamento Educacional e Supervisão Escolar. Professora e pedagoga. “Meu pai me encantou com suas histórias, e meus professores prolongaram esse encanto me incentivando a ler”.
Acredita que a leitura transforma o pensamento das pessoas.*

Há um trecho do poema “Infância”, de Drummond, que diz assim: “...E eu não sabia que minha história/ era mais bonita que a de Robson Crusóé”. Sobre a minha história, talvez eu não diga que seja mais bonita, mas tanto quanto as de Crusóé e Drummond juntas.

Há um bairro em Colatina chamado São Braz, que fica localizado na margem esquerda do rio Doce. Recebeu esse nome em homenagem ao santo protetor das gargantas. Um lugar pequeno, dividido entre parte baixa e parte alta, de uma rua principal, um beco e duas ruas laterais que dão acesso ao morro. Um bairro pacato, de gente muito boa e hospitaleira. Esse lugar abrigou a minha infância! Quantos momentos intensos vividos ali! Momentos de felicidade e de tristeza também. Mas os de felicidade

superam em quantidade e qualidade.

Por muito tempo, funcionou ali no bairro São Braz, a todo vapor, a imponente Cerâmica Santo Antônio. Todos os dias era um ir e vir de caminhões, transportando montanhas de terra vermelha, que depois de processada com água numa máquina gigante, transformava-se em barro, que, por sua vez, era transportado para outra máquina e lá se moldava em tijolos ou lajotas. Pra nós, capixabas, lajota é o termo mais usado. E eu acompanhava tudo da minha janela. Talvez tudo seja um exagero da minha parte, pois a cerâmica ou olaria, como muitos a chamavam, era muito grande e ficava numa várzea. Mas eu a conhecia profundamente.

Quando as lajotas saíam da máquina, rolando numa esteira gigante, começava o trabalho formigueiro. Vários funcionários tiravam essas lajotas da esteira, colocavam-nas com agilidade e cuidado em carrinhos de aço de duas rodas, pois toda essa lajota estava fresca e mole e precisava secar ao sol. E toda essa lajota era empilhada em fileiras a perder de vista. E ali ficavam dias. Depois eram transportadas para o grande forno para ser queimadas. Isso mesmo! Porque lajota boa é lajota queimada no ponto certo. O grande forno parecia um fogão a lenha. Era alimentado com grandes toras de madeira e serragem. As labaredas de fogo ardiam e iam queimando tudo. Mesmo sabendo que aquela fumaça e poeira eram prejudiciais à saúde e que mais tarde eu sofreria de um problema respiratório gravíssimo, aquilo tinha um espetáculo particular: a cerâmica ficava iluminada e quentinha. E ficava apreciando aquela cena com tanta admiração, que aquelas lajotas pareciam biscoitinhos dentro de uma assadeira. Após a queima, as lajotas eram empilhadas em caminhões, transportadas e vendidas para a capital do estado.

O dono da olaria oferecia moradia para os funcionários. E

o meu avô era um deles. Um funcionário diferenciado, pois era o guardião daquele imenso forno e, diferentemente dos outros, morava dentro da cerâmica com minha avó, meus tios e meu primo, numa casa simples, cujo quintal tinha como vizinho o rio Doce. Naquela época, o rio tinha águas profundas e impunha medo e respeito.

Para visitar meus avós, eu e meus pais precisávamos passar por dentro da cerâmica e já tínhamos a autorização do dono. Quando passava portão adentro, ia sendo tomada por uma emoção tão minha, que eu me transportava para outro lugar. Diante do grande forno, eu me via diante de um castelo majestoso. Olhava aqueles carrinhos tipo plataforma, popularmente apelidados por nós de lambretas, e imaginava lindas carruagens.

Daí surgiu a ideia de eu viver um dia de princesa. Mas não poderia vivê-lo sozinha. Convidei meu primo mais novo e juntos, com a permissão de nosso avô, começamos a brincadeira. Pegamos as lajotas que ainda não tinham sido levadas ao forno, mas já estavam secas e firmes e iniciamos a construção da nossa casa, ou melhor, do nosso castelo. Aos poucos, os tijolos iam se ajuntando e uma cama surgia. Depois, mais algumas lajotas e o sofá e a estante da sala já tomavam forma. Banheiro também tinha, mesmo não sendo utilizado. Ah, não podia faltar a grande mesa com as cadeiras, lugar dos nossos lanches favoritos: pão doce e bolinhos de chuva feitos pela vovó, café com leite e, de sobremesa, mangas deliciosas, colhidas diretamente das duas lindas mangueiras que havia no quintal. Nossos talheres e todos os enfeites eram nossos brinquedos (pratinhos, colherinhas, xícaras, bonecas, carrinhos...). A lambreta foi enfeitada com um lençol velho e florzinha do mato. Afinal de contas, era a nossa carruagem. Quanta criatividade!

Quando tudo ficou pronto, coloquei na cabeça uma coroa

de flores feita por mim e dei uma volta de “carruagem” pelo “meu reino”, tendo meu primo como cocheiro. Isso tudo com muito respeito, pois éramos muito amigos e somos até hoje. E esse dia, além de inesquecível, foi emocionante e encantador!

E em algum lugar da terra do sol poente existe e vive uma mulher que, quando menina, viveu um dia de princesa em seu castelo de barro.

A QUEDA

RAMON LINHALIS GUIMARÃES

Graduado em Direito pela UFES, pós-graduado em Comunicação Jurídica pelo CERS. Graduando em Letras pelo IFES. Atualmente ocupa cargo público no Ministério Público de Contas (MPC/ES). Pai do pequeno Dom e marido da senhora Caroline Linhalis.

Desenhava-se um entardecer lindo e bucólico, com um pôr do sol alaranjado, típico da primavera de Colatina. Parecia a oportunidade perfeita para a realização de exercícios físicos ao ar livre. Quando se olhava no horizonte, via-se um espetáculo de luz e cores, com destaque para cada contorno da paisagem. Diante dessa dádiva da Mãe Natureza, tomei coragem: calcei meu tênis; coloquei minha roupa; configurei meus acessórios eletrônicos e, entorpecido pela música de “2Pac”, que me alienava de tudo ao meu redor, fui correr no calçadão da Avenida Beira-Rio, em busca de algo que eu nem sei dizer.

Chegando à primeira metade do caminho, desenhou-se um incidente que eu não pude ignorar – ao menos depois de me autoconsumir, eu não pude ignorar. Exatamente embaixo da ponte Florentino Avidos, um jovem negro se aproximou cambaleante

pela ciclovia. Parecia debilitado, enfraquecido, mas nem sequer ousou pedir ajuda. No momento em que nos cruzamos, como um equipamento programado para desligar a determinado sinal, ele perdeu suas forças e caiu, simplesmente caiu; seu corpo estirado passou a cruzar as duas faixas, limitando o trânsito de bicicletas.

Ao ver aquilo de relance, permaneci inexorável e, frio como o metal, continuei correndo, ignorando a gravidade da situação, que parecia me convocar à ação. Meus passos seguintes foram deploráveis, eu sei - nem precisa dizer -, eu senti na pele o efeito da minha omissão, porém a vergonha interior não me impediu de continuar a fugir daquilo.

Lembrei-me, automaticamente, de George Perry Floyd e Genivaldo de Jesus Santos, dois negros inocentes que, em público, rodeados por cidadãos, inutilmente suplicaram por ajuda antes de serem asfixiados por policiais. Isso apenas fez aumentar minha dor interior; mas nada me fazia voltar, faltava-me o ar da decência.

Além disso, rememorei a crônica Cadáver no Salão, escrita por Júlio Pompeu; entretanto, continuei correndo, esquivando-me, com a visão “antolhada”, tal qual o freguês (personagem da história) que, durante o café da manhã, não se constrangeu com a presença do cadáver de um pedinte estendido no chão da padaria.

Inflexível, cumpri o percurso de ida, mas... agora eu precisava retornar à minha casa e, para isso, estava destinado ao mesmo caminho de volta, estava fadado a passar pelo local em que ocorrera a queda. É claro que eu poderia utilizar outro trajeto, no entanto não me sentia apto a tamanha covardia.

Quando virei meu corpo branco no sentido do poente, desejei que alguém, diferentemente de mim, já houvesse exibido decência e ajudado aquele ser humano, ou que, por um motivo qualquer, o corpo não estivesse mais ali.

Durante a volta, continuei remoendo aquela situação e defini, mentalmente, que, se aquele corpo negro ainda se encontrasse na ciclovia, atravessado, eu socorreria, eu assumiria a responsabilidade que pouco antes me fora outorgada.

Chegando perto da Estação Rodoviária Alderico Tedoldi, a uns trinta metros de distância do sucedido, foi possível enxergar o rapaz estirado no chão, ainda imóvel, ainda abandonado, ainda desamparado, ainda desassistido, ainda desvalido, ainda esquecido, feito um saco de lixo. As pessoas que transitavam pelo local, do mesmo modo como eu fizera, apenas olhavam e passavam, mais com curiosidade do que com compaixão. Deveras, ninguém ousava parar e ajudar. Os ciclistas, por seu lado, desviavam como se existisse um tronco, um empecilho no meio do caminho, com indignação. Alguns mais imprudentes se arriscavam a passar no pequeno espaço existente entre a cabeça do sujeito e o meio-fio. Era como se aquele inconveniente obstáculo precisasse ser removido para possibilitar o fluxo. Manter o tráfego de bicicletas parecia ser mais importante que a vida.

Por um momento, não foi possível enxergar humanidade, tudo parecia sombrio.

Chegando ao local, confesso que ainda hesitei, andando adiante uns dez metros, mas a luta que se estabelecera internamente em mim foi tão grande que não aguentei; para minha felicidade, meu lado humano venceu.

Eu o vi caindo; minha humanidade também caiu com ele; não poderia o deixar caído. Então, com sobriedade recobrada, saquei o telefone e liguei para o 192 (SAMU).

Após alguns minutos com a chamada em espera, uma médica me atendeu. Ela solicitou detalhes do ocorrido. Logo em seguida, o socorro chegou.

O surgimento da equipe de socorristas alvoroçou a curiosidade dos transeuntes e, tal como abutres sobre a carcaça, formou-se um círculo de indagadores desejando um pedaço de informação. De forma diligente, o jovem negro foi imobilizado e levado ao hospital. A multidão de espectadores se dispersou.

Quando tudo acabou, já era noite, estava escuro, não havia espetáculo algum na terra ou no céu; contudo, dentro de mim, o mundo ardia e faiscava luz.

FUNDAMENTAL É SER FELIZ

RENATA APARECIDA DOS SANTOS

Renata Santos é integrante da ALARC – Academia de Letras e Artes de Colatina. Em 2022, lançou o livro “No meu lugar – crônicas de uma cidade centenária”, pela Ed. Maré, em homenagem aos cem anos da cidade de Colatina. Atualmente, escreve no Ig: @renatasantosescritora

Deixei o meu primeiro namorado porque, mesmo depois de longos anos de relacionamento, ele ainda não queria se casar comigo. Deixei o meu último namorado porque, poucos meses depois de nos conhecermos, ele me pediu em casamento. Difícil de entender? Pode ser. Mas explicações razoáveis existem para as coisas exatas, como eu aprendi arduamente nas aulas de matemática e física. Coração é poesia. O mínimo que se pode fazer é tecer perguntas e mais perguntas sobre aquele texto que se esvai pelo ar, feito música. E, por mais que tente, você não o aprisiona nem em teoria, nem em tabela comparativa, nem em certeza nenhuma. Coração é pergunta. Amor é pergunta. Será que agora vai dar certo? Mas o que é “dar certo”? Casar e ter responsabilidades; viver as delícias de um namoro ardente; guardar as lembranças

boas de amores passados; ou sustentar a interminável busca pelo amor perfeito? Onde é que estão escritas essas definições? Nunca as encontrei em nenhum livro de poesias.

Poesias. O ar estava cheio de poesias naquela noite de domingo. A voz era um carinho, era como se elevasse nossos pés do chão calçado com pedras coloridas. O violão parecia muitos, tanto som, tanta beleza. Eu sonhava acordada, de pé, na praça, os olhos no palco, cantava com Geraldo Azevedo. Eu via as rimas como estrelas cadentes sobre os nossos sorrisos. Todos extasiados! Tão bonito! Festival de música na pracinha, banquinhos de madeira, as pessoas sentadas, crianças, adultos, os pés de manga, e as goiabeiras. A música. Linda. Suave. Terna. Meu coração apaixonado não queria a métrica, nem a forma, nem os arranjos. Só queria a liberdade de escorregar no ar pelas ondas sonoras. Música é poesia que aprendeu a voar.

Amar exige aprendizado. Como aquele casal, no balcão do órgão público, regularizando a situação dos documentos. Entre risos e abraços explicavam para a funcionária que iriam novamente adotar os sobrenomes um do outro. É que nos separamos, nos divorciamos e agora nos casamos novamente! Tudo devidamente registrado. Mas os sorrisos dos dois tornavam a papelada leve.

Deixei o meu último namorado porque ele queria se casar cedo demais. Existe hora certa? Oh, Deus, o que é certo nesta vida? Parei de me perguntar e descobri um brotinho de saudade no peito, que logo cresceria mais. Pensando bem, será que não poderíamos tentar de novo? Mais devagar, agora. Deixa tudo ser mais leve. Vamos, meu amor, vamos para a praça. Vamos ver os rostos conhecidos há anos. Vamos cantar no centro da cidade, debaixo dos pés de manga e das estrelas. Vamos inventar outra cidade dentro da noite. A cidade dos que sonham enquanto cantam, dos que se

elevam, dos que veem poesias colorir o ar. A cidade dos que têm de aprender a amar sem ler manuais de instrução. Vem, deixa eu me encantar pela mesma cidade que vejo todos os dias, quente e tumultuada. E linda. Deixa eu me encantar, de novo, por nós dois. Vamos cantar abraçados. Nossos amigos também vieram. Deixa tudo ser mais leve agora. E ainda mais bonito. Como o poético violão na noite de domingo. E como as vozes todas que cantavam juntas. “O princípio do prazer. Sonho que o tempo não desfaz.”

PRA QUEM AMA

RENATO SABAINI

Músico vencedor de festivais municipais de Colatina, um festival da Vale e finalista por diversas vezes no Festival Nacional de Música de Colatina e de outras cidades. Nascido em Colatina, tem diversas músicas autorais nas principais plataformas, apresentando-se em restaurantes no estado há 30 anos.

Em cada esquina, cada praça

Em cada canto da cidade

Em cada morro e nas vielas

E até na incorporalidade

E do mais alto ao mais rasteiro

Em cada esforço de ternura

Em cada flor, cada canteiro

Em cada esboço de cultura

Em todo olhar, em todo canto

Em todo o caminho trilhado
Num bom sorriso ou, sim, no pranto
Há um olhar maravilhado

Que me diz muito no silêncio
E na mudez que desatina:
Todo dia é, para quem ama,
Inesquecível em Colatina

CRISTO REDENTOR

RITA DE CASSIA DOS SANTOS MENEZES

Mestre em Linguística, UFES. Membro da ACLAPTCTC – Academia de Letras e Artes Poetas e Trovadores do ES. Participação em Antologias no estado e nacional, com premiações. Dois livros editados: Elas e Poesias de Pedra. Artista Plástica: participação em coletivas e premiação; produziu duas exposições sozinha.

Princesa do Norte
Tem nome de mulher
De vibrante inteligência.
Colatina traz em seu nome
A força do café.

Cheguei à cidade pela manhã, preparada para o concurso de artes plásticas, oferecido pela prefeitura, e em que eu havia me inscrito. Tela, pincéis, tintas e inspiração era tudo de que precisava para produzir.

Cada candidato teria que escolher um local para trabalhar. A minha escolha foi o Cristo Redentor. Ficar próxima desse monumento com 35 metros e meio de altura, e retratá-lo, era

assustador. Porém, o sol que se expandia a minha frente e o Rio Doce formariam um cenário perfeito para o meu trabalho. Tudo pronto e iniciei os meus riscados na tela. E entre riscos, rabiscos e cores, passei o dia envolvida com a produção.

Trabalho pronto exatamente na hora marcada, às 18h, e entregue para avaliação. O resultado do concurso só no outro dia, à tarde. A ansiedade tomou conta de mim até a hora final.

No outro dia, no horário marcado, lá estávamos nós, artistas, reunidos numa grande sala da Prefeitura.

Quando cheguei, misturei-me aos demais concorrentes, eram dez. Numa parede, a nossa frente, estavam os trabalhos pendurados. Telas enormes ocupavam o espaço, mas a minha ficava entre as menores. Pensei logo: sem chance para mim.

Iniciaram a premiação pelo quinto lugar, o quarto e depois o terceiro. Pensei: acabou para mim. Deram uma parada e depois retomaram, chamando o meu nome no segundo lugar. Tremor geral! Exclamei: “Eu”? Custou-me entender. Eu era a ganhadora de 500 dólares.

Festejos finais e fui agradecer ao Cristo Redentor pela oportunidade de vivenciar um dia tão inusitado.

UM DIA INESQUECÍVEL EM COLATINA

RITA SILVA RISSI

*Nascida e criada em Colatina, no bairro Acampamento.
Há 07 anos reside na cidade de Serra, ES. E-mail ritarissi6@gmail.com*

A educação sempre foi minha paixão. Concluí a graduação em Pedagogia – Administração Escolar no ano de 2000, na Fundação Castelo Branco, e foi quando comecei minha trajetória, que já percorre vinte e dois anos na profissão. Sou pós-graduada em Psicopedagogia e em Educação Especial, além de mais de cinquenta cursos e capacitações na área da Educação. Em julho de 2022 me formei em Psicologia e concluí mais uma pós-graduação, essa última é na área de Análise Aplicada do Comportamento para crianças com Transtorno do Espectro Autista. Atuo também na Educação Especial como Especialista em Deficiência Visual no município em que resido atualmente. Sempre gostei de escrever, principalmente poema e inclusive um deles foi publicado nos Escritos de Colatina no ano de 2021. A minha ligação com a arte também tem proximidade com o teatro e a dança, pois na minha atuação na educação sempre propus atividades em que meus alunos

pudessem aprender através da dramatização, música e dança. No ano de 2018, meu filho, aos treze anos de idade, começou fazer curso de teatro durante um ano e meio e paralelo a isso começou a performar como cover do Michael Jackson. À medida que foi se aperfeiçoando, vários convites foram surgindo para se apresentar, inclusive entrevista e performance para o programa “Em Movimento”. Atualmente foi reconhecido como Michael Jackson Capixaba. A arte me encanta e está presente no meu cotidiano, principalmente com um artista dentro de casa.

Certa manhã de um sábado frio, resolvi reviver um pouco das lembranças de uma trajetória memorável e de muita dedicação à educação. Abri gavetas onde os álbuns amarelados de fotografias se apresentaram logo de cara, depois envelopes e, por último, as pastas com trabalhos, portfólios e projetos. No fundo de uma pasta lilás, um jornal impresso com a data de 29 de julho de 2011 e o título “O Colatinense”. Na capa, sua impressão era colorida e o restante em preto e branco, composto por oito páginas. Em sua sexta página havia uma matéria com o título “Projeto incentiva leitura com participação da família”. Na reportagem havia também uma foto minha e de meus alunos na Biblioteca Municipal de Colatina, além da pedagoga e a apresentadora do Programa de TV da cidade.

Além da visita à Biblioteca, os alunos puderam ver a si mesmos na TV e ser exemplos para outras crianças. O projeto de leitura e escrita que desenvolvi durante dois anos com essa turminha, que naquele ano estava no segundo ano do ensino fundamental, tinha como título “Descobertas”. O projeto tinha por objetivo envolver as famílias para que os alunos pudessem ter mais oportunidades de melhor desenvolver suas competências de leitura e escrita.

A visita à Biblioteca Pública Municipal fez parte de uma das

etapas do projeto e outra etapa muito importante foi convidar os pais para irem até a sala de aula contar histórias para a turma. Lembro-me com muita emoção do dia em que meu pai foi como o primeiro convidado e a plateia mirim adorou o pontapé inicial dado pelo pai da professora. Ele sempre foi exemplo pra mim, pois sempre me incentivou a ler, e lia até de madrugada quando tinha mais silêncio e os filhos já haviam dormido. Hoje, aos oitenta anos, continua sendo exemplo para os netos e o que mais gosta de ganhar são livros. Os pais e professores são ou deveriam ser os maiores incentivadores.

A parceria com a família sempre aconteceu e cada semana um pai ou uma mãe ia até a sala contar uma história. Essa participação contribuiu muito para o aprendizado dos alunos. Ficavam ansiosos para escutar cada história contada pelos pais e felizes com a presença deles na nossa sala.

Naquela época a pesquisa e a leitura em livros físicos se faziam mais presentes. Hoje, pelo contrário, sabemos que devido às mídias digitais, não é tão comum. Vou continuar sendo exemplo e incentivando a leitura através de livros físicos tanto para meu filho, quanto para vizinhos, sobrinhos e alunos.

Em minha trajetória na educação, vivi e experienciei várias situações e com isso evoluí. Sempre fui criativa e desenvolvi vários projetos para motivar meus alunos a aprenderem de forma feliz. Mas o que eu mais gostava era ver os alunos contentes quando aprendiam a ler e quando viam suas famílias participarem das atividades propostas pela professora.

Comparado aos tempos de hoje, custo a acreditar que muitas crianças no período de alfabetização não puderam vivenciar momentos como esse, de afetividade, interação, visitação e socialização por conta da pandemia da Covid19. O distanciamento

social trouxe prejuízo na aprendizagem de muitas crianças, até mesmo no que diz respeito à observação por parte da escola quanto ao desenvolvimento das mesmas.

Desejo que a afetividade se faça presente todos os dias na vida de professores e alunos e que vários projetos sejam desenvolvidos alcançando o sucesso na aprendizagem, como este que relatei merecendo destaque no jornal de Colatina.

UM DIA INESQUECÍVEL DE COLATINA

ROQUE PLINIO LOSS

*Roque Plinio Loss é Irmão Marista. Tem 86 anos. Natural de Santa Tereza/ES.
Formado pela UFMG, pela UFLA. Biólogo. Pedagogo. Professor aposentado.*

Para mim, um dia inesquecível de Colatina aconteceu em 1945. Desejoso de conhecer Colatina e ver passar o trem pelo centro desta cidade, saí da localidade de Tancredo e fui no ônibus de Idalino Melotti acompanhado pela minha irmã Zélia Loss. O melhor local para ver o trem era olhar de cima da ponte do rio Doce. Fique atento e olhe para a ponte sobre o rio Santa Maria, dizia-me Zélia, pois o trem vem chegando e passa por ela. Meus irmãos já haviam falado que de vez em quando, lá de Tancredo, escutavam o apito do trem quando passava pela ponte do rio Santa Joana. Roque, olha lá o trem, cutucou-me a Zélia. Quando o trem passou sobre a ponte do rio Santa Maria, minha cabeça ficou sobressaltada, pois imaginava que o trem subia pelo alto da ponte e não pelo centro. Enfim, estórias sobre o trem de Colatina dariam para muitos causos...

AH! SE TEU PÔR DO SOL PUDESSE FALAR

ROSELI ÁGDA DE JESUS

Autora dos livros: Orvalho e O Conto de Mandubi. Compositora e cantora do projeto musical –Teu amor me faz viver. Licenciada em Letras Port/ Inglês. Pós-graduada em Literatura Brasileira. ID Lattes: 8088648533472600 Agda_li@hotmail.com

Eu tinha apenas dezesseis anos quando cheguei a Colatina. Era fim da tarde do meu primeiro dia na cidade, o Chevette marrom metálico modelo SL89 subia lentamente pelo morro do bairro Santa Margarida. No banco do carona, ergui-me um pouco e coloquei a cabeça para o lado de fora da janela, a paisagem era incrível. Ao longe, avistava o Rio Doce e a Ponte Florentino Avidos, que o atravessa, ligando o Centro ao Bairro São Silvano.

Encantei-me com o espetáculo apresentado pelo pôr do sol, o qual pintava o céu, formando uma paleta degradê. Nas nuvens e sobre o rio, as cores quentes se dissolviam, a noite se aproximava trazendo os primeiros raios das cores frias. Aquela beleza não eram apenas impressões de uma menina, afinal, na década de 60, a revista americana Time o destacou como um dos mais lindos pores

do sol do mundo.

Eu estava cheia de expectativas, pois cheguei à cidade para ser babá de uma criança de apenas três meses. Em meus planos, através daquele trabalho poderia pagar o curso de informática e comprar roupas e calçados; na verdade, esse era o combinado com a família da menina. Assim que cheguei, eles apresentaram minha nova rotina, que seria cuidar da menina e ao final do dia ir para a escola. Minha matrícula foi registrada no Conde de Linhares, bem ali, próximo à Rodoviária Alderico Tedoldi.

O casal passava por uma crise financeira, a esposa estudava no Ifes e lecionava em uma escola estadual, o marido era vigia. Ainda que minha vida estivesse totalmente voltada para a menina, eu conseguia perceber o quanto seus pais sofriam para incluir minhas despesas no planejamento financeiro da família.

Eu não conhecia as pessoas do bairro, passava o dia todo cuidando da menina, era minha única e melhor companhia. Conversava com ela naturalmente sobre meu dia a dia, parecia desenvolver um instinto maternal enquanto me envolvia em sua rotina. Acordava pela manhã, tomava o café e começava os cuidados com a menina. Ao despertar, ela abria seus grandes olhos verdes, pareciam duas esmeraldas brilhantes. Com olhar assustado, começava o primeiro choramingo de pedidos de colo.

Iniciaram-se os meses de conflitos, eu via a família passando dificuldades e não podia ajudar; precisava ir embora, mas eu não queria abandonar a menina. Todos os dias, à tarde, após dar o banho e mamadeira, eu a tomava nos braços e me aproximava do portão de ferro à beira da rua. Olhando lá do morro, o pôr do sol é baixo e a visão é completa. É possível ver os raios dourados se despedindo lentamente da ponte, das margens do rio, dos prédios e das nuvens mais distantes.

Muitas vezes lágrimas escorriam pelo meu rosto, enquanto eu cantava para ela, fixava o olhar naquela paisagem imaginando todas as possibilidades da vida com pensamentos aleatórios.

– Será que aquele pescador está levando muitos peixes para casa?

– E se aquela ponte cair com todo o peso dos carros?

– Oh! Deus me ajude!

Enquanto eu refletia, ela adormecia lentamente, dando pequenos suspiros em meus braços. Cobria-lhe o rosto com uma fralda branca, apoiava aquelas pequenas pernas gordinhas sobre meus braços magros e a levava para o berço.

Em todas as minhas memórias, o cenário do nascer e do pôr do sol naquele portão foi a maior testemunha do meu amor por aquela criança. Se pudessem falar, aqueles raios de sol descreveriam fielmente o abrir dos meus olhos aflitos pela manhã e o descansar da minha alma, quando a criança se acalmava em meu colo ao entardecer. Quanto mais eu me apegava à criança, mais difícil se tornava minha decisão de ir embora.

Certo dia, a mãe da criança me chamou para conversar, disse que não tinha condições financeiras para manter mais uma pessoa na família. Pude compreender sua decisão, pois presenciei os momentos difíceis que passavam e não havia previsão de mudanças até que ela se formasse na faculdade.

Pela manhã, o casal me levou até a rodoviária. Antes de sair de casa, me deram um pouco de dinheiro. Sentamos num banco da estação rodoviária. Enquanto esperávamos o ônibus, o casal ficou em silêncio, mas ambos pareciam ter lágrimas presas nos olhos, quase não podiam olhar pra mim. Levantei-me em direção a uma barraca de camelô, que ficava ao lado da rodoviária, comprei um bichinho de pelúcia e entreguei à menina. Aquele gesto expressava

minha despedida e um sentimento de culpa por deixá-la para trás. Ela balbuciava inocentemente, enquanto meu coração parecia lamentar – Ah! Se você pudesse falar, talvez pedisse pra eu ficar.

Minha garganta parecia arranhar por um choro que não sairia enquanto não nos despedíssemos. Abracei-os demoradamente e saí. No momento em que entrei no ônibus, comecei a chorar copiosamente. Eu não conseguia controlar minhas lágrimas. O relógio da memória havia retrocedido seus ponteiros ao primeiro dia em que cheguei. Evitei pensar sobre minhas expectativas frustradas. Olhei pela janela, avistando os raios do sol aproximando-se cada vez mais sobre a cidade, enquanto eu partia.

UMA TARDE EM COLATINA

SIMONE G. KOBİ SANTOS

*Graduada em Serviço Social; pós-graduada em Políticas Sociais.
Canta em cerimônias de casamento, cultos, formaturas, eventos corporativos.
E-mail: simonekobi@gmail.com*

Belo dia após o almoço, decidi sair, disposta a conhecer um pouco das belezas desta terra que me acolheu.

Encantada fiquei ao ver a beleza no horizonte de uma parte da bela Avenida Beira-Rio; e, ao longe, o histórico Rio Doce que corta a cidade. Muitas coisas se passaram por minha mente, levando-me a recordar as histórias que ouvi de grandes embarcações que num período da história da cidade passaram por ali.

Conheci a ponte de ferro que carrega marcas do tempo e que para mim são de grande valor, retrataram em meu olhar uma beleza e admiração que tenho por coisas antigas, levando-me ao tempo que se passou e que marcou toda uma história de desenvolvimento desta cidade.

Confesso ter um grande apreço por recordações e histórias que marcam uma época ou períodos, pois elas carregam em si

uma parte de muitos acontecimentos importantes e que fizeram diferença na vida de muitos.

Colatina, cidade com um povo acolhedor e de um dos entardeceres mais belos que meus olhos já puderam presenciar e fotografar em minha vida!

Viva Colatina, terra querida! E que já ganhou um espaço em meu coração!

UM DIA INESQUECÍVEL EM COLATINA

SONIA MARIA RODRIGUES ROSSETO

Escritora, casada, mãe, artesã, natural de Cariacica, ES. Bacharelado e licenciatura em Pedagogia, pós-graduação em LIBRAS. Membro da Academia Feminina Espírito-santense de Letras. Obras: "O Sonho do Toninho", "A serpente Dalila", "A panela encantada", "Cirina, uma mulher para ser lembrada, sempre".

Sáimos de Vitória logo que os primeiros raios de sol estavam a iluminar a cidade.

A garrafa de café já estava dentro da bolsa térmica e os pães com salame e queijo, dentro de uma sacola e colocados em um bernal, para não endurecerem. Eles teriam que ficar macios para serem devorados logo depois de Ibirapu, onde íamos fazer uma parada para o lanche e tirarmos fotos.

Lanchamos e seguimos direto. Deixamos a BR 101 e seguimos pela BR 259; destino Colatina!

A nossa viagem durou duas horas e trinta minutos! A programação da nossa estada nessa cidade linda ficou a cargo de uma amiga que mora em São Silvano. Ela já nos aguardava para nosso primeiro passeio.

Fomos direto para o bairro Bela Vista visitar a estátua do

Cristo Redentor. Como o nome já diz, a vista de lá de cima é linda, talvez por isso o nome bela vista. O rio Doce dá gosto de observá-lo lá do alto, assim como também a ponte que divide a cidade.

Depois, fomos visitar o polo industrial de Colatina, que é um dos melhores do Estado. Compramos bastantes roupas de cama e vestuários. Aliás, a nossa viagem teve, além de outras, essa intenção: aproveitar para renovar o nosso guarda-roupa. É um encanto andar pelas ruas de Colatina. Entre uma loja e outra, saíamos andando numa tranquilidade porque a cidade tem ar bucólico e a segurança pública funciona. O povo dessa cidade é tranquilo! A violência é quase zero.

Seguimos para um almoço, pois só o lanche da manhã já não estava valendo. Antes do almoço, visitamos a Biblioteca Municipal, que fica no bairro Esplanada, pertinho do centro. Lá, fomos bem recebidos e pudemos conhecer bem toda a estrutura montada para receber alunos e o público em geral. Às vezes eu não me dava conta de que estava em Colatina! Acostumada a fazer vários passeios em outras cidades e em outros Estados, me pegava pensando que estava fora do Espírito Santo!

Após o almoço, fomos para a casa de Mirian. Ela queria que conhecêssemos sua nova casa em São Silvano. Estávamos a descansar, mas, o nosso sentido era no pôr do sol. Toda a população capixaba sabe ou, se não sabe, vai ficar sabendo que Colatina tem o segundo mais belo pôr do sol do mundo. E eu estava ali para fotografar e confirmar tal beleza.

Fomos para o calçadão à beira rio antes do entardecer, para tomarmos um sorvete; à espera da estrela maior. A surpresa foi muito grande ao vermos, pela primeira vez, o pôr do sol de cima da ponte. Fiquei maravilhada! Nunca vi tamanha lindeza! Senti vontade de que nunca acabasse aquele momento. Eternizei-o

numa foto que guardo para a eternidade. Sempre tenho vontade de voltar àquela maravilhosa cidade para admirar o sol partindo, e deixando a cidade avermelhada de tanto amor.

No outro dia, ao nascer do sol, saímos de volta para Vitória.

Em mim ainda é latente a vontade de voltar para curtir outras atrações dessa linda cidade, chamada carinhosamente de Princesa do Norte.

UM DIA INESQUECÍVEL EM COLATINA

SUELY DE FÁTIMA SELVÁTICI ZANOTELLI

Professora de Língua Portuguesa e Literatura Brasileira, com especialização em Língua Portuguesa e Planejamento Educacional pela Universidade Salgado de Oliveira – UNIVERSO. Membro da ALARC – Academia Colatinense de Letras e Artes. E-mail: suelyselvatici@hotmail.com

*Sei muito bem que na infância de toda gente
houve um jardim, Particular ou Público, ou do
vizinho. Sei muito bem que brincarmos era o
dono dele. E que a tristeza é de hoje.*

Fernando Pessoa

Em toda infância há um jardim, mas aqui não havia jardins; havia, sim, um cemitério. O grandioso cemitério de São Vicente, quase um castelo, com mil torres. E continua lá majestoso, pronto a receber os novos e resignados habitantes prestes a serem canonizados.

Não é um Père-Lachaise, o cemitério de Paris, onde estão sepultados Balzac, Delacroix, Chopin, Molière, Jim Morrison, Edith Piaf ... E nem o São João Batista, do Rio de Janeiro, morada

agora de Portinari, Carmem Miranda, Santos Dumont, Vinícius de Moraes...

Mas as crianças do bairro faziam dele a sua praça de lazer. E sempre que tinham uma oportunidade, iam para lá brincar. Ali deixavam fluir a imaginação, pensando em assombrações saindo das catacumbas e outras fantasias pueris. E havia mais essa: aquelas crianças pareciam imunes a bactérias, comiam o que ali encontravam: melão de São Caetano, coquinho de cansação... e havia também as tanajuras, que surgiam em algum dia de verão e não escapavam. As crianças alfabetizadas, orgulhosas, gostavam de ler os epitáfios para que todos ouvissem. Alguns eram tão profundos, que doía rasgando o peito. Quando o sol se punha, iam para casa; não queriam ficar presos ali à noite.

Naquele bairro, não entendíamos por que tantas crianças morriam. Era a sina, diziam alguns. Não se falava, ali, em saneamento básico, desnutrição, desigualdade social... era um povo sofrido que trabalhava tanto quanto aquele burro da carroça do velho Tônico, e nunca reclamava. A ignorância é uma máquina de moer carne, dizia meu pai, que sonhava com um mundo melhor. Os miúdos ali quase não vingavam. Alguns raquíticos, com o conhecido mal de simioti, antes de dois anos já eram chamadas por Deus, como diziam os mais velhos.

Nesse tempo era comum colocar uma vela na mão dos enfermos, para não morrerem na escuridão, profetizavam.

E assim que a criança dava o último suspiro, a meninada saía para buscar flores que adornariam o defunto. Foi aí que tomei ranço de rosas. Que flor soberba, eu pensava. É que, quando via uma roseira nas casas vizinhas, íamos logo dizendo: – A Senhora pode me dar essa rosa para enfeitar o caixão de um anjinho que Deus chamou? E as velhas sempre se negavam a tirar as rosas.

Elas colhiam margaridas, lírios, beijinhos, onze-horas, moçavelha, gérberras, papoulas... mas rosas mesmo, nunca! Ficávamos revoltados, mas só até a outra morte. Eram tantos velórios...

Teresa, uma menina com seus 11 anos, sapeca e mormente sonhadora, brincando de cabra-cega, furou o pé numa lata velha. Colocaram emplastro de fumo e cinza, tampando assim o corte. Foi fatal a ignorância! Não sabiam que o tétano é anaeróbico, que só se prolifera onde não entra ar. Dor! Menos uma nas nossas brincadeiras, e a saudade que batia sem avisar e enchia coração de dor, com lágrimas que aprendemos cedo a engolir.

Certa vez, numa tarde, ouvimos uma cantoria se aproximando da escola. Era o cortejo do irmão de uma coleguinha da outra sala. As duas professoras resolveram levar as turmas para acompanhar o funeral. A criançada, mais eufórica que maritaca, foi acompanhando o caixão. Chegando ao cemitério, todos ficaram em volta do caixão. Fizeram a costumeira despedida: — Segura nas mãos de Deus e vai. A gurizada jogou flores sobre o caixão. Quando o coveiro pegou a pá de terra, o barranco desmoronou e uma criança caiu na cova, ficando soterrada. Alguém gritou para mim: — É a sua irmã! No momento, não tive um bom presságio e num impulso comecei a cavar a terra com as mãos tentando libertá-la. E assim fizeram as outras crianças, desafogando a Mãisa que ficou irreconhecível e inerte. O coveiro puxou-a, tirando-a dali. Ela se levantou ainda com a boca cheia de terra misturada com sangue do corte da testa, que foi rasgada pela cruz de ferro que caíra junto, contudo ela estava serena, distante, até se assemelhava a uma boneca de barro. Penso que não tinha a dimensão do perigo que ela correria e nem consciência do nosso desespero. Eu estava agora feliz ao ver que minha irmã não sucumbira porque na minha ânsia invoquei o Senhor, gritei por socorro e meu clamor foi ouvido.

Então a terra se arredou e libertou-a do seu sufoco literal.

E ali, eu descobri que a felicidade, às vezes, é tão avassaladora que cala tudo e reduz todo e qualquer desespero em um sopro, nos libertando do jugo que o medo nos impõe.

A essa altura, o ocorrido já chegara aos ouvidos de mamãe, que visionou o pior e veio atarantada; pegou a filha no colo e no calor do susto, atônita, ainda lhe prometeu umas palmadas para não ser tão distraída.

Que sufoco! Retornamos à escola na certeza de que durante muito tempo teríamos essa história para contar.

MEU CARO AMIGO E SAUDOSO DIRETOR, CAETANO BRAVIN

THIAGO DADALTO PISSIMILIO

*Professor de Sociologia na Educação Básica, Diretor Escolar
da EEEFM Professora Néa Monteiro Costa – Colatina/ES.*

Meu primeiro emprego no magistério foi como professor efetivo da Rede Pública Estadual, isso no ano de 2009, quando fiz parte do primeiro grupo de professores da Rede a ser aprovado para o componente de Sociologia. Com uma disciplina que precisava de muitas turmas para compor uma cadeira, buscava assumir uma escola relativamente grande, e recém-egresso da UFES, com uma vontade de respirar novamente ares interioranos, a escolha do Polivalente de São Silvano foi um caminho natural.

Quando iniciei, Caetano Bravin já era a lenda viva. Como ele mesmo gostava de destacar, foi eleito pela comunidade por unanimidade, desde 1993, permanecendo até seu falecimento em 2011. Foi meu primeiro diretor, meu conterrâneo marilandiense, lá das bandas do São Marcos. Professor de História, homem espirituoso, liderança nata, carismática, enérgica, pessoa generosa,

que teve na direção escolar seu projeto de vida mais bem-sucedido.

Retornando da capital, onde estagiei em colégios tradicionais de nosso Estado, chegar ao Geraldo Vargas foi uma grata surpresa. O nosso Polivalente era a maior escola pública do Espírito Santo, contando com aproximadamente 3000 alunos, com 29 turmas em um único turno, sendo todas lotadas. Um verdadeiro colosso educacional. Aquilo tudo muito grandioso era inequivocamente obra coletiva, construída a muitas mãos, mas também não restavam dúvidas de que era fruto da liderança peculiar de Caetano Bravin.

Liderança peculiar, porque assumiu responsabilidades de que não se tem notícia que algum outro Diretor Escolar tenha assumido algo semelhante neste Estado. Desconheço Diretor que tenha construído prédios, expandido salas de aula, contornado movimentos grevistas de seus profissionais, bancado salário atrasado de professor, ampliado matrículas, promovido formação de seus profissionais, realizado as manutenções de próprio punho, tendo até marcenaria na escola, dentre tantas outras realizações históricas e grandiosas, com um fato marcante: sem a participação do mantenedor, em uma época em que o Estado tinha pouquíssima capacidade de realização e entrega.

Caetano exalava orgulho pelo Geraldo Vargas. Estufava o peito para falar das conquistas esportivas, que muitas vezes ele ajudava a ganhar no grito fora de campo, com irreverência típica de um torcedor que não esquentava muito com a mãe dos árbitros. Falava com altivez do uniforme que esverdeava a cidade. Louvava o sucesso de seus egressos, ocupando posições de destaque na sociedade e também dos resultados alcançados pela escola nas avaliações externas das quais participava.

Suas estratégias pedagógicas e metodologias de gestão, talvez hoje fossem consideradas ultrapassadas, mas na época não

deixavam de ser inovadoras e heterodoxas, que demonstravam a preocupação do colega Diretor com o andamento de sua escola. Na época em que evasão e reprovação não eram assumidas como problemas, Caetano já circulava com a D-20 vermelha, recolhendo alunos uniformizados que estavam perambulando pela cidade em horário de aula. A companhia para buscar goiaba para o famoso suco era pretexto para um atendimento qualificado de orientação e escuta ativa de seus alunos. Hoje se fala em escola acolhedora, mas Caetano, há mais de 30 anos, já praticava visitas domiciliares na busca de alunos, tudo sem muita cerimônia, mas com muita energia e dedicação à juventude, característica esta última que marcou esse colega Diretor.

Sei que o tema dos “Escritos” deste ano é “Um dia inesquecível em Colatina”, e desde já, peço perdão aos organizadores desta obra coletiva, mas um dia é muito pouco para exaltar a memória de Caetano.

E por isso, hoje, como também diretor escolar, deixo meu agradecimento público a esse homem que fez história em nossa Colatina, que marcou mais que um dia em minha vida. Caetano marcou época em nossa cidade, e sempre será inspiração para nós que o conhecemos e que hoje buscamos continuar sua missão, adequando-nos aos novos e desafiadores tempos atuais. Caetano foi a lição de que a paixão pelo que fazemos é válida quando temos um propósito!

O SOL POENTE É A CURA 2

WERLEN DE OLIVEIRA GON

*Secretário de Gabinete Parlamentar na Câmara Municipal de Colatina.
“Gosto de ler, mas minha paixão é pela fotografia e vídeos, registrar momentos
que muitas vezes passam despercebidos por muitos e, para mim, é como
se naquele momento tudo se congelasse e ficasse registrado para sempre”.*

Dias, semanas, meses se passaram desde o primeiro texto feito para a primeira edição deste livro. De lá para cá muitas coisas mudaram, como tudo nesta vida muda. A cada dia despertamos com oportunidades de viver novas experiências. O vírus que havia parado o mundo continuava a contagiar pessoas, mas não era tão letal como antes, e isso trazia paz aos corações. A rotina foi retomada, tudo voltará ao “normal”, será?

Normal, com certeza, nunca mais será, o mundo ficou mais vazio, várias pessoas se foram, amigos, parentes, desconhecidos. Descobrimos o medo de perder pessoas e de também perdermos algo que tanto nos ajuda a seguir em frente, no dia a dia: nossa liberdade.

São muitos os relatos de pessoas que ainda carregam consigo

alguns vestígios desse vírus, seja uma tosse, um zumbido, o paladar que nunca mais voltou a ser como antes, talvez alguma dor que antes não sentia. Mas existe algo pior, muitos ainda seguem com a alma abalada, seja pela dor da perda, seja por tudo o que o medo causou em todo aquele período; outros buscaram sabiamente a ajuda de um profissional da psicologia, mas a pergunta que fica é: tem cura pra tudo isso?

Encaixo-me perfeitamente no grupo de pessoas que ainda sentem o impacto que tudo isso causou na mente, e, principalmente, nas emoções. Mesmo após tudo voltar a seguir o fluxo da rotinas dos nossos dias, ainda assim me deparo, às vezes, com lembranças daqueles dias, cenas que se assemelhavam com as dos filmes e séries apocalípticas, algo realmente assustador.

E sabe o que me assusta ainda mais? É a frustração de achar que sairíamos melhores dessa terrível experiência. Voltamos com as mesmas manias, mesmas atitudes, sem tempo para nada, o dinheiro sempre acima das pessoas, a ganância, a soberba, olhares altivos, enfim, tudo isso somado a todos os medos, são gatilhos que me fazem parar e refletir sobre tudo, e, mais uma vez, vou ao meu lugar secreto, meu pequeno e simples terraço, se é que posso assim chamá-lo, e de lá contemplar a vista para o pôr do sol de Colatina. Mas preciso confessar algo: Descobri que não apenas preciso subir ali para ter esse contato direto com a criação de Deus. Posso estar onde for, que na parte da tarde conseguirei avistar o mais belo espetáculo da natureza, e ali me conectar com aquele que transmite toda a paz e toda a cura aos corações humanos. Seja nas proximidades da beira rio, seja próximo à área verde, ou de algum ponto alto da cidade. Até mesmo de algum prédio, o momento do sol poente é sagrado para mim.

Ali percebo que sou limitado, que dependo de alguém muito

maior, pois não sou responsável pelo início ou pelo término do dia, pois ele irá acontecer independente de minhas ações. O que preciso fazer é tornar aquelas 24 horas melhores, para mim e para quem estiver ao meu redor.

Ou seja, o sol poente é a cura quando eu me permito entender que o grande Criador do universo é de fato aquele capaz de usar a sua natureza para limpar qualquer dor do passado.

E quando os dias forem cinzentos, com nuvens que insistem em encobrir o sol? Aí fica para a próxima, mas posso adiantar: Há cura para tudo nesta vida! Ele é a cura.

ANEXOS

Hino de Colatina

MAESTRO WALFREDO RUBIM

Saudade, Colatina eu terei
Saudade, do teu povo tão gentil
Saudade deste solo que pisei
Recordarei, o teu céu cor de anil

...

Teus bairros, sentinelas a velar
Teus rios mansamente a deslizar
Teus morros em oração
Eu sinto assim grande emoção

...

Refrão:

Avante, linda Princesa
És bem febril
Tu és, toda grandeza
És bem sutil
Tu és Brasil

...

Desperta, ó mocidade
Vê a pujança deste berço
Não hesites um só instante
Esteja sempre vigilante

...

Mostra tua cidade
A todos visitantes
E verás assim seu dever cumprido
E serás feliz o teu povo garrido

...

Se eu partir pra não mais voltar
Te levarei Colatina no meu coração
Não cansarei de sempre te exaltar
Assim eu viverei em comunhão

Feliz cidade

DIMAS DEPTULSKI

Felicidade é morar numa cidade feita do jeitinho
Pra gente ser feliz

Em cada esquina um canteiro de vontade
De plantar um pé de sonho pra virar realidade

Em cada casa um sorriso em cada rosto
Pra plantar no mês de agosto e colher no ano que vem

Felicidade é gostar de onde a gente mora
De onde nunca vai embora
E a saudade faz voltar

E sente falta da princesa que é menina
Nosso lar é Colatina aqui é o nosso lugar

É quando a gente vendo o sol tem a certeza q a cidade
É uma princesa, e o jardim tá todo em cor

E a gente pinta tudo isso de aquarela e a cidade
Vira tela, vira sonho vira flor

É quando a gente vendo o sol tem a certeza que a cidade
É uma princesa, e o jardim tá todo em cor

E a gente pinta tudo isso de aquarela e a cidade
Vira tela vira sonho vira... Flor

Terra Enamorada

LUAN SOREI

Vejo o pôr-do-sol, por detrás da ponte
Realça teu relevo, cada vale e monte
Vejo sua história, uma longa estrada
Princesa do norte, terra enamorada

Vejo os sorrisos, olhar de esperança
De quem dá e recebe, de quem trabalha e alcança
Do seu povo um canto a se repetir
Agradeço tanto por viver aqui

Cidade amada de um povo forte
Terra enamorada, princesa do norte
Ó quão doce é o Rio Doce a fluir
Agradeço tanto por viver aqui
Agradeço tanto por viver aqui
Agradeço tanto por viver aqui

